

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC-SP**

Gianne Neves Oliveira

**JOVENS EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS:
experiências para entrada na vida adulta**

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Gianne Neves Oliveira

**JOVENS EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS:
experiências para entrada na vida adulta**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais sob orientação do Prof. Dr. Miguel Wady Chaia.

São Paulo
2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Wady Chaia

Profa. Dra. Sílvia Helena Simoes Borelli

Prof. Dr. Marco Antônio Carvalho Teixeira

AGRADECIMENTO

Este mestrado foi a possibilidade de aperfeiçoar habilidades, desenvolver outras, conhecer o novo e repensar o já visto. Distanciei-me e me aproximei das pessoas, das questões, do objeto da minha pesquisa e dos desafios, indo e voltando, como o movimento do *zoom* de uma câmera, na tentativa de definir e redefinir melhor cada um deles. Como foi angustiante ao mesmo tempo feliz, como eu aprendi. E, a cada dia, percebia o quanto ainda me faltava e ainda me falta. Uma experiência desafiadora e que se tornou mais suave porque tive ao meu lado pessoas e instituições que me apoiaram, por isso agradeço:

Ao meu amado companheiro, Robson Ramos, que, ao longo desses dois anos, lidou com grandeza com a minha distância e mostrou-se disponível para me ouvir falar, falar e falar. Nesses momentos, fez-me as perguntas mais simples, porém as mais importantes para que eu me fizesse compreender em meus pensamentos.

À minha mãe Maria Helena Neves e à minha irmã Ana Paula Neves, que, mesmo sem compreender muito bem o que tanto eu lia e escrevia, respeitaram de forma sem igual o meu tempo e espaço.

Ao meu querido professor orientador Miguel Chaia, por sua gentileza, disponibilidade e respeito. Ensinou-me muito! Entendi o que é ser uma pesquisadora e, principalmente, ajudou-me a ser um ser humano melhor. Admiração para sempre.

Ao professor Paulo Carrano, da UFF, que foi meu coorientador na elaboração do meu projeto de pesquisa. Ajudou-me a acender luzes e acessar diferentes lugares do saber junto com seu grupo de orientandos no ano de 2010.

À equipe da Fundação Carlos Chagas, do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford, programa do qual fui bolsista. Agradeço imensamente a oportunidade de ter feito o mestrado com suporte, estrutura e qualidade.

Aos jovens Carla Modesto, Carlos André Holanda, Diego Bion, Fábio Breves, Jô Medeiros, Poliana Tavares e Raquel Mendes, que prontamente aceitaram meu convite para participar dessa pesquisa e de forma tão solidária e gentil abriram suas histórias de vida e suas casas para que eu pudesse compor este estudo. Sem suas lindas trajetórias esse momento não seria possível.

Ao CECIP/*Tv Maxambomba* e toda a sua equipe, fontes de inspiração. Obrigada pelos anos de aprendizado e por permitir que eu transformasse toda essa experiência neste estudo.

À minha homeopata Beth Cardoso, que me escutou de forma atenciosa e me ajudou a lidar com minha ansiedade, angústia e dúvidas, ajudando-me a recuar e avançar na elaboração deste trabalho.

Ao Luizão Lima, amigo de longa data. Foi o meu tudo na gravação dos depoimentos dos jovens. Nunca saberei como retribuir.

Ao Flavio Ceccon e Carlos André Holanda, que fizeram meus DVDs com cópias dos vídeos que foram tão primordiais nesta pesquisa. Todo meu carinho a vocês.

À Shirley Martins, que diagramou lindamente diferentes materiais durante o mestrado. Muito querida!

À Cláudia Ceccon, que abriu as portas do CECIP e seu coração para colaborar com meu trabalho. Foi parceira, sempre me dizendo sábias palavras e me mostrando caminhos possíveis.

Ao Claudius Ceccon e à Dinah Frotté, que se disponibilizaram a ouvir e debater resultados prévios desta pesquisa para que eu pudesse continuar avançando.

Às amigas do Rio, Thatá Guilherme e Ilca Bandeira, que me fizeram rir e chorar com suas palavras de apoio e admiração, dando-me forças para continuar.

Aos amigos em São Paulo, que emprestaram seus ouvidos, corações e suas casas, fazendo dessa cidade um novo lar para mim. Mazé dos Santos, Loide Muniz, Monica Mumme e Rose Nascimento. Queridas sempre!

Ao professor Marco Antônio, que me deu sugestões e fez valiosas críticas ao meu trabalho em minha qualificação que tanto me fizeram avançar na pesquisa, reflexão e produção de conhecimento.

Aos colegas e aos professores do Programa de Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, pelo acolhimento e pela troca. Agradecimento especial à professora Sílvia Borelli, parte da minha banca, que me encantou desde sua primeira aula com tamanha energia, alegria e saber. Desafiou-me sempre com seus questionamentos e inquietações, afirmando o que eu acredito: somos eternos aprendizes.

RESUMO

Esta pesquisa buscou interpretar as formas como jovens egressos de projetos sociais de comunicação, da área de produção audiovisual, estão ingressando na vida adulta, enquanto sujeitos sociais e políticos. Através da análise dos projetos com jovens, *Botando a Mão na Mídia* (BMM) e *Essa TV é Nossa*, desenvolvidos em escolas localizadas na Baixada Fluminense (RJ), no início dos anos 2000, sob a coordenação da ONG Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), e do relato de vida de seis jovens egressos desses projetos, foram produzidos dados que podem contribuir para a reflexão sobre os limites e possibilidades da ação de ONGs junto aos jovens moradores de periferia, tanto no processo de formação e desenvolvimento juvenil quanto no processo de criação de políticas públicas voltadas para esse segmento. O tema da transição para a vida adulta perpassa este estudo, considerando que o projeto social pode ser suporte para o futuro, contribuindo para que os jovens enriqueçam seus repertórios e ampliem seu leque de escolhas a partir da confirmação ou criação de valores. Este estudo foi realizado na área das Ciências Sociais, no qual a narração juvenil é o eixo metodológico. Constatou-se que o trabalho de organizações não governamentais segue sendo realizado na tentativa de eliminar as desigualdades e instaurar cidadania. Tais iniciativas têm produzido resultados sociais que devem ser considerados, principalmente no âmbito do estímulo ao desenvolvimento da capacidade humana.

Palavras-chave: Juventude; Projetos Sociais; Produção de Vídeo; Política Pública.

ABSTRACT

This research sought to interpret the ways in which young graduates of Social Communication projects, in the area of audiovisual production, are entering adulthood, as social and political subjects. Data was produced through analysis of the projects with young people, “*Botando a Mão na Mídia – BMM*” (Putting Your Hand in the Media) and “*Essa Tv é Nossa*” (This is Our Tv), developed in schools located in the outskirts of Rio de Janeiro, in the early 2000s, under the coordination of the non-governmental organization (NGO) “*Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP*” (Center for Creation of Popular Image) and the life story of six young graduates of these projects. This data can contribute to the debate about the limits and possibilities of NGOs’s initiatives with the young residents of the outskirts, both in the process of education and youth development, as in the creation of public policies aimed at this segment. The theme of transition to adulthood permeates this study considering that the social project can serve as a support for the future, helping young people enrich their repertoire and expand their range of choices from the confirmation or creation of their value system. This study was conducted in the area of Social Sciences, where youth narration is the methodological axis. It was found that the work of NGOs is still done in an attempt to eliminate inequalities and to establish citizenship. Such initiatives have produced social outcomes that should be considered especially in encouraging the development of human capacity.

Keywords: Youth; Social Project; Video Production; Public Policy

LISTA DE SIGLAS

BMM	<i>Botando a Mão na Mídia</i>
CECIP	Centro de Criação de Imagem Popular
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
Conjuve	Conselho Nacional de Juventude
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
Faetec	Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro
IAS	Instituto Ayrton Senna
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não-Governamental
PJE	Programa Jovens Escolhas
RB	Repórter de Bairro
SMH	Secretaria Municipal de Habitação
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Percurso metodológico	22
O vídeo na pesquisa	24
1. CECIP – CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE, COM E PARA A JUVENTUDE	27
1.1. A ONG CECIP: recortes da sua história	27
1.2. Projeto <i>Botando a Mão na Mídia</i>	39
1.3. Projeto <i>Essa Tv é Nossa</i>	43
2. JOVENS DA BAIXADA FLUMINENSE: A INTERFACE JUVENTUDE, PROJETOS SOCIAIS E TECNOLOGIA NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA	53
2.1. Abordagens juvenis.....	53
2.2. Jovens da Baixada Fluminense em foco: seis histórias editadas	58
2.2.1. Carla e sua busca por seus objetivos profissionais	58
2.2.2. Carlos André e o seu olhar através da câmera.....	62
2.2.3. Diego Bion, tecendo redes e relações	66
2.2.4. Fábio Breves, o ser e o conviver.....	71
2.2.5. Jô Medeiros, com arte e ousadia.....	74
2.2.6. Poliana Tavares, da realidade ao sonho.....	77
3. A PRODUÇÃO JUVENIL: JOVENS EGRESSOS ATRAVÉS DA IMAGEM.....	81
3.1. Bairro Botafogo: passado e presente.....	81
3.2. O que é ser jovem.....	83
3.3. Telejornal Asa Branca.....	85
3.4. Telejornal ligado na juventude.....	87
3.5. O que é ser jovem?	89
3.6. Jornal das comunidades	92
3.7. A Escolinha do Professor Moderninho	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	104

INTRODUÇÃO

O Brasil tem atualmente uma população jovem-adulta, das periferias, que teve em sua trajetória de vida a específica experiência de participar de projetos sociais em diferentes áreas, o que se transformou em mais um critério que pode fazer ou não diferença na vida desses jovens. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo interpretar as formas como jovens egressos de projetos sociais de comunicação, da área de produção audiovisual, estão ingressando na vida adulta, enquanto sujeitos sociais e políticos.

A construção do objeto desta pesquisa se deu a partir da experiência, desde 1999, em projetos sociais com jovens estudantes da Educação Fundamental e do Ensino Médio de escolas públicas, localizadas nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro. Nesses projetos, alunos participavam de oficinas de produção audiovisual. Eles utilizavam essa ferramenta de comunicação para expressar suas opiniões sobre temas de seus interesses, refletir sobre suas comunidades, incluindo a escola, e ainda realizavam ações de mobilização que poderiam melhorar seus cotidianos.

Através da análise de projetos sociais, com jovens, desenvolvidos pela ONG Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) e do relato de vida dos jovens egressos desses projetos, foram produzidos dados que podem contribuir para a reflexão sobre os limites e possibilidades da ação de ONGs junto aos jovens, visto que, em sua maioria, são organizações financiadas pelo setor privado e que, portanto, seus projetos sociais têm limitações como duração, abrangência e possibilidade de continuidade.

Para esta pesquisa foram selecionados seis jovens que participaram de dois projetos realizados por essa ONG. Em entrevistas, gravadas em vídeo, os jovens descreveram os projetos nos quais participaram no passado e suas experiências pós-projeto até o presente momento, o que possibilitou a reflexão sobre o perfil dos projetos e ações voltadas para a juventude, ultrapassando a ideia do jovem como ameaça ou ameaçador. Além de fornecer algumas indicações, à exemplo, o papel de projetos sociais com jovens, na influência sobre políticas públicas para a juventude moradora de periferias, que, em sua maioria, são descontinuadas, setORIZADAS e de cunho assistencialista.

Este estudo contribui para a produção de conhecimentos sobre a juventude brasileira por meio da interface jovem e mídia. Nesse sentido, foi feito um levantamento bibliográfico sobre essa interface, sendo possível perceber que o número de pesquisas realizadas na área das Ciências Sociais, com enfoque no processo de produção audiovisual como um ato educativo, é bastante reduzido. Conforme destaca Setton (2009), em seu trabalho sobre TIC's como recurso pedagógico, nenhum estudo foi desenvolvido nas áreas das Ciências Sociais.

Pesquisas realizadas na área da educação, de acordo com Setton, apontam esse caráter pedagógico das tecnologias, quando são utilizadas, no âmbito de instituições educativas, sejam elas formais ou informais, a linguagem audiovisual se apresenta como um instrumento de transformação, reflexão ou autossensibilização dos jovens.

Estes novos recursos tecnológicos seriam uma via para a democratização dos meios de produção das imagens e do saber, novos meios de controle e poder por parte dos grupos sociais minoritários que os ajudariam a quebrar estereótipos, bem como seriam instrumentos de sensibilização estética. São estudos que refletem sobre mídias participativas a partir de uma metodologia alternativa na qual a população faz uso direto de sua produção; seus usuários são narradores de sua própria história. (SETTON, 2009, p. 72)

Tal análise amplia o estudo dos recursos tecnológicos, pois considera a democratização dos meios de produção da informação e do conhecimento. Setton ainda continua fazendo análise desses estudos:

Uma discussão que inova, pois enfoca o processo de produção e não o produto; uma reflexão que propõe uma comunicação horizontal das mídias. Neste sentido, eles se filiam a uma perspectiva que valoriza a articulação interdisciplinar da comunicação, uma educação associada à política. (Ibid., p. 72)

A partir dessas afirmações, esta pesquisa tem como área de conhecimento as Ciências Sociais, na busca por compreender o indivíduo, sua capacidade de contribuir para as transformações sociais, a partir da sua interação com as tecnologias de comunicação por meio de projetos sociais.

Considerando Setton (2009) no que se refere aos temas jovens e mídia, as pesquisas realizadas nas áreas das Ciências Sociais consideram os jovens enquanto consumidores das mensagens dessas mídias, como são ou não influenciados por elas, ou seja, como passíveis de serem influenciados, mas não passivos a essas mídias, já que possuem capacidade para criticar as

mensagens ali veiculadas. Entretanto, passíveis ou não, não são apontados como produtores dessa mídia.

Ainda com base nesse levantamento bibliográfico sobre a interface juventude e mídia, percebeu-se também que existe, em diferentes áreas do conhecimento, uma escassez de estudos sobre as consequências, em longo prazo, de projetos sociais de produção audiovisual na vida de jovens egressos desses projetos. Assim, esta pesquisa privilegia o tempo, vivido pelos jovens, posterior à finalização dos projetos sociais, como uma maneira de indicar as consequências dessas ações no fortalecimento do desenvolvimento individual e a inserção social e política desses jovens.

Para contribuir para essas lacunas, identificadas no levantamento bibliográfico, na área das Ciências Sociais, este estudo foi estruturado em três linhas de pesquisa: a produção audiovisual como um ato educativo de jovens, quando a formação técnica é uma possibilidade para ampliar repertório e produzir de valores; juventude enquanto uma categoria em construção, considerando as suas singularidades e também suas características universais na elaboração e no desenvolvimento de políticas sociais juvenis; Projetos Sociais com jovens, realizados por ONGs, como políticas de inserção social mais ampla e como possíveis modelos para a realização de políticas públicas juvenis.

Essas três linhas foram desenvolvidas a partir da análise de todo o material coletado para a pesquisa, fundamentalmente as entrevistas realizadas com os seis jovens egressos dos projetos sociais. Nesses projetos, os jovens tiveram, em comum, a experiência de produzir programas de TV sobre temas de seu interesse e foram estimulados, durante a produção audiovisual, a utilizar essa ferramenta de comunicação para expressar suas opiniões sobre temáticas diversas e interagir com o outro. Depois dessa vivência, tiveram diferentes experiências de vida na busca por serem protagonistas de suas próprias histórias e de se inserirem na sociedade enquanto atores sociais e políticos.

Os dois projetos sociais de produção audiovisual, analisados neste estudo, foram realizados pelo CECIP, uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1986, no Rio de Janeiro. Sua atividade abrange a produção de materiais educativos, impressos e audiovisuais, e também a capacitação de agentes sociais para atuarem na transformação de suas realidades.

O CECIP começou sua trajetória com um projeto de TV de Rua que produzia vídeos a

partir das demandas da população da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, depois os exibia em praças públicas locais. Desde a década de 1990, a ONG vem desenvolvendo projetos específicos para o público juvenil, utilizando a produção audiovisual e, mais recentemente, outras tecnologias de comunicação como instrumentos de estímulo à participação no espaço escolar e na comunidade.

Ao analisar a história do CECIP, buscou-se compreender o papel dessa ONG na contribuição para o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude, considerando não só o vazio histórico na ação do Estado, que faz com que essas atuem em áreas onde as instituições públicas não alcançam, mas também a crescente atuação de tais organizações, em parceria com setores público e privado para a execução de políticas sociais.

O CECIP, a partir de 1994 até o ano de 2011, realizou cerca de vinte projetos que envolveram mais de 1200 jovens e adolescentes. Desses projetos coordenados pela ONG, foram selecionados, para esta pesquisa, os projetos *Botando a Mão na Mídia – Oficina com alunos e educadores*, realizado entre os anos 2000 e 2002, e *Essa Tv é Nossa*, realizado nos anos de 2002 e 2003, período em que os exparticipantes tinham idades entre 15 e 20 anos, e agora, no início deste estudo, ou seja, em 2011, eles têm idades entre 25 e 29 anos, faixa-etária considerada jovem-adulto.¹

O estudo dos dois projetos contribuiu para identificar alguns limites dessas iniciativas, considerando que, para serem realizadas, contam com financiamento de instituições e empresas privadas, o que estabelece restrições às ações. Esses projetos foram realizados com o financiamento de diferentes institutos e em parceria com escolas públicas localizadas em cidades da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro.

A Baixada Fluminense, local onde o CECIP iniciou suas atividades, é uma periferia que, como muitas outras, apresenta contrastes sociais. A infraestrutura é precária, os índices de violência são altos e o acesso à educação e a aparelhos culturais é restrito. Nessa realidade, há também um histórico de grupos comunitários organizados que atuaram e ainda atuam com objetivo de buscar o desenvolvimento local.

¹ Adota-se aqui o recorte etário trabalhado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), que consideram: Jovem de 15 a 29 anos, com os subgrupos de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem-jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto).

Foi nessa região do Rio de Janeiro, que, em 1994, iniciou-se o projeto Repórter de Bairro², um dos primeiros projetos realizado pelo CECIP, envolvendo jovens e adolescentes.

Em um contexto mais geral, na década de 1990, quando a juventude brasileira passou a ser vista com certa pluralidade, os jovens de periferia passaram a “existir”, mas geralmente associados a problemas sociais. Para esse grupo de jovens, tornava-se necessário o desenvolvimento de ações de controle social e de ações que pudessem “prepará-los” para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, eles se tornaram um dos principais públicos-alvo de projetos e programas sociais de diferentes naturezas. Essas iniciativas envolviam organismos internacionais, ONGs, organizações empresariais, entre outros. Somente no final dos anos 1990, a juventude passa a ser uma questão social com mais relevância, como dito anteriormente. Dessa forma, o jovem passou a ser visto como sujeito de direitos, ou seja, sujeito a políticas públicas que atendam as suas especificidades.

Nos anos 2000, principalmente com o governo do Presidente Lula, houve uma ampliação do diálogo entre o governo e a sociedade civil, por meio dos movimentos sociais, contribuindo para que o debate sobre a juventude brasileira fosse ampliado.

Essas ideias ganharam maior densidade no país a partir de 2004, quando se iniciou, em nível federal, amplo diálogo sobre a necessidade de se instaurar uma política nacional voltada para esse público. No início de 2005, foram criados a Secretaria Nacional de Juventude,³ o Conselho Nacional de Juventude e um “programa de emergência” voltado para jovens entre 18 e 24 anos que estavam fora da escola e do mercado de trabalho. (SILVA e ANDRADE, 2009, p. 36)

Faz-se importante destacar outras iniciativas de abertura ao diálogo que foram colocadas em prática, como por exemplo, a Conferência Nacional de Juventude⁴ e a recente aprovação do Projeto de Lei sobre o Estatuto da Juventude.⁵ Porém, é fundamental, diante dessa ampliação refletir se tais iniciativas estão considerando e atendendo de fato as demandas e necessidades da juventude brasileira e ainda, se essas políticas estão suficientemente articuladas de forma a

² Os Repórteres de Bairro eram grupos de moradores de bairros da Baixada Fluminense que criavam vídeos sobre temas de seus interesses e sobre os locais onde moravam. Essas produções eram exibidas em praça pública.

³ A Secretaria Nacional de Juventude foi criada em 2005, órgão executivo ligado à Secretaria-Geral da Presidência da República.

⁴ Foram realizadas duas Conferências Nacionais de Juventude, a primeira em 2008 e a segunda em 2011. A realização dessas conferências incluía o processo de mobilização anterior da juventude em âmbito municipal e estadual.

⁵ O Projeto de Lei foi criado em 2007, aprovado em outubro de 2011.

possibilitar o desenvolvimento integral dos jovens e conseqüentemente, a sua inserção social múltipla.

Para a implementação das políticas nacionais para a juventude, o diálogo entre poder público, setor privado e o chamado terceiro setor, entre outros atores, é cada vez maior e mais próximo, mostrando que existe uma mescla nas ações desenvolvidas por esses setores, o que pode ser avaliado positivamente, visto que a sociedade civil tem condições de demonstrar a diversidade da juventude brasileira. Porém, tal cenário apresenta a dificuldade em delimitar qual é o papel de cada ator no desenvolvimento dessas políticas juvenis, assim, faz-se necessário produzir informações acerca dos processos de implementação e resultados dessas iniciativas, visto que ainda existe um vazio na elaboração e realização de políticas públicas específicas para os jovens, que propiciem benefícios sociais efetivos e sustentáveis.

Este estudo analisou o impacto desses projetos de acordo com Roche (2002), ou seja, atentando-se para as mudanças provocadas pelos resultados da intervenção, dando ênfase aos resultados intangíveis indicados pelos jovens, mas sem perder a perspectiva das possíveis limitações dessas ações. Pois, logo que os projetos são finalizados, parece que se instaura um cenário de descontinuidade na formação, desenvolvimento e inserção desses jovens.

Esta pesquisa buscou interpretar o sentido mais amplo da realização de projetos sociais com jovem, como uma possibilidade de ampliação de oportunidades e de inserção social, com ações que vão além do controle e da mera preparação, com cunho estritamente técnico e profissional, para inserção no mercado de trabalho.

A pergunta que se coloca é: como, apesar dessa possível descontinuidade, no sentido da falta de políticas para a juventude, esse grupo continua a se desenvolver e como se insere na sociedade?

Neste estudo, os jovens não são considerados somente como públicos-alvo de projetos, mas como sujeitos de direitos, protagonistas de suas trajetórias e com potencial para utilizarem os meios de comunicação para a produção de informações sobre si e sobre suas realidades. Assim, a categoria básica de análise desta pesquisa é a juventude, considerando esta uma categoria em construção, cheia de dúvidas e incertezas. Sabendo que, diferentes estudos sobre esse grupo específico focam nas singularidades juvenis, o que é algo indiscutível, propõe-se aqui considerar também as características universais, inerentes a esse grupo de jovens da periferia.

A singularidade da juventude está colocada nesta pesquisa, visto que os sujeitos deste estudo são jovens moradores da periferia carioca, egressos de projetos sociais de comunicação. Porém, fez-se necessário enriquecer esta discussão colocando o desafio de encontrar o que essa juventude tem em comum com qualquer outro grupo de jovens, independentemente de sua origem ou grupo social. Essa intenção surgiu ao refletir sobre o que representou, no início dos anos 2000, jovens moradores da Baixada Fluminense, dominando equipamentos e a linguagem audiovisual e produzindo seus próprios programas de TV. A jovem Poliana relata o diferencial em ter participado de um projeto de produção audiovisual, comparando com a possibilidade de fazer um curso de informática, formação que, na época, era quase obrigatória para os jovens.

É o que eu falei, é a oportunidade que surgiu para mim foi excelente, porque quando que a gente vai poder pagar, naquela época principalmente, como eu poderia pagar um curso, ter acesso aos lugares que a gente frequentou, as pessoas que a gente conheceu, as coisas que a gente aprendeu, só através de um projeto social como foi. Naquela época eu não teria a menor condição de fazer um curso daquele nível, para mim foi excelente. Eu poderia fazer um curso básico de informática, estar sempre presa em um laboratório e sempre fazendo a mesma coisa aqui perto de casa mesmo, mas não frequentar os lugares que a gente frequentou, conhecer as pessoas e fazer tudo aquilo que a gente fez⁶.

A fala de Poliana estimula a reflexão sobre a representação do acesso a essa tecnologia como algo que diferencia esse grupo de jovens de outros jovens, mas que ao mesmo tempo os aproxima.

Neste estudo, considerando conceitos utilizados por Pais (1990), buscar a unidade entre os jovens não está relacionado à ideia de aparente unidade, fazendo referência somente a uma fase da vida e tão pouco a ideia de diversidade, considerando somente as diferenças sociais. Juventude não é socialmente homogenia e não se pretende fazer aqui uma mera generalização que desconsidere toda a produção acerca das especificidades da juventude brasileira. A proposta é sair da polarização das correntes geracional e classista e refletir sob a ótica da diversidade da condição social e o caráter universal do ser jovem, considerando parâmetros menos rígidos. Tendo em vista a relação e a inter-relação entre diversidade e unidade, esta pesquisa considera as ideias de Morin:

⁶ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

Trata-se, ao mesmo tempo de reconhecer a unidade dentro da diversidade, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana. (MORIN, 2011, p. 25)

A proposta desta pesquisa é considerar juventude enquanto parte de uma unidade humana, com igual potencial de aprendizado e competência criativa na utilização da tecnologia, que coloca todos os jovens confrontados com problemas e soluções de ordens muito iguais, direcionados para a sua condição humana. Para compreender a ideia de condição humana, consideram-se as contribuições de Morin:

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas. (MORIN, 2011, p. 51)

Nesse sentido, o reconhecimento do igual potencial de aprendizado e de criatividade dos jovens faz parte de uma unidade, o todo. Onde o todo e as partes são recíprocos, faces de uma mesma moeda, em que tanto um quanto o outro podem ser causadas e causadoras de acordo com Morin. Assim, compreender a juventude somente sob a perspectiva da diversidade pode ser uma das causas para a produção de estereótipos que orientam a formulação de políticas e projetos equivocados para esses sujeitos.

Para compreender a entrada desses jovens na vida adulta, foram consideradas as dimensões do trabalho, da educação e da família. A intenção foi identificar, dentro dessas dimensões, as diversas situações em que a transição para a vida adulta pode ocorrer e a diversidade de caminhos percorridos por esses jovens, considerando os possíveis imprevistos e que os caminhos não são lineares, como aponta Camarano:

Muitas possibilidades de transições para as várias fases da vida parecem abrir-se na atualidade, embora o modelo tradicional ainda predomine. O curso da vida tem se colocado como um espaço para novas e inovadoras experiências, em oposição à ideia de que ele se constituía de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. (CAMARANO, 2006, p. 58)

A diversidade de caminhos para vida adulta inclui, também, os problemas e as incertezas que são partes integrantes do processo de transição dos jovens para a vida adulta. O “ser jovem”

não está sendo considerado somente sob a ótica da transitoriedade, mas como sujeitos de direitos, com suas experiências, decisões e vivências, assim como a vida adulta não é considerada como algo estável e final. Diego relata como foi o seu processo de saída da casa de seus pais para a formação de sua família. Essa é uma das possibilidades de caminhos que pode ser seguido pelos jovens.

Eu estava namorando com a minha mulher, então no início eu ficava meio entre a casa da minha mãe, da minha vó, do meu pai e a da minha mulher, depois eu fui ficando cada vez mais na minha mulher e aí ficamos morando lá durante boa parte do nosso relacionamento e aí tivemos o bebê, e na época que a gente engravidou a gente já estava com várias “paradas” compradas pra nossa casa, que era nossa saída, mas aí engravidamos e decidimos ficar mais um tempo por conta do bebê⁷.

Esse depoimento enriquece o debate sobre a diversidade de caminhos que podem ser seguidos pelos jovens. O quanto é necessário fazer e refazer estratégias em busca de objetivos. Percursos escolares mais prolongados ou interrompidos, entradas tardias ou antecipadas no mercado de trabalho, estáveis ou instáveis, assim como a formação de família na casa dos pais ou não, são fatores transversais que redefinem a transição, de acordo com Guerreiros e Abrantes (2005), e são condições importantes para a inserção na vida adulta. Esses aspectos apresentam diversas variações de modo e tempo na transição dos jovens para a vida adulta. Camarano exemplifica a não linearidade na construção familiar de acordo com a experiência vivida pelo jovem Diego.

Sugere-se que os processos são marcados por trajetórias não-lineares das fases da vida, podendo, por exemplo, os filhos virem antes do casamento, o casamento antes da inserção no mercado de trabalho, e assim por diante. Na mesma direção, considera-se que essa transição pode ocorrer em novos arranjos familiares que não passem necessariamente pela saída da casa dos pais. (CAMARANO, 2004, p. 5)

As relações que os jovens estabelecem com o tempo – presente, passado e futuro – no que se refere ao trabalho, escolarização e família não estão sendo vistas como etapas lineares, característica do processo tradicional de transição, e sim o sentido global dessas categorias no contexto das experiências de vida dos jovens. A consciência temporal, o modo de conceber e de

⁷ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

vivenciar o tempo, não é um dado biológico, muito menos um dado metafísico.

A mudança no significado de futuro vem interferindo nas definições das biografias juvenis. Para Leccard (2005), a primeira modernidade construiu o significado do futuro como tempo da experimentação e das possibilidades, a segunda modernidade, encara-o como dimensão incerta, como limite potencial, mais do que como fonte de recursos. O projeto de vida deixa de ser o princípio que estrutura a biografia juvenil, passando a existir novas formas de os jovens se relacionarem com o futuro.

O presente, nesta pesquisa, está sendo considerado como uma ponte que dá sentido as experiências que viveram no passado, e como elas reverberam na relação que esses jovens estão estabelecendo e com as intenções que têm para o futuro.

Nesse sentido, tentou-se, nesta pesquisa identificar como as experiências vividas influenciaram no agir atual desses sujeitos e nas escolhas e decisões para o futuro, considerando o futuro como “presente estendido” – espaço temporal que bordeja o presente, adquirindo um valor crescente, paralelamente à aceleração temporal contemporânea, favorecida pela velocidade dos tempos tecnológicos, considerando Leccard (2005).

O tema transição para a vida adulta se relaciona com essa iniciativa de projeto social de comunicação com jovens, considerando que esses projetos tem a intenção de que a experiência com a produção de vídeo seja um suporte para o futuro, assim como um exercício de análise crítica do mundo, que pode contribuir para que os jovens enriqueçam seus repertórios e ampliem seus leques de escolhas, a partir da confirmação ou criação de valores.

A par das mudanças que ocorrem em vários níveis na sociedade contemporânea, também os processos de entrada na vida adulta sofrem importantes transformações. À medida que o acesso à informação e a todo um conjunto vasto de recursos se dissemina em escala global e está disponível às populações, permeando e moldando os seus cotidianos, encontram-se cada vez mais pontos de semelhanças, em diferentes sociedades, entre as formas de ser jovem e ser adulto.

Esta pesquisa entende que a tecnologia pode ser utilizada enquanto um meio de interação entre as pessoas, não enquanto telespectadores, mas enquanto produtores de programas televisivos, ampliando as perspectivas através do olhar, não simplesmente o olhar para a tela, mas um olhar para o mundo através da lente de uma câmera.

A tecnologia, neste trabalho, está baseada no entendimento de Martín-Barbero (2004), como uma expansão do corpo humano. O autor utiliza o conceito de tecnicidade do mundo, a

técnica como dimensão constituinte do ser humano. Assim, essa técnica não é um instrumento, mas uma nova organização perceptiva, uma forma de apropriação dessa técnica.

Considera-se aqui o olhar crítico de Martín-Barbero (ibid.) em relação ao contexto de imposição da tecnologia sofrida na América Latina, como um processo de esquizofrenia entre a máscara de modernização e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural. Dessa forma, tais tecnologias não são meramente ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, mas são, em última instância, a realização de uma cultura e dominação das relações culturais.

Para o autor, o papel chave das novas tecnologias de comunicação está na formulação de novas demandas sociais, elas tornam possível a emergência de uma nova linguagem e de um novo discurso social, o discurso popular maciço. As novas tecnologias têm um caráter transversal, a forma em que se inscrevem na cotidianidade afeta a sociedade civil. Não afetam só em um ponto específico, mas a todos – trabalho, escola, lazer, saúde, relações, criando um novo tecido que supre as velhas formas de associação social.

De acordo com as ideias de Martín-Barbero (2004), tecnologia ganha diferentes sentidos, um deles é a possibilidade de mediar a produção cultural e fazer com que as pessoas se apropriem e produzam a cultura através dela. Pode ter também o sentido de possibilitar diferentes formas de comunicação, relações e intervenção na sociedade. Esta é uma forma contemporânea de relação entre produtos e usos, conteúdos e práticas, como brechas abertas na modernidade pelas culturas dominadas para fazer diferença e promover resistência.

Além dessas questões teóricas apontadas anteriormente, buscou-se valorizar, ao máximo, a pluralidade das trajetórias dos entrevistados, assumindo o relato juvenil como um lugar metodológico, que permitiu, ao relacionar suas trajetórias de vida com as experiências vividas ao longo dos projetos, produzir conhecimentos sobre a juventude. Este estudo não se propôs a fazer comparações entre as trajetórias dos jovens entrevistados. Para responder aos objetivos da pesquisa, foi utilizado como referência metodológica a abordagem qualitativa, visto que se trata de um estudo das relações humanas. A metodologia utilizada está descrita a seguir:

Percurso metodológico

Nesta pesquisa a narração juvenil assume o lugar metodológico. A fala dos jovens está baseada em dois momentos, nas entrevistas realizadas com os seis jovens e nas sete produções audiovisual realizadas por eles durante a participação nos projetos. Para complementar as análises, foram realizadas entrevistas com os gestores do CECIP, além de uma pesquisa documental nos arquivos da ONG.

A escolha pela pesquisa documental tem por objetivo garantir a precisão das informações, visto que o CECIP dispõe de documentos digital e impresso sobre a sua criação e sobre os projetos realizados. De acordo com Cellard, esse método apresenta vantagens, uma vez que:

O documento permite acrescentar a dimensão do tempo á compreensão do social. Como ressalta Tremblay (1968: 284), graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias. [...] trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade da qualquer influência. (CELLARD, 2008, p. 295)

Para fazer o levantamento de informações administrativas sobre a ONG, foram privilegiados os relatórios feitos para as assembleias bianuais, realizadas pela organização, e os estatutos com suas alterações. Foi feito o exame de todos os documentos pertinentes a este estudo.

Para a ampliação do conjunto de informações sobre a experiência no desenvolvimento de projetos com jovens, a autora realizou, no dia 03/12/2012, um grupo de informação, conversa coletiva, com representantes da equipe gestora da ONG, Claudius Ceccon, diretor executivo do CECIP, Dinah Frotté, diretora administrativo-financeiro do CECIP, e Claudia Ceccon, coordenadora de projetos da organização. Esse método foi estabelecido, tendo em vista reunir o maior número de informação no menor tempo possível, assim, foram realizadas três entrevistas na forma de diálogo, centrando em pontos específicos.

Todas as fontes de pesquisa foram úteis para o entendimento dos objetivos da ONG, suas transformações, contribuindo, ainda, para a contextualização do período em que os projetos com jovens foram realizados.

Foi feita a identificação dos projetos realizados com jovens, desde 1994, e, de acordo com a descrição dos projetos elaborados pela organização, foram selecionados dois deles: *Botando a*

Mão na Mídia - BMM, realizado nos anos de 2000 a 2002 e *Essa Tv é Nossa*, realizado nos anos de 2002 e 2003, que serviram como fonte de pesquisa e identificação dos jovens egressos. A escolha desses dois projetos se deu, principalmente, pelo período em que foram realizados, pois possibilitaria que os jovens egressos tivessem dez anos de experiências pós-projeto.

O projeto BMM foi idealizado pelo CECIP, e já estava sendo realizado junto a professores, recebeu financiamento do Instituto Ayrton Senna - IAS para a continuidade das ações. Assim, as definições em relação ao desenvolvimento do projeto, como número de participantes, atividades de formação e temáticas, foram definidas pela ONG. O que deu maior liberdade a ação da equipe.

Para a realização do projeto *Essa Tv é Nossa*, como parte do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro, o CECIP foi selecionado, a partir de critérios técnicos estabelecidos pelo Instituto Credicard. O projeto foi elaborado de acordo com as diretrizes e lógica já definidas pelo instituto, como o número de jovens atendidos, nomenclaturas utilizadas no projeto, os eixos temáticos e oferecimento de bolsa auxílio, estes faziam parte do pacote de critérios para a implementação da ação.

A partir dessas diferenças, cabe a controversa reflexão sobre o porquê dos financiamentos privados em ações sociais com jovens. Sem a intenção de polarizar e simplificar as possibilidades, é importante compreender até que ponto esses financiamentos existem para que as empresas se envolvam na solução de questões sociais e até que ponto tais iniciativas não objetivam fazer um desvio dos interesses capitalistas, mas, pelo contrário, são estratégias para beneficiar as operações das empresas, agregando valor ao seu negócio e expandindo o mercado consumidor.

Para a seleção dos jovens egressos, foi feito o levantamento dos seus contatos telefônicos nos arquivos do CECIP, especificamente nos dois projetos escolhidos. Do projeto BMM foi encontrada uma lista com trinta e dois nomes e telefones. Do projeto *Essa Tv é Nossa*, foram encontradas duas listas, uma do primeiro ano de projeto com informações sobre quatorze jovens (nome, endereço, telefone, RG, CPF) e uma lista do segundo ano do projeto com nome, telefone e data de aniversário de vinte e um jovens. As duas listas apresentavam nomes que se repetiam. Considerando essas repetições, tinha-se um universo de quarenta e sete jovens egressos desses dois projetos.

Para contatar esses jovens, foram feitas ligações telefônicas e contato via redes virtuais. Dos quarenta e sete jovens, em sua maioria, os telefones estavam desatualizados, pois a ONG não

tem como prática a atualização de dados dos exparticipantes, o que marca o fato de que, após os projetos, não existiu nenhum vínculo com os jovens, indicando uma descontinuidade. Foi possível fazer contato com treze jovens e destes, seis se disponibilizaram a participar desta pesquisa. Sendo eles: Carla Modesto, Diego Bion, Poliana Tavares e Jô Medeiros, entrevistados no dia 23/07/2011, e Carlos André Holanda e Fábio Breves, entrevistados no dia 27/07/2011. Outras informações sobre os jovens estão descritas no segundo capítulo.

O vídeo na pesquisa

Para acessar as histórias de vida dos jovens, foi escolhido o método de entrevista qualitativa, realizada individualmente, pois, assim, seria possível interagir de forma mais cuidadosa com os jovens. Para o registro das entrevistas, foi utilizada uma câmera de vídeo e microfone. Gaskell indica o objetivo da entrevista qualitativa:

A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2002, p. 65)

As entrevistas foram realizadas em dois dias, durante o dia e a noite, atendendo a disponibilidade de horário dos jovens, que foram entrevistados em suas casas, com o objetivo de deixá-los à vontade e em seus ambientes, além de evitar o deslocamento. Somente uma das jovens foi entrevistada no seu local de trabalho, o que não interferiu no rendimento da entrevista. A câmera foi um instrumento de coleta de dados importante para uma observação menos seletiva. De acordo com Flick, as câmeras ajudam a capturar detalhes fundamentais no relato das histórias:

Podem captar fatos e processos que sejam muito rápidos ou muito complexos ao olho humano. As câmeras também permitem gravações não-reativas das observações e, por último, são menos seletivas do que as observações. (FLICK, 2009, p. 219)

Uma das características presente nas entrevistas de todos os jovens, que contribuiu muito para esse estudo, foi a desenvoltura em frente às câmeras, no primeiro momento, certa timidez e

aos poucos rememoraram o “estar em frente as câmeras” e narraram com detalhes as experiências que viveram.

Às seis horas de entrevistas em vídeo foram transcritas e analisadas com o objetivo de identificar as categorias de análise presentes no discurso dos jovens e, assim, compará-las com as intenções dos projetos dos quais participaram e, então, relacioná-las com os conceitos que baseiam esta pesquisa. Nesse processo, muitos depoimentos ficaram de fora e ficou evidente que inúmeros detalhes das trajetórias de vida dos jovens não poderiam ser descritas com palavras, mas somente as imagens e os sons daqueles momentos poderiam expressar a riqueza dos depoimentos. Isso realçou a ideia de editar um vídeo posteriormente, que possa se integrar a esta dissertação, visto que há um grande número de material inédito e que o vídeo é um forte instrumento de comunicação, podendo trazer mais vida ao processo de disseminação dos resultados desta pesquisa.

A produção audiovisual é parte importante neste trabalho, portanto, foram analisados aqui sete programas produzidos pelos jovens ao longo dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*. Um DVD, com os programas se encontra em anexo nesta pesquisa. Esses vídeos foram escolhidos, pois representam o produto final, resultado do processo de capacitação. Durante os dois projetos, os jovens foram estimulados a produzir seus próprios vídeos, participando de todo o processo de produção (roteiro, produção, gravação, edição e exibição). Os vídeos, alguns citados pelos jovens nas entrevistas, em sua maioria, falam sobre os bairros ou sobre temas de interesse da juventude, assim nasceu a intenção de analisar esses vídeos produzidos, como uma maneira de acessar a realidade em que os jovens estavam inseridos.

A análise foi feita considerando o período em que os vídeos foram produzidos, o perfil dos jovens realizadores, os temas trabalhados nos vídeos e sua relação com as categorias de análise desta pesquisa, os formatos dos vídeos, assim como a possível indicação profissional dos jovens.

As três partes desta pesquisa estão articuladas e tem como fio condutor os relatos dos jovens. As experiências de vida contadas pelos egressos estão relacionadas aos objetivos da ONG e aos dois projetos, dessa forma, foi possível produzir uma análise sobre os possíveis impactos desses projetos sociais nas trajetórias dos ex-integrantes até as suas vidas no presente. Desse modo, foram analisados dois períodos: o passado, que se refere aos projetos finalizados e às

trajetórias dos jovens, e o presente, que se refere ao trabalho atual da ONG e à vida atual dos sujeitos investigados.

Esta dissertação é composta por introdução, três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo, *CECIP – caminhos para a construção de políticas públicas de, com e para a juventude* é dedicado a apresentação da ONG CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular e dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*. Essas apresentações são intercaladas por reflexões sobre o conceito de sociedade civil, considerando as suas alterações e os conflitos inerentes a essa discussão.

O segundo capítulo, *Jovens da Baixada Fluminense: a interface juventude, projetos sociais e tecnologia nas trajetórias de vida*, é uma descrição mais detalhada tanto do perfil, quanto das trajetórias dos jovens egressos associada a uma reflexão sobre o conceito de juventude, considerando que, suas diferentes experiências de vida ao longo de quase dez anos, contribuíram para a ampliação do repertório, no qual puderam fazer diferentes usos e conexões entre os conhecimentos aos quais tiveram acesso ao longo do tempo. Os relatos dos jovens são analisados, expressando como as experiências vividas por eles, nos projetos sociais, reverberaram em seus caminhos pós-projetos, fazendo uma correlação entre os objetivos da ONG e dos seus projetos.

O terceiro capítulo, *A produção juvenil: jovens egressos através de imagens*, terá como foco a produção juvenil, é uma análise dos vídeos realizados pelos jovens, considerando suas temáticas, seus formatos e seus enfoques. Ao longo dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*, os jovens produziram dezenas de vídeos de curta duração, com formatos e temas diferenciados, como resultado de exercícios técnicos e como resultado (produto) do processo de formação dos jovens. Esses vídeos foram exibidos publicamente nas escolas ou em praças da comunidade, também como parte do processo de formação.

1. CECIP – CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE, COM E PARA A JUVENTUDE

1.1. A ONG CECIP: recortes da sua história

O CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular foi criado, no Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1986, por profissionais de diferentes áreas e se constituiu como uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, filantrópica e independente. De acordo com a ata de constituição, o seu objetivo social é:

Criação de materiais educativos, utilizando técnicas audiovisuais, como cinema, vídeo e fotografia, bem como a realização de cursos de treinamento, conferências, debates, sobre questões culturais relativas a educação, comunicação em geral, com especial atenção a técnicas que permitam o acesso a um público popular.⁸

Para ampliar a compreensão da atuação do CECIP, cabe fazer algumas discussões sobre a sociedade civil, considerando que ONGs representam uma parte dessa sociedade civil, que é composta por diferentes grupos, instituições, organizações e indivíduos que formam a base da sociedade. Acanda (2006, p. 175) descreve essa multiplicidade inerente à sociedade civil.

A trama da sociedade civil é formada por múltiplas organizações sociais de caráter cultural, educativo e religioso, mas também político, e inclusive econômico.

As discussões sobre o conceito de sociedade civil permanecem latentes nas Ciências Sociais. É um debate dotado de diferentes significados, lacunas e conflitos. Esse conceito torna-se central quando se pretende abordar a resolução de problematizações sociais. Nesse sentido, para compreender a atuação do terceiro setor no enfrentamento de questões sociais, é fundamental compreender a concepção de sociedade civil e sua relação com o Estado.

As ideias sobre sociedade civil e Estado vêm sendo amplamente repensadas na América Latina, considerando que, a partir do século XX, os países latinos passaram por reformas e

⁸ Ata da Assembleia de constituição do CECIP (1986).

inovações, como reflexo do “pensamento único”, que representa a diminuição do Estado e a valorização do mercado. O processo de globalização capitalista impôs aos países muitas exigências, dentre elas essa mudança do perfil do Estado, que deveria diminuir suas atribuições, mantendo as condições de contribuir para o desenvolvimento econômico e de proteger seus cidadãos das desigualdades.

Os Estados deveriam ter capacidade de implementar políticas públicas e ter condições institucionais de legitimação, promovendo uma melhora no desempenho estatal, no que se refere às novas formas de gestão e do modelo burocrático. Assim, o Estado deveria ser reduzido diante das políticas de privatização, terceirização e parceria público-privado.

Nesse cenário, a sociedade foi estimulada a não mais acreditar na intervenção do Estado, mas acreditar nas promessas de estabilidade, desenvolvimento, mais empregos e melhor renda, ou seja, uma vida melhor. Porém, essa vida melhor não se daria pela ação do Estado, mas pelo esforço de cada um. Assim, resolver os problemas e conflitos sociais não era mais uma das responsabilidades do Estado. Esse reformismo transferiu para a sociedade civil funções que, anteriormente, pertenciam ao Estado.

No ano de 2002, o CECIP fez uma alteração estatutária que formaliza a sua metodologia de intervenção social, vista e revista ao longo do tempo. No que se refere ao treinamento oferecido pelo CECIP, o público a ser atendido ficou mais específico e as temáticas mais delimitadas. São alterações que exemplificam as responsabilidades e compromissos assumidos pela sociedade civil na construção de uma vida melhor, assim como a sua missão afirma, o objetivo de interferir em políticas públicas.

Constitui seu objeto social a utilização de sua tecnologia de comunicação, voltada para a educação, aplicada através da criação de materiais, utilizando técnicas audiovisuais, como cinema, vídeo, fotografia ou gráficas, na formação de facilitadores e na capacitação de professores, instrutores e técnicos das áreas Educação, de Direitos de Cidadania, de Cultura, de Saúde, de Meio Ambiente, criando multiplicadores para a utilização dos materiais produzidos.⁹

O CECIP tem como missão contribuir para o fortalecimento da cidadania, produzindo informações e metodologias que influenciem políticas públicas promotoras de direitos fundamentais.¹⁰

⁹ Ata da Assembleia Geral (dez/2002).

¹⁰ Missão retirada do site da ONG, consulta realizada no dia 17/03/2012.

À luz dos conceitos sobre sociedade civil e sua relação com Estado, pode-se compreender que as mudanças provocadas nessa relação, pelo sistema econômico vigente, são progressivas e afetaram suas dinâmicas internas. Segundo Wanderley, a sociedade civil ampliou o seu sentido mais abrangente, levando a uma reorganização.

Progressivamente, por sua própria dinâmica e em virtude das lutas dos trabalhadores, das ONGs, de algumas entidades profissionais, de camadas expressivas das igrejas, entre outros, ela passou a abrigar um sentido mais abrangente referido a todos aqueles que não fizessem parte do estatal, do oficial, ou seja, definidos por sua natureza privada. (WANDERLEY, 2010, p. 145)

O Terceiro Setor é uma das correntes, parte dessa reorganização da sociedade civil, marcada pela atuação de movimentos sociais e pelo crescimento de organizações não governamentais com iniciativas que aportam na problemática social.

Para compreender o modelo do CECIP, na intervenção nas políticas públicas para a juventude, faz-se importante descrever algumas das ações desenvolvidas pela organização no fortalecimento de sua metodologia. Para isso, é necessário voltar ao ano de 1989, quando deu início ao seu projeto de comunicação popular (Filé, 2000), a *Tv Maxambomba*, que mantinha o objetivo de democratizar a informação. Esse projeto foi financiado pela Novib¹¹, uma organização holandesa de cooperação internacional. A rotina da *Tv* foi descrita por Nascimento:

Consistiu na produção e exibição de vídeos em bairros da Baixada Fluminense, através de um telão armado todas as noites sobre uma Kombi em praças e ruas dessa região. Essas exibições eram, geralmente, acompanhadas por debates e discussões com o público sobre os assuntos e questões levantados pelos programas, de forma a estimular a sua participação nesse processo. (NASCIMENTO, 2009, p. 10)

Nesse contexto de trabalho, realizado pelo CECIP, percebe-se a sociedade civil como o lugar dos cidadãos organizados, um espaço propício para a participação e indicação de novas demandas e, também, de colaboração governamental. Participação e sociedade civil como a tradução concreta da consciência dos cidadãos, dos grupos organizados, empresas e das associações.

¹¹ Netherlands Organization for Development Cooperation – Novib.

A *Tv Maxambomba* tinha uma equipe de profissionais que produziam programas em diferentes bairros da Baixada Fluminense, os seus temas eram de interesse dessas comunidades, que, em algumas ocasiões, opinavam na indicação dos temas que poderiam abordar, desde problemas do bairro, história local, grupos comunitários, até eventos, artistas e atividades de lazer. No primeiro momento, a *Tv Maxambomba* tinha como objetivo fortalecer a ação de grupos populares organizados, o que dava todo o diferencial a esses grupos, quando em suas ações de reivindicação tinham como aliados uma câmera e um microfone, instrumentos de poder equivalente aos da TV comercial.

Paiva e Ceccon analisam a atuação da *Tv Maxambomba* em conjunto com moradores do bairro Rancho Fundo, na Baixada Fluminense, em um projeto sobre meio ambiente.

A TV Maxambomba funcionou como um poderoso recurso, documentando os embates que os Representantes (moradores) travaram com o poder público. A força das imagens que se perpetuavam, não para criar o real, mas para permitir outras leituras, outros sentidos; o que as cenas revelavam pôde ainda ser melhor explorado como instrumento de formação e de luta política. Ao contrário das imagens que a comunicação usualmente gera, a da massificação, o vídeo funcionava como uma mediação de caráter político e/ou pedagógico, visando a emancipação da população. (CECCON e PAIVA, 2000, p. 39)

A ação da *Tv Maxambomba* foi se transformando ao longo do tempo, passando para uma atuação mais independente dos grupos organizados. Diversificadas pautas para a realização dos programas da TV não faltavam. A Baixada Fluminense apresentava e apresenta inúmeros problemas relacionados à infraestrutura, à violência, ao acesso à cultura, mas também dispõe de inúmeras iniciativas de mobilização comunitária, assim como uma rica história e cultura, contadas e produzidas de forma popular. Todo esse contexto era abordado nos programas da TV comunitária, porém, na TV de massa, os problemas locais, predominantemente, pautavam as aparições dessas comunidades, criando um “rótulo” para essa localidade.

Em Morin (s/d), *mass media* é um termo criado nos EUA que engloba a grande imprensa, o cinema, a rádio e a televisão, e *mass-culture*, que abarca a cultura produzida e difundida pelos *mass media*. O conteúdo veiculado pela mídia de massa trouxe preocupação, ao longo do tempo, desde os anos 1930. A opinião adulta se preocupa com a perigosa influência da televisão sobre a infância e a juventude. A classe política também se preocupa com o poder de ação do *mass media*. A Baixada Fluminense teve a sua imagem estereotipada como consequência do tipo de cobertura

e veiculação feita pela mídia de massa. Estereótipo este que ficou introjetado na sociedade carioca, assim como nos próprios moradores da localidade.

Apesar de todo o poder exercido pela mídia de massa, os programas da *Tv Maxambomba* dispunham de grande audiência. Ceccon indica alguns motivos que estimulavam os moradores a saírem de suas casas para assistir à TV de rua.

Os moradores deixavam televisão e novela em casa e vinham assistir à programação da *Tv Maxambomba* na praça, para ver a si próprios nos vídeos projetados, ver sua realidade, seus problemas e as soluções inventadas para superá-los. Viam seus artistas, compositores, empreendedores, toda a rica criatividade que não saía em jornal, nem se vê na televisão, onde periferia é só pobreza, crime e catástrofe. (CECCON, 2007, p. 35)

Os programas da *Tv Maxambomba* tinham formatos variados e muitos se assemelhavam aos da TV comercial, talvez esta fosse, também, uma maneira de conquistar os telespectadores tão acostumados a ver televisão cotidianamente em suas casas com formatos e conteúdos preestabelecidos.

Os vídeos eram exibidos, com regularidade, em um telão montado sobre uma Kombi em ruas e praças dos bairros. Durante o dia da exibição, era feito o que a equipe chamava de “arauto”, passava-se com a Kombi pelas ruas do bairro, com som alto, anunciando o horário e local da apresentação. As exibições eram a possibilidade de os moradores verem TV de uma forma diferente, estando junto com seus vizinhos e amigos, e podendo se ver, conhecer e reconhecer a sua própria realidade.

As exibições tinham públicos de aproximadamente 200/ 300 pessoas, o que demonstrava o sucesso das abordagens dos temas nos formatos escolhidos. As apresentações contavam com a presença de muito adultos, mas jovens e crianças compareciam em grande número, fazendo com que a TV incluísse nas pautas de seus programas temas voltados para esses públicos. Além de se verem e verem seus conhecidos, tinham a possibilidade de debater e defender suas ideias sobre os vídeos apresentados após sua exibição, no momento chamado “câmera aberta”, em que os moradores davam as suas opiniões, com sua imagem projetada no telão e sua voz ampliada.

Com a experiência da *Tv Maxambomba*, o público em geral passou a ter diferentes formas de participação no desenvolvimento das atividades e dos programas da TV, ampliando, assim, o papel dos moradores da Baixada Fluminense na reflexão sobre suas realidades. A equipe da *Tv Maxambomba* realizou diversos vídeos em conjunto com grupos do movimento popular

organizado, nos quais os integrantes participavam de diferentes formas da produção dos vídeos, seja sugerindo pauta, elaborando roteiros ou fazendo a direção. Mesmo com essa aproximação com moradores e com os grupos do movimento popular, a TV não se limitou em fortalecer a ação desses grupos e moradores, além de potencializar suas vozes, mas ampliou a sua ação no que se refere ao fortalecimento da cultura em geral. Compreende-se cultura aqui de acordo com Morin, cujo conceito se destaca como uma forma de preparação para a vida.

[...] “cultura”, em seu sentido antropológico: uma cultura fornece os conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam as vidas humanas. A cultura das humanidades foi, e ainda é, para uma elite, mas de agora em diante deverá ser, para todos, uma preparação para a vida. (MORIN, 2011, p.48)

Neste estudo, a cultura está relacionada à mídia, e Morin tem contribuições a dar sobre essa relação, destacando a importância das mensagens produzidas, pois estas compõem o imaginário das pessoas.

Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas e símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Essa penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos, imagens da cultura como nas personalidades mítica ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). (MORIN, 2011, p. 5)

Em Nascimento, Noni Ostrower, integrante da equipe da *Tv Maxambomba*, destaca a mudança no foco de atuação da TV.

Nosso objetivo passou a ser mais apoio à cultura local, podendo com isto abranger todos os grupos ou pessoas que pensavam e faziam algo na comunidade. (NASCIMENTO, 2009, p. 83)

Essa abrangência e ampliação da participação dos moradores em todo o processo de produção e exibição dos programas da TV aconteceram, também, com o início do Projeto Repórter de Bairro – RB, em 1994, período em que o acesso às tecnologias era bastante difícil e se limitava a quem tinha melhores condições financeiras e que podia ter seus próprios equipamentos. Filé e Ostrower apresentam os objetivos desse projeto:

A ideia do Projeto era oferecer uma formação aos moradores, para que estes produzissem seus próprios programas, assessorados pela equipe da Tv Maxambomba, sem interferir na pauta ou nos formatos. (FILÉ, 2000, p. 92)

Esta experiência visava formar, nas comunidades em que a TV Maxambomba atuava, grupos de moradores capacitados a trabalhar com a linguagem audiovisual. Assim, eles próprios podiam expressar-se enquanto sujeitos de um processo de comunicação, estabelecendo graus de interação e de reconhecimento deste instrumento em favor dos interesses de suas comunidades. (OSTROWER in UNESCO, s/d, p. 4)

Esse projeto foi desenvolvido ao longo de quatro anos, com a participação das 12 equipes montadas nos bairros. Cada grupo era responsável por propor as pautas, gravar e editar os vídeos, e depois exibi-los.

Os equipamentos de gravação eram emprestados aos moradores e a edição dos programas era feita na sede da *Tv Maxambomba*, localizada no centro da cidade de Nova Iguaçu. Além de produzir os programas, as equipes participaram de cursos e formação técnica para aprimorar o uso dessa tecnologia. As equipes formadas em sua maioria por jovens e adolescentes é que dispunham de maior tempo para se dedicarem às atividades, essa disponibilidade se refletia nas temáticas e na técnica dos vídeos exibidos, assim como na continuidade do projeto. Nesse sentido, muitas equipes foram desfeitas antes do encerramento do projeto. Dois ex-integrantes da equipe do bairro Rancho Fundo relatam a transição ocorrida no projeto.

Nessa época, o projeto RB terminava em outros bairros, mas, em Rancho Fundo, nós não deixamos que isso acontecesse. Agarramo-nos ao projeto e dissemos “queremos mais”. Foi então que a equipe coordenadora da Tv Maxambomba lançou a proposta de cinco adolescentes fazerem um estágio na própria Tv, com o objetivo de buscar a profissionalização.¹²

Nós ficamos mais um ano no estágio e nos tornamos o grupo Fuzuê, que produz programas voltados para adolescentes e realiza oficinas de vídeo para jovens.¹³

Depois de um ano, o Grupo Fuzuê foi incorporado à equipe do CECIP, atuando em oficinas de vídeo nas escolas, disseminando, entre adolescentes, técnicas de produção de vídeo. Esse grupo de adolescentes foi importante para o desenho da metodologia de trabalho com esse público, nota-se um diferencial, tratava-se de jovens elaborando e desenvolvendo projetos com

¹² Neves (1999 in CECCON e PAIVA, 2000, p. 126).

¹³ Paiva (ibid., p. 129).

outros jovens. Considerando esses objetivos, estava sendo proposta uma grande mudança, no que se refere ao estímulo, à autonomia na participação do público, tanto na realização dos vídeos e exibição quanto no aumento do potencial da intervenção local dos próprios moradores.

Apesar de a equipe da *Tv Maxambomba* ser formada, em sua maioria, por moradores da Baixada Fluminense, ainda assim, os vídeos produzidos por ela representavam ainda um olhar externo sobre aquelas realidades. Era o olhar “do outro” sobre aqueles bairros, o que de certa forma reproduzia a relação que a TV comercial estabelecia com aquela localidade.

Anteriormente e em paralelo ao projeto RB, outras iniciativas da TV e do CECIP corroboraram para definição da metodologia geral de trabalho da ONG como, por exemplo, os projetos *Vídeo-carta*, *Botando a Mão na Mídia*, entre outros. No entanto, faz-se aqui um recorte da história da organização, assim como dos seus projetos mais significativos, para o desenvolvimento e consolidação da metodologia de trabalho com os jovens.

No projeto *Vídeo-Carta*, alunos de duas escolas debatiam, em frente à câmera, temas semelhantes, esses vídeos eram editados e apresentados à outra escola, a discussão gerada por esse produto também era gravada e exibida novamente na escola produtora. A presença da câmera nessas atividades, assim como as imagens da comunidade escolar na TV, passaram a fazer parte do dia a dia das escolas, criando uma familiaridade com essa linguagem. Nesse projeto, logo apareceu o interesse dos jovens de atuarem, também, atrás das câmeras, na produção desses vídeos.

O projeto *Botando a Mão na Mídia* foi realizado em diferentes etapas e formatos, envolvendo diferentes públicos, iniciou-se como um desdobramento do projeto *Vídeo-carta*, porém passou a envolver também os professores que, ao longo das ações, mostraram grande interesse pela linguagem audiovisual. Ao perceber essa demanda, a equipe responsável pelo projeto decidiu fazer uma reformulação na proposta. Ostrower relata essa readequação do projeto.

Avaliando e refletindo sobre a prática, a equipe do CECIP decidiu, a partir de 1998, reformular o Projeto Botando a Mão na Mídia, focalizando a capacitação de professores em linguagem audiovisual e metodologia de uso do vídeo em sala de aula. O trabalho com adolescentes continuou sendo desenvolvido pelo CECIP em oficinas e projetos de capacitação de jovens na produção de vídeo, nos quais também se busca desenvolver um olhar crítico frente à mídia. (OSTROWER in UNESCO, s/d, p. 5)

As oficinas desse projeto foram realizadas para cerca de 500 educadores, que envolveram aproximadamente 50 mil alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro. Diante do sucesso do projeto e da resposta positiva dos educadores, o CECIP resolveu transformar essa experiência em material educativo, como relata Ostrower:

Para possibilitar que mais professores, escolas, alunos e comunidades se beneficiassem dessa experiência, a equipe do CECIP registrou e sistematizou as aprendizagens desses seis anos, produzindo o conjunto de materiais Botando a Mão na Mídia - um manual, dois cartazes e uma fita de vídeo. (Ibid., p. 5)

A partir desse projeto, a escola, com toda sua comunidade, passa a ser um dos principais espaços de atuação da *Tv Maxambomba*, onde se percebe que os professores, assim como os alunos, numa ação conjunta, são responsáveis pela transformação dos espaços onde vivem.

A ênfase que o CECIP passa a dar à escola e aos docentes baseia-se no pressuposto de que ela é, potencialmente, um centro estratégico de irradiação das transformações que precisam acontecer na sociedade brasileira. (OSTROWER, 2006, p. 10)

Foi com o Projeto RB, fundamentalmente, que a *Tv Maxambomba* começou a desenvolver uma reflexão sobre como trabalhar com adolescentes e jovens, dando origem ao primeiro projeto voltado, especificamente, para este público – *Capacitação de Jovens em Produção de Vídeos* –, utilizando a produção audiovisual como um instrumento de estímulo à participação. O projeto foi realizado em duas edições - 1999 e 2001 – com financiamento do Programa Capacitação Solidária¹⁴, no âmbito do Programa Comunidade Solidária¹⁵. Durante seis meses, eram oferecidas oficinas para adolescentes para o uso da linguagem audiovisual como instrumento de intervenção cultural.

Nesse projeto, a partir da leitura crítica dos programas veiculados pela TV comercial, da produção de seus próprios programas e da edição e exibição desses vídeos, os jovens

¹⁴ O programa Capacitação Solidária, criado no âmbito do Comunidade Solidária, financia cursos para capacitação profissional de jovens com idade entre 16 e 21 anos, de baixa renda e escolaridade, que vivem nas periferias das principais regiões metropolitanas do país. Os cursos são realizados por organizações da sociedade civil, tais como empresas privadas, associações de bairro, cooperativas e sindicatos. (TOMMASI, 2004, p. 3)

¹⁵ O Programa Comunidade Solidária é a versão brasileira dos fundos sociais que foram criados, nos anos 1990, em muitos estados da América Latina, como parte dos “pacotes” das políticas de ajuste estrutural. Foi criado, em 1995, pelo governo Fernando Henrique Cardoso, e o Conselho do Programa era presidido pela primeira dama, Ruth Cardoso. (Ibid.)

experimentaram uma visão mais crítica em relação à sociedade. Além das atividades técnicas, eram oferecidas aulas de português e matemática, de acordo com a orientação do financiador. A formação era complementada com oficinas temáticas de saúde, cidadania e sexualidade.

As atividades da *Tv Maxambomba* foram encerradas no final da década de 1990, quando muitos financiamentos internacionais foram transferidos para países considerados mais pobres. De acordo com Tommasi, esse foi um momento de crise para as ONGs brasileiras, mas também um momento em que foram disponibilizados financiamentos de fundos governamentais.

O acesso relativamente fácil a esses financiamentos tem se dado num momento bastante crítico na história das ONGs brasileiras, quando os recursos provenientes dos organismos e entidades internacionais, que tinham sido muito significativos na época da ditadura, são fortemente reduzidos. A América Latina redemocratizada passa a não ser mais prioridade, ao mesmo tempo em que se configura como prioridade a atenção para países mais pobres, como os da África, e para os países que surgem com a queda do bloco socialista. (TOMMASI, 2004, p.4)

O término das atividades da TV mexeu com a estrutura do CECIP e sua equipe, visto que era um de seus principais projetos, a equipe da TV foi desfeita, assim como a sua sede em Nova Iguaçu foi desmontada. A partir desse momento, a captação de recursos passou a se dar de modo e com fontes diferenciadas para suprir a falta de recursos vindos do exterior. Esse momento coincidiu com o início da atuação do CECIP em projetos com jovens, quando houve um crescimento de financiamento privado para ações com a juventude.

Em um contexto mais geral, houve um aumento do investimento de empresas em programas sociais. De forma profissional, a responsabilidade social passou a fazer parte do planejamento estratégico das empresas, como elemento forte da gestão empresarial, dessa forma, cabe lembrar que a configuração de um projeto não se baseia somente no sentido da cidadania, mas também no sentido de um estímulo a certa despolitização, onde cada um é responsável por si.

Nogueira faz uma importante análise crítica a essa reorganização da sociedade civil, em que o terceiro setor, voluntariado, solidariedade e responsabilidade social, passam a ter papel importante como promotores do bem-estar da sociedade, utilizando financiamento privado.

A filantropia do terceiro setor e da “empresa cidadã” surgirá modernizada, vestida com o manto da solidariedade. Produzirá resultados sociais que não podem ser desprezados, mas não ajudará a que se funde um novo ou um melhor Estado. Além do mais, ao emergir como parte de um projeto de hegemonia, a filantropia moderna acrescentará uma dose a mais de despolitização no imaginário coletivo. (NOGUEIRA, 2004, p. 57)

Atualmente, a atuação do CECIP está estruturada em quatro linhas de ação: Materiais Educativos – produção de conjuntos de materiais educativos com informações de interesse público em uma linguagem acessível; Campanhas – mobilização social por direitos sociais através de campanhas públicas que utilizam diferentes meios de comunicação; Capacitação – apoio a escolas públicas e formação de agentes de mudanças por meio da formação de agentes sociais, com oficinas com educadores, lideranças comunitárias e grupos de adolescentes.¹⁶ Nessa última linha de atuação é que se inserem os projetos desenvolvidos com jovens.

Considerando os documentos do CECIP, observa-se que o termo jovem não aparece na descrição das linhas de ação, assim como os termos jovens e adolescentes são utilizados nos documentos da ONG, indicando certa igualdade no uso dos termos, quase que como sinônimos. Há uma falta de clareza sobre o que a ONG entende por juventude e qual é o universo juvenil atendido pelo CECIP. A mudança no uso dos termos se faz pertinente, pois ela expressa a ampliação na forma de ver e considerar os jovens, visto que as problemáticas, demandas, necessidades e potencialidades são bastante específicas.

Em um contexto de mudanças, permanências e reorganizações, tanto no CECIP quanto no terceiro setor, de 1994 até os dias atuais (2011), o CECIP desenvolveu cerca de 20 projetos, envolvendo diretamente mais de 1200 jovens e adolescentes, com idades entre 13 e 21 anos, estudantes de escolas públicas do Rio de Janeiro e de outros estados. Nessas iniciativas, com jovens, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são vistas como aliadas, pois se transformam em instrumentos de estímulo à participação no espaço escolar e na comunidade, onde os jovens podem experimentar ser protagonistas de suas ideias e disseminá-las para públicos mais amplos, assim como discutir temas como valores, identidade e o seu lugar no mundo.

A experiência de trabalho com jovens continua a ser desenvolvida. Estão em curso, no CECIP, três projetos envolvendo diretamente o público jovem. A *Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia*, projeto criado e financiado pelo Oi Futuro, instituto criado pela empresa OI, que

¹⁶ Informações retiradas do site do CECIP, www.cecip.org.br. Consulta realizada no dia 17/03/2011.

presta serviços de telecomunicação em todo o país. A *Escola* oferece, a cerca de 90 adolescentes e jovens de escolas públicas, no período de 18 meses, com aulas diárias, formação em áreas estratégicas para o mercado da comunicação: fotografia, vídeo, design gráfico e motion design, onde os jovens têm acesso a tecnologia de ponta.

Para complementar a formação os jovens têm aulas de design sonoro, história da arte e tecnologia, oficina da palavra, web design e arte digital. A *Escola* tem como objetivos preparar para o mercado de trabalho nas áreas de arte e tecnologia, assim como contribuir para que os jovens ampliem a capacidade de refletir e atuar sobre o universo em que vivem. Esse modelo de escola tem sede em outros três estados, Belo Horizonte, Recife e Salvador e se baseia na longa experiência de ONGs brasileiras, incluindo o CECIP, no desenvolvimento de projetos nas áreas de educação e comunicação.

A coordenação desse projeto marca a ampliação dos objetivos dos projetos desenvolvidos pelo CECIP com jovens, visto que uma das metas da Oi Kabum é preparar para o mercado de trabalho. Com melhor estrutura física e maior carga horária para formação, o centro passa a oferecer aos jovens uma formação técnica profissional, visto que essa é uma necessidade da juventude, que, sem perspectiva, em muitos casos, abandonam os projetos sociais em busca de qualquer colocação no mercado de trabalho.

O mais recente projeto é a *Praça do Conhecimento*, localizado no Complexo do Alemão,¹⁷ projeto realizado pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH) do Rio de Janeiro, cujo CECIP é o responsável pela gestão do espaço que oferece cursos e atividades de capacitação em novas tecnologias, disponibilizando livre acesso à internet e a recursos de multimídia, além de investir na produção e difusão de conhecimento, cultura e arte. Entre os seus objetivos, está a capacitação de jovens e adultos na utilização de linguagens multimídia, qualificação para inserção no mundo do trabalho, acesso a bens culturais e desenvolvimento pessoal, social, técnico, artístico e profissional. Essa política pública foi desenhada pelas equipes da ONG e da SMH, baseada nos projetos com jovens desenvolvidos pelo CECIP ao longo do tempo. Esse processo indica a influência da ONG na construção e gestão de políticas públicas para a juventude.

Atualmente, há uma mudança na forma das empresas colocarem em prática sua responsabilidade social. Essas empresas assumem modelos de projetos e programas sociais,

¹⁷ Conjunto de treze favelas, localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro, considerada uma das regiões mais violenta da cidade. Foi ocupada pelo Exército em 2011 e, em 2012, recebeu a UPP – Unidade de Polícia Pacificadora, modelo de segurança pública adotado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, desde 2008.

inspirados nas experiências das ONGs, adéquam seus espaços físicos a essas metodologias e convidam as ONGs para fazerem a gestão desses programas e projetos. Assim, como as empresas, os governos, nas esferas municipal, estadual e federal, realizam programas e projetos em conjunto com as ONGs, marcando a mudança da relação entre Estado e sociedade civil na construção de políticas públicas.

No universo de 20 projetos realizados pelo CECIP, foram selecionados dois deles – *Essa Tv é Nossa* e *Botando a Mão na Mídia (BMM)* - que orientaram a busca pelos jovens egressos. A escolha se deu considerando o período em que foram realizados, o público, a metodologia e a diferença na orientação de seus financiadores. A seguir, uma apresentação mais detalhada desses dois projetos.

1.2. Projeto *Botando a Mão na Mídia*

Eu lembro que a gente participava de bastante oficinas na parte de filmar, a agente aprendia a filmar, aprendia a editar, aprendia a entrevistar também que era a parte que eu mais gostava que era entrevistar, a gente ia para vários lugares, fazia vídeos curtos, depois exibia na escola, exibia em alguns lugares.¹⁸

Poliana relata as diferentes atividades técnicas das quais participou enquanto estava no projeto realizado, durante os anos de 2000 e 2002, e financiado pelo Instituto Ayrton Senna, parte do Programa Educação pela Comunicação, no âmbito do Programa Cidadão 21, que tinha como objetivo mudar o enfoque de abordagem dos jovens, passando de problema social para parte da solução dos desafios sociais.¹⁹ O Programa Educação pela Comunicação envolveu iniciativas realizadas em todo o país e tinha como meta sistematizar essas experiências. Para atender a esse objetivo, foi criada a Reducom – Rede de Educação e Comunicação. Algumas discussões dessa Rede estavam relacionadas ao conceito de Educomunicação²⁰ e a relação entre processo e produto, considerando que educação se dá em um processo e a comunicação pressupõe um produto (vídeo, programa de rádio, site, etc.).

¹⁸ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

¹⁹ Fonte: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0029.html> Fernando Rossetti, no Instituto Ayrton Senna, participou da estruturação do Programa Educação Pela Comunicação.

²⁰ O conceito de Educomunicação vem sendo amplamente discutido e ampliado no campo da comunicação e não se pretende aqui aprofundar esse tema.

Cabe aqui apresentar duas das quatro metas do Programa Educação e Comunicação, que contribuem para a compreensão do conceito de juventude utilizado pelo IAS:

(i) propor, identificar e implementar ações e projetos cooperativos que promovam o desenvolvimento da comunicação como proposta para uma nova concepção da educação e da escola, e como método para a formação de jovens, oferecendo oportunidades educativas para o desenvolvimento pleno dos seus potenciais como pessoas, trabalhadores e cidadãos; (iv) defender a formulação e a implementação de políticas públicas e de ações de solidariedade social, visando a valorização dos jovens como protagonistas de desenvolvimento social, econômico, cultural e a promoção da educação pela comunicação.²¹

Essas metas preveem, em um âmbito mais geral, a formação e desenvolvimento dos jovens em diferentes âmbitos, indicando, assim, o papel da juventude enquanto parte da solução de problemas sociais. Nessa concepção, recai sobre a juventude a perspectiva de que são responsáveis por solucionar problemas sociais complexos.

Parte desse programa, o BMM, envolveu diretamente cerca de 30 alunos, devidamente matriculados e frequentadores de cinco escolas públicas da Baixada Fluminense, que cursavam a última série do Ensino Fundamental ou as séries do Ensino Médio, todos alunos eram moradores de bairros localizados no entorno da escola e não apresentavam nenhum tipo de conflito com a lei. O objetivo do projeto BMM era:

Contribuir para a construção de novas relações na comunidade escolar e, conseqüentemente, melhorar as condições de ensinar e aprender, através da utilização da linguagem audiovisual como um instrumento de expressão. Por meio deste processo, estimular professores e alunos a se tornarem mais atuantes na comunidade escolar, exercendo dessa forma a cidadania.²²

Os dois projetos analisados foram realizados em escolas públicas da Baixada Fluminense, mantendo a localidade onde o CECIP iniciou suas atividades, entendendo essa região parte de um centro urbano, com contrastes sociais e com muitas potencialidades. Os jovens egressos conhecem e reconhecem a sua realidade e a importância de terem um projeto de vídeo realizado na sua região, visto que os projetos sociais, segundo o Fábio, em sua maioria, eram realizados em favelas.

²¹ Metas retiradas do Instrumento Particular de Parceria, arquivo CECIP.

²² Trecho do projeto escrito pela ONG para o financiador.

Eu vejo que a Baixada ela é muito discriminada, o governo, a sociedade dá mais valor ao pessoal que mora em comunidade, que agora não pode mais falar favela, é comunidade, e assim parece que só as pessoas que vivem em comunidade que são carente de oportunidades, dos serviços sociais né e colocando isso (o projeto) para a Baixada Fluminense eu achei muito bacana, porque realmente a Baixada Fluminense tem grandes talentos, grandes pessoas, muitas pessoas que são capazes de fazer até o que Deus duvida²³.

Essa fala reforça a ideia de que grande parte das ações sociais, sejam elas governamentais, sejam privadas, acontecem em espaços e com grupos que possibilitam maior visibilidade aos seus realizadores, fazendo, assim, uma hierarquização das necessidades dos grupos de jovens a serem atendidos.

O projeto BMM tinha entre os seus objetivos específicos: a discussão sobre a linguagem do vídeo e da TV, para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os meios de comunicação; a utilização do vídeo como instrumento de “escrita”, de expressão e comunicação entre os jovens e produção de conhecimentos; resgate de identidade cultural dos jovens; produção e exibição de vídeos, voltados para o público jovem, como estímulo à participação cidadã através da mobilização da sua comunidade.

Um dos pontos em comum, descritos nos dois projetos, é a metodologia, que faz uso de atividades lúdicas, de reflexões teóricas e práticas, que possibilitam uma ação coletiva, na qual os jovens se apropriam da linguagem audiovisual. Outra semelhança encontrada nos dois projetos, é a formação da equipe de educadores.

Nos dois projetos, a equipe permanente era formada por um coordenador, três jovens monitores, e, para trabalhar temas específicos, eram convidados diferentes profissionais. A relação dos jovens com a equipe foi comentada pelos jovens em suas entrevistas, destacando a importância de serem pessoas com realidades e histórias de vida muito próxima as suas, o que facilitava a relação entre as pessoas. De acordo com os relatos, as aprendizagens se deram no âmbito das relações de troca, relações de confiança, afeto e responsabilidade. Diego comenta da relação que mantinha com a equipe de educadores do projeto.

A trajetória de todo mundo sempre foi muito falada e sempre foi muito bacana pra gente conhecer a trajetória das pessoas que estavam lá e essas pessoas tinham também uma realidade muito próxima, daqui de Nova Iguaçu, a maioria

²³ Entrevista realizada pela autora, em 27/07/2011.

e tal então eu acho que essas talvez sejam questões que tenham contribuído para isso, enfim pra esse clima super bacana que tinha no projeto.

Os monitores, além de serem moradores da mesma localidade, tinham idades entre 18 e 20 anos, idades muito próxima da dos participantes do projeto, o que contribuiria também para o estreitamento das relações. Diego dá continuidade a sua análise sobre a relação dos jovens com os educadores.

Eu acho que essa questão da idade também ajudava muito porque você está numa linguagem mais próxima assim, apesar de você ter uma trajetória diferente, você ter uma vivência diferente tem coisas ali que a idade, a trajetória não consegue dissociar da idade que você tem, é uma coisa geracional mesmo assim, então acho que a maneira de falar enfim, uma série de coisas.²⁴

Esse é um dos pontos marcantes no trabalho com jovens, desenvolvido pelo CECIP, quando, desde o projeto *Capacitação de Jovens em Produção de Vídeo*, em 1999, constitui uma equipe com jovens para o desenvolvimento dos projetos. Propõe-se, assim, uma relação diferenciada entre educador e jovem, pois se trata de jovens educadores de jovens. De acordo com o relato dos entrevistados, pode-se compreender o papel desse jovem educador como um acompanhante, de acordo com Tommasi.

Talvez deveríamos pensar mais no papel dos adultos como os de acompanhantes dos percursos de busca e de experimentação dos jovens, pessoas de referência que escutam e sustentam nos momentos de fragilidade e de dúvida sem fazer julgamentos ou querer impor seus modelos de vida. (TOMMASI, 2004, p. 12)

O Projeto BMM foi dividido em duas fases, com duração de 12 meses cada. Suas atividades aconteciam três vezes na semana, com encontros de quatro horas. A primeira fase foi dedicada às atividades de capacitação teórica – oficinas sobre saúde, cidadania, elaboração de projeto, comunicação e mídia – e capacitação prática – oficina de ideia, pesquisa, formato, produção, direção, iluminação, áudio, câmera/fotografia, edição e exibição – com jovens e educadores,²⁵ separadamente, com produção e exibição de vídeos. Fábio fala sobre as atividades práticas do projeto, o uso do vídeo como uma forma de expressão e da valorização de si.

²⁴ Entrevistas realizada pela autora, em 23/07/2011.

²⁵ Nesta pesquisa não será feita a abordagem em relação à participação dos educadores.

No projeto tinha oficina de câmera, de som e oficina de iluminação no caso, tinha também a parte de edição, tinha tudo na área de imagem, no caso de TV, até mesmo fotografia. Nós aprendemos, fizemos vários vídeos, tiramos várias fotos. Nós apresentávamos nas ruas, na praça, na escola e assim fazia muita integração de pessoas que não sabiam absolutamente nada, chegando num patamar quase que profissional. Essa era a melhor recompensa que a gente tinha, o reconhecimento.²⁶

A partir da experiência vivida, foi elaborado, pelos alunos, um Plano de Ação para a continuidade do Projeto até o final dessa primeira fase. Na segunda fase, de acordo com critérios estabelecidos pela equipe do CECIP, foi escolhida uma das cinco escolas envolvidas para sediar uma TV Comunitária, que passaria a produzir vídeos e exibi-los na escola, em conjunto com os jovens das demais unidades de ensino. Nessa fase, foram produzidos e exibidos dois programas sobre os temas: a influência da mídia na vida dos jovens, o relacionamento familiar, o namoro, o desemprego e a fome. Os jovens, também participaram de oficinas técnicas para aprofundamento do processo de produção de vídeo.

Ao final do projeto, a proposta seria dos alunos continuarem a atuação no espaço escolar e a produção de vídeos para alimentar a TV. Apesar do interesse dos jovens em multiplicar a experiência, esse objetivo não se seguiu. De acordo com o relatório final sobre o projeto, seria necessário mais tempo de formação dos jovens e um acompanhamento sistemático da equipe.

1.3. Projeto *Essa Tv é Nossa*

As atividades do projeto eram que a gente aprendia produção de áudio e vídeo, era uma coisa bem legal, bem dinâmica. A gente fez muitos amigos, aprendemos bastante coisa e foi um período bem diferente da minha vida que eu aprendi bastante coisa, agreguei valores, aprendi com muitas pessoas. A gente aprendeu coisas que dá para levar para a vida. Eu não trabalho com produção de áudio e vídeo, mas aprendi valores que eu levo para a vida.²⁷

Carla apresenta os aprendizados adquiridos ao longo do projeto que foi realizado durante os anos de 2002 e 2003, financiado pelo Instituto Credicard, parte do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro - PJE, que tinha como objetivo: “Educar o jovem para inventar o seu próprio futuro e lutar para caminhar resolutamente na sua direção”. O foco principal do

²⁶ Entrevista realizada pela autora, em 27/07/2011.

²⁷ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

Programa era o empreendedorismo juvenil. Sua missão era: “*Fortalecer a ação empreendedora de adolescentes e jovens na construção da cidadania*”.²⁸

De acordo com as informações sobre o programa, destaca-se a ideia de jovem empreendedor, sugerindo uma concepção de desenvolvimento da autonomia e exercício de escolhas. A ideia de jovem, enquanto parte da solução de problemas sociais, também é uma das propostas desde programa.

O Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro propõe-se a criar espaços (oportunidades e condições) para que jovens – atuando como parte da solução e, não como parte do problema – empreenda ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais, sociais, produtivos, pelo acesso pleno ao direito de ter direitos e ao dever de ter deveres na construção de seu projeto de vida. Trata-se, portanto, de uma iniciativa de educação para a vida no sentido mais amplo do termo.²⁹

O projeto *Essa Tv é Nossa* envolveu diretamente cerca de 20 jovens, com idades entre 16 e 20 anos, devidamente matriculados e frequentadores de uma das cinco escolas parceiras do projeto, todas localizadas na Baixada Fluminense, os jovens eram moradores de bairro localizados no entorno da escola onde eram realizadas as atividades e não estavam em conflito com a lei. Esse projeto também previa o trabalho com educadores, mas esse aspecto não será abordado nesta pesquisa. De acordo com o projeto elaborado pelo CECIP, seu objetivo era:

Através de atividades de comunicação, principalmente o vídeo, contribuir para que os jovens desenvolvam uma visão empreendedora, estimulando-os a agir para melhorar a vida de sua comunidade e a estabelecer um projeto de vida, tornando-se mais atuantes em suas escolas e comunidades.

Tinha entre seus objetivos específicos o estímulo aos jovens em assumir responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento, a utilização do vídeo para promover mudanças; incentivo aos jovens a elaborar, implementar e avaliar projetos de seu interesse, o desenvolvimento do olhar crítico sobre os meios de comunicação; resgate da identidade cultural, valorização da comunidade onde vivem e registro do processo com o objetivo de sistematizar a experiência e divulgar como um modelo. Vale destacar que esse projeto previa, também, o envolvimento de pais e familiares,

²⁸ Informações retiradas da sistematização do Programa – biênio 2002 e 2003. **Jovens escolhas em rede com o futuro**. São Paulo: Umbigo do Mundo, 2005.

²⁹ Ibid.

o que está descrito no texto de sistematização da experiência, em que a equipe avalia essa ação, apresentando a importância da inclusão das famílias no processo de valorização da ação juvenil.

O contato dos facilitadores do projeto e dos jovens protagonistas com os familiares e com a comunidade foi pontual. Além das limitações de tempo e financeiras que não nos possibilitaram programar ações sistemáticas com os responsáveis, estes dispõem igualmente de pouco tempo para encontros. Mesmo assim, a interação que conseguimos implementar serviu para que os jovens pudessem começar a projetar uma imagem de si mesmos como realizadores, criadores de coisas positivas e importantes, além de fortalecer sua identidade diante da família, contribuindo no seu processo de amadurecimento e percepção de um novo lugar. Com isso, aos olhos das escolas, das famílias e das comunidades onde moram, esses jovens passaram para um patamar superior àquele em que anteriormente estavam.³⁰

Nesse projeto, tinham oficinas realizadas três vezes por semana, com quatro horas de duração, oferecendo atividades lúdicas e reflexões teóricas e práticas, o projeto tinha como ações principais a integração dos jovens das diferentes escolas e bairros, elaboração de projetos de vida e de contribuição para a comunidade, produção e exibição de vídeos e mobilização de alunos e moradores nas escolas e nos bairros. Estavam previstos passeios e participação em atividades de avaliação do projeto.

A oficina tinha um intervalo para descanso e para o lanche, que era oferecido pelo projeto. Esse momento de intervalo foi apontado pelo Diego como um dos momentos de integração entre os jovens.

Essa coisa do lanche tal não sei o que, era legal porque o lanche era um momento assim que a gente tinha, se as oficinas, se ali durante todo momento era uma coisa bem descontraída, bem tranquila tal, nesse momento do lanche era muito mais ainda, era um momento muito legal eu me lembro que a gente aproveitava o intervalo pra jogar bola, voltava provavelmente fedidíssimos para o resto da oficina, mas a gente jogava bola tal e era super legal, assim eu nunca joguei tanto futebol quanto naquela época, depois que eu saí de lá eu nunca mais joguei bola.³¹

A fala do Diego destaca o momento do lanche como tempo de vivência da sociabilidade, em que o objetivo da interação é a própria relação cujos jovens puderam estabelecer entre si.

³⁰ Relatório técnico gerencial (julho a dezembro de 2002).

³¹ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

Esse projeto foi realizado em duas fases, com duração de 12 meses, a primeira fase foi dedicada ao desenvolvimento de uma visão empreendedora, atendendo a orientação do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro – PJE, a partir do tripé conceitual: educação para valores, empreendedorismo e participação/protagonismo juvenil cultura da trabalhabilidade. Foram oferecidas também, oficinas temáticas sobre drogas, saúde, sexualidade, cidadania, discriminação e direitos, além das oficinas técnicas sobre a linguagem audiovisual com uma abordagem crítica.

Em relação ao Programa do IAS, o Programa do Instituto Credicard tinha uma orientação muito mais precisa. Oferecia temáticas específicas, a serem desenvolvidas nas oficinas, materiais impressos de orientação para os educadores, impunha o formato para projetos participantes, mantinha um cronograma de reuniões de avaliação entre as equipes dos projetos e a equipe do programa, além de, uma equipe de técnicos que acompanhavam os projetos presencialmente e uma equipe de avaliadores da PUC-SP.

A equipe do PJE organizou uma sistematização da experiência, com textos redigidos por todas as ONGs participantes do programa. Nesse texto, o CECIP avaliou a sua relação com o financiador e analisou as orientações do programa.

Muitas vezes há um excesso de demanda, como leitura de documentos e solicitações de informações, dentre outras, que representam um considerável peso adicional para o coordenador e para a equipe.

Existe também uma sensação de corrida contra o tempo, como se fosse possível, com apenas dois anos de experiência, extrair e sistematizar todas as conclusões que permitam generalizações que visam uma reprodução em escala ou, mais ambiciosamente ainda, para a transformação dessa experiência em uma política pública.

Podemos observar que tanto os jovens como os facilitadores vivenciam o projeto em um tempo diferente daquele planejado. A apropriação — por todos os envolvidos nesse processo de aprendizagem — de conceitos, atitudes e comportamentos ligados ao protagonismo, à vivência de valores de colaboração, diálogo e solidariedade, à cultura da preparação para o mercado de trabalho (trabalhabilidade), se dá de forma e em um ritmo próprio, de acordo com valores, crenças e experiências prévios de cada um.

O grupo de facilitadores acredita que é fundamental que outros adolescentes tenham acesso a atividades como as do Projeto Essa TV é Nossa, contribuindo para que se tornem mais pró-ativos e possam melhor gerenciar suas vidas. Mas há que se respeitar o tempo que qualquer mudança leva para acontecer. Na pressa de se produzir resultados em dois anos, pode-se prejudicar amadurecimento da experiência.³²

³² Texto da sistematização do PJE (2005).

De acordo com esse relato, cabe a reflexão sobre até que ponto os referenciais e definições dos financiadores influenciam a metodologia de trabalho do CECIP. Não se pode negar que existe um quadro de diretrizes e objetivos definidos por eles, que vão desde o conceito de juventude até as estratégias para o desenvolvimento das ações, porém fica evidente que a organização está atenta as respostas vindas da prática no dia a dia dos projetos, em que, num processo de formação, cada jovem tem seu tempo e forma de se apropriar dos aprendizados e de se desenvolver e ainda que para se desenhar política pública é preciso de tempo e amadurecimento da experiência para que ela se consolide.

De acordo com a gestão da organização, a interferência dos financiadores é inevitável, o que exige negociação constante, visto que, os projetos estão sempre atrelados a meta, porém o CECIP, com sua longa experiência e metodologia definida, já conquistou certa liberdade na realização dos seus projetos, o que garante à organização o direito de definir o que é ou não negociável.

Existe uma tensão latente entre os resultados exigidos pelos financiadores, que deve se dar em um espaço de tempo definido e a real condição em que esses processos de formação se dão, considerando as demandas e necessidades do público jovem. Essa tensão indica um dos limites identificados nessas práticas sociais, financiadas por institutos e fundações empresariais. A fala de Carlos André, sobre a primeira fase do projeto, indica o respeito ao tempo para o aprendizado dos jovens.

O primeiro ano, ele parece que foi mais uma experiência mesmo sabe assim, a gente fez as atividades um pouco mais simples né, apesar de ser um grupo que já tinha algum conhecimento do que era projeto assim, de fazer vídeo, muito pouco, mas tinha, a gente fez uma coisa que eu me lembro foi experimentar mesmo.³³

Carlos André fala de seu processo de aprendizado a partir da experimentação, o que deu a esses jovens o direito de aprenderem a partir da reflexão sobre seus possíveis “erros”, com a possibilidade de consertá-los. Além de produzirem vídeos, os jovens, divididos em grupo, foram estimulados a elaborar microprojetos para serem colocados em prática com outros jovens. A

³³ Entrevista realizada pela autora, em 27/07/2011.

escolha dos temas³⁴ era de interesse dos grupos. Diego relata a experiência, enquanto idealizador e realizador das ações, e o quanto essa experiência contribuiu para o seu próprio desenvolvimento.

O projeto era dividido em basicamente dois períodos, num período a gente formulava propostas de oficinas e numa outra etapa a gente ia até locais que nós escolhêssemos pra colocar essas oficinas em prática, então foi muito legal porque foi a primeira vez que eu dei uma oficina e eu trabalhei dando oficina depois durante muito tempo assim, essa experiência no CECIP de oficinas, de estar ali lidando com o outro passando a linguagem básica do audiovisual foi o que segurou a minha onda depois durante muito tempo, assim de “trampo” mesmo. Dei aula na CUFA, no CIZANE, enfim no Observatório de Favelas, na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, enfim fiz trabalho para a Fundação Roberto Marinho, uma série de outras coisas que eu comecei a pegar nessa oficina lá no início.³⁵

Com o relato de Diego, percebe-se que, ao realizar os microprojetos, os jovens desenvolveram uma capacidade que foi aproveitada por eles em suas trajetórias de vida. A realização dos microprojetos foi avaliada positivamente em um dos relatórios produzidos pela equipe do projeto.

O processo de construção dos Projetos Secundários foi muito interessante. Os jovens discutiram os problemas da comunidade, escolheram seus espaços de atuação, definiram estratégias e, no segundo semestre, planejaram passo a passo todas as atividades, implementaram e avaliaram as mesmas. Os monitores e a coordenação acompanharam estes jovens, mas procuraram interferir muito pouco no processo. Na maioria dos projetos, embora nem todos tenham escolhido atuar com vídeo, foram realizadas atividades de discussão do impacto da mídia na vida cotidiana, do incentivo ao consumo, da moda.³⁶

Essa etapa do projeto possibilitou que os jovens treinassem e experimentassem, sem a presença constante dos educadores, com autonomia, como era se relacionar com o outro e repassar para seus iguais os seus aprendizados, assim, estabeleceu-se um processo de ensino e aprendizagem constante. Carla fala sobre a interação com outras pessoas e como se estabeleceram relações de troca de saberes.

³⁴ Microprojetos realizados pelos jovens: *Cultura na Praça* (oficinas e apresentações de música, dança, vídeo e cidadania nas comunidades), *Leitura na Escola* (incentivo à leitura), *O despertar da autoestima* (para a valorização da autoestima de jovens frequentadores de um pré-vestibular para negros e carentes) e *É na escola que se aprende* (incentivo aos alunos a permanecerem na escola).

³⁵ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

³⁶ Relatório técnico gerencial (julho a dezembro de 2002).

O projeto era as terças e quintas, no colégio e a gente aprendia como era colocar a luz, manusear as câmeras e depois o legal de tudo era que o que a gente aprendia, a gente ensinava para outras pessoas em outros colégios para adolescentes como a gente na época e era legal porque eles não tinham contato com outras culturas, eram de lugares que não tinham contato com nada disso e nunca tinham feito curso e nunca tinham feito nada e a gente ajudava a eles a criarem aquela maturidade de saber alguma coisa, de agregar alguma coisa para eles.³⁷

As falas dos jovens apontam para dois resultados dessa atividade de elaboração e realização de projeto, um é o desenvolvimento do grupo atendido pelos jovens e o outro é o desenvolvimento dos jovens realizadores, fica evidente o quanto essas ações contribuíram para o aprendizado e crescimento deles próprios. Essa é uma análise importante que contribui para a compreensão de como pode ser a participação e a formação juvenil.

A partir das experiências vividas no primeiro ano, no *Essa Tv é Nossa*, a segunda fase desse projeto foi elaborada pelo grupo de jovens participantes da primeira fase. Durante o primeiro mês desse ano, uma comissão de jovens se reuniu com a equipe do CECIP para pensar as próximas ações. De acordo com o interesse dos jovens, essa fase foi dedicada a aprofundar os conhecimentos de produção de vídeo e fazer um resgate da história do local onde acontecia o projeto. Toda a segunda fase foi decidida pelos jovens, em conjunto com a equipe do CECIP, incluindo o valor da bolsa-auxílio. No primeiro ano do projeto, os jovens recebiam uma bolsa de R\$ 50,00, no segundo ano, a proposta dos jovens era que a bolsa passasse para R\$ 200,00, porém essa proposta não foi aceita e a bolsa passou para R\$ 80,00.

A bolsa-auxílio é um dos grandes diferenciais entre os dois projetos que parece ser importante destacar. O IAS não tinha como orientação o auxílio financeiro para os jovens, enquanto que, no Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro – PJE, essa era uma obrigatoriedade. A justificativa para o pagamento de bolsa-auxílio é descrita por Esteves:

O PJE estabeleceu, desde seu início, a obrigatoriedade das ONGs pagarem a bolsa juventude a cada jovem que integrasse seus respectivos projetos. O objetivo foi incentivar e valorizar a participação do jovem no Programa, bem como contribuir para que ele investisse em sua própria formação. (ESTEVES, 2005, p.28)

³⁷ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

Com o crescimento dos programas sociais para jovens a bolsa-auxílio passou a ser um tema bastante complexo e muito discutido, não só por ONGs, como também por financiadores. Se por um lado, possibilita a participação dos jovens e garante o número de jovens atendidos, por outro, cria uma falsa ideia de vínculo com o projeto e de trabalho prestado, e, nesse contexto, criou-se um mercado de bolsas de projetos sociais, possibilitando que, em alguns lugares onde a oferta de projetos é grande, os jovens passassem a escolher os projetos pelo valor da bolsa oferecida. Entretanto, essa não parece ser a realidade dos jovens entrevistados, pois estes entenderam a bolsa-auxílio como um incentivo á participação, de acordo com as falas de Carla e Diego, consecutivamente.

Era uma bolsa acho de 80 reais e esses 80 reais me ajudavam porque eu ajudava a minha mãe a não gastar dinheiro comigo. Hoje os jovens não têm essa consciência, eu não preciso arrumar um emprego para ter dinheiro, eu posso aprender e ganhar com isso.

Pra algumas pessoas isso é a razão de estar ali, porque de repente não se identificou com a história ali, pra outras é algo mais, é uma coisa que te ajuda a estar ali te possibilita estar ali principalmente se a gente fala de passagem (de ônibus), mas eu acho enfim que na época foi uma das coisas que me fez, me motivou a estar também.

Com o final do projeto BMM, alguns jovens participantes foram convidados a integrar o grupo de jovens do projeto *Essa Tv é Nossa*, esse foi o caso da Jô Medeiros, assim como outros jovens. No BMM não era oferecida bolsa-auxílio, então ela passou a ganhar essa ajuda e experimentou essa diferença. Ela relata como vivenciou essa experiência.

Então, na época (do Projeto BMM) eu estudava e pra gente às vezes era difícil ir pra lá (para as oficinas) porque não tinha o da passagem e como a gente era estudante de escola pública, alguns motoristas não deixavam a gente entrar, então a gente nunca sabia, sem a grana de passagem, se a gente podia entrar no ônibus, depois que veio a bolsa e a passagem pra gente foi melhor até por questão dos pais, pelo menos na minha opinião. Pelo menos com o que eu ganhava de bolsa eu investia em mim, porque na hora que eu pedia grana pra comprar um caderno diferente ou comprar coisas pessoais eu não tinha que recorrer a ela (mãe), eu tinha a grana do projeto que estava lá guardado, então pra mim isso era primordial para as pessoas.³⁸

³⁸ Entrevista realizada pela autora em 27/07/2011.

A fala da Jô demonstra algumas das funções da bolsa-auxílio. Vale destacar a importância dessa ajuda no estabelecimento de uma relação diferente com as famílias, pautada numa certa autonomia. Fica claro, também, que a bolsa contribuiu para o aprendizado na organização e no uso do dinheiro.

A segunda etapa do projeto *Essa Tv é Nossa* foi definida pelo Carlos André como “*mudança total*”, no sentido de que, a primeira etapa do projeto, foi considerada, por ele, como um ano de experimentação e o segundo ano de mais responsabilidade. A elaboração conjunta, entre jovens e educadores, das atividades para o segundo ano do projeto não foi apresentada de forma direta pelos jovens entrevistados, mas a fala de Carlos André confirma que a participação direta dos jovens, com acompanhamento da equipe de educadores, na elaboração de ações a serem desenvolvidas por eles próprios e por outros, pode trazer envolvimento e apropriação diferenciados, considerando que a prática recorrente é de os jovens serem considerados protagonistas de ações idealizadas por outros e não por eles próprios.

Ao longo dos dois anos de projeto, além da realização das atividades com outros grupos, os jovens produziram: cinco vídeos curtos sobre transporte coletivo, talentos da Baixada, poluição, saúde, lazer, violência; incentivo à leitura e um vídeo documentário, “Bairro Botafogo: passado e presente”, uma ficção, “O que é ser jovem”, e uma exposição, “Bairro Botafogo: Passado e Presente”. O que são considerados produtos do processo de formação desses jovens.

Por meio da descrição dos projetos BMM e *Essa Tv é Nossa*, e da apresentação do CECIP, fez-se um recorte da metodologia de trabalho, desenvolvida pelo CECIP junto a juventude. Os jovens aprendem técnicas para produzirem pequenos vídeos, nos formatos de ficção, telejornal, documentário, animações, entre outros, acompanharam o processo de edição e depois dos vídeos prontos, realizaram exposições para o público em geral, em locais públicos, como escola e praças das comunidades, utilizando telão e projetor ou TV e DVD.

Durante o processo de produção dos programas, os jovens foram convidados a experimentar o trabalho em grupo, a produção de valores, a atenção aos espaços onde vivem para a criação de comunidades participativas e a produção de informação sobre juventude. A análise desses projetos indica que, na metodologia, os jovens são considerados enquanto sujeitos de direitos, visto que essa é uma formação que busca o desenvolvimento da autonomia juvenil, como suporte para que possam melhorar suas próprias vidas.

No próximo capítulo, serão apresentadas as diferentes trajetórias dos seis jovens quase 10 anos depois da finalização dos projetos BMM e *Essa Tv é Nossa*. A partir do relato de suas experiências, o que se pretende é indicar a influência da vivência nos projetos em suas vidas até os dias atuais e, ainda, como esses jovens deram continuidade a esse processo de desenvolvimento, formação e inserção social, na tentativa de compreender qual é o papel de projetos sociais na vida de jovens moradores de periferia.

2. JOVENS DA BAIXADA FLUMINENSE: A INTERFACE JUVENTUDE, PROJETOS SOCIAIS E TECNOLOGIA NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA

2.1. Abordagens juvenis

Esta pesquisa tem como categoria básica de análise a juventude, embora esta seja uma categoria que apresenta um número significativo de produção em diferentes áreas e sob diferentes enfoques, ainda se tem muito a descobrir sobre a juventude no Brasil. O retrato da juventude brasileira ainda está em construção. Há uma busca pelo sentido de sua identidade, assim como a busca por desmistificar os variados estereótipos e rótulos associados aos jovens.

O tema da juventude é bastante recorrente em estudos, nesse sentido, é importante apresentar um rápido panorama sobre as mudanças na abordagem acadêmica do tema ao longo do tempo, considerando marcos importantes dos direitos da juventude. Apesar de ser uma temática bastante discutida em diferentes espaços, cabe lembrar que muito se tem ainda a produzir e fazer em relação aos jovens do país, pois ainda existe um vazio no que se refere às políticas públicas de qualidade voltadas para esse seguimento.

No Brasil, são 49,7 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, o que representa 26,2% da população total de acordo com PNAD (apud Novaes, 2008). A produção de conhecimento no campo da juventude é crescente, porém o enfoque dos estudos foi se modificando ao longo do tempo, demonstrando que a juventude tem ocupado diferentes espaços na sociedade.

Nos estudos da década de 1960, os jovens eram vistos como segmento de forte participação nas práticas da vida cotidiana, havia uma associação entre a noção de juventude e a condição de estudante, especificamente jovens universitários de classe média, que se tornaram referência na realização de ações culturais. Foi considerado um segmento crítico, ativo e organizado.

Já na década de 1970, os estudos consideraram que a juventude estava vivendo um vazio político e cultural, como consequência da ditadura militar. Nos anos 1980, período de recessão e de alargamento da pobreza no Brasil, como descreveu Novaes (2009), as pesquisas buscavam as

razões pelas quais, supostamente, a juventude não tinha mais a mesma participação identificada na década de 1960, assim o mito da juventude apolítica ganhava força.

Contudo, nesse período, reservou-se à juventude a responsabilidade pelo desenvolvimento, como forma de sair da crise, ou seja, a população juvenil como *agentes para o desenvolvimento*, enfoque nos jovens como *capital humano*, segundo Novaes (2009), que comenta o surgimento de programas e projetos nesse período de recessão e ampliação da pobreza:

O que, na prática, significava responder ao desemprego de jovens por meio de projetos de capacitação ocupacional e inserção produtiva com ênfase no chamado empreendedorismo juvenil. Com este objetivo, surgiram vários programas e projetos sociais executados em parceria entre governos e organizações do terceiro setor, na grande maioria dos casos apoiados por organismos internacionais. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), por exemplo, financiou programas de capacitação de jovens em diferentes países da América Latina. (Novaes, 2009, p. 16)

Importante destacar que, nessa mesma década, com a constituição de 1988, são instauradas algumas políticas voltadas para a juventude, quando alguns direitos foram assegurados para crianças e adolescentes até 18 anos.

Nos anos 1990, os estudos buscaram comportamentos e estilos juvenis, período de entendimento das resistências, valorização das micropolíticas e juventude vista no plural.

E, em 2000, os trabalhos se concentraram entre outros temas, nas novas redes sociais, atuação cultural e micropolíticas cotidianas, como está descrito em Borelli et al (2010).

Ao mesmo tempo, durante essas décadas, a associação da juventude aos atos de violência era cada vez mais crescente. Novaes comenta a criação de políticas e programas de controle da juventude.

Para os jovens considerados em situação de risco, foram reservados projetos específicos para conter a violência e para garantir sua ressocialização. As atividades culturais, neste contexto, foram vistas como uma importante via de contenção da violência juvenil. Por outro lado, para enfrentar a pobreza da sociedade, o remédio parecia estar nas chamadas políticas focalizadas. Para alívio imediato da pobreza, as políticas passaram a focalizar especificamente as crianças e suas famílias. (NOVAES, 2009, p. 16)

A ideia de jovens associados à violência está relacionada principalmente aos jovens pobres, moradores de periferia. Relação que permanece até os dias atuais, quando os jovens são

vistos como os promotores da violência ou quando são as vítimas, em potencial, dos diferentes tipos de violências. Projetos e programas, criados nesse contexto, consideram os jovens como criminalizados, como ameaçados ou ameaçadores e ou como objetos, públicos-alvo de políticas puramente assistencialistas, que não consideram o desenvolvimento e a formação juvenil. São essas visões que ainda orientam muitas políticas para a juventude.

As políticas de caráter global afetaram diretamente a juventude brasileira e contribuíram para uma relação equivocada com a juventude do país que estava sendo vista somente por enfoques restritos. Uma juventude era responsável pelo desenvolvimento do país, enquanto a outra juventude era a responsável pela promoção da violência. Novaes faz uma consideração em relação à invisibilidade juvenil:

Como segmento populacional, com questões específicas de exclusão e inclusão social, os jovens continuavam invisíveis. Assim, reinserção escolar e capacitação para o trabalho eram vistos como antídotos à violência e à fragmentação social, e não como direitos dos jovens. (NOVAES, 2009, p. 16)

Em se falando de juventude, não se pode deixar de citar a criação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente –, em 1990, que pode ser considerado um marco jurídico importante na garantia dos direitos de crianças e adolescentes até os 18 anos. Porém os jovens dos 19 aos 29 anos continuaram não sendo foco de políticas específicas.

Os anos 2000, considerando as reverberações dos anos anteriores, a juventude estava diretamente ligada à expansão da tecnologia, onde a relação tempo e espaço se dava de forma diferente, assim como a tecnologia passava a ser um bem.

É relevante considerar que foi no ano de 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude, que o seguimento juvenil de 15 a 29 anos começa a ser considerado, na elaboração de projetos e programas no âmbito das políticas públicas. Essa criação marca também o fortalecimento do reconhecimento da noção de jovens enquanto sujeitos de direitos. Reconhecer a juventude, em termos políticos e sociais, enquanto detentores de direitos, uma concepção recente que ainda é um desafio, visto que a condição juvenil é pautada por estereótipos e contradições, concepções que orientam ações controladoras e tutelares. Os jovens, enquanto sujeitos direitos, pressupõem-se como atores sociais, que devem ter a sua autonomia, formas de agir e pensar, respeitadas e ainda sua identidade e suas formas de expressão valorizadas.

O tema da juventude segue conquistando espaço nas agendas dos órgãos governamentais e não governamentais, que vem desenvolvendo políticas com diferentes enfoques e concepções. De acordo com as ideias trabalhadas no primeiro capítulo, o papel do Estado e da sociedade civil sofreram alterações. Essas mudanças se refletiram também nas políticas para a juventude. De acordo com Borelli, as políticas locais foram ampliadas, identificando a ação de entidades não governamentais como reflexo dessa ampliação.

A descentralização política, marcada pela democratização do país, culminou na formação de órgãos e espaços de políticas públicas locais, em que os estados e os municípios foram assumindo cada vez mais a responsabilidade de intervenção social no segmento juvenil. Além disso, surgiam também diversas entidades não-governamentais, cuja política estava voltada para uma atuação mais localizada, tanto territorialmente quanto em termos de propostas de trabalho, o que se pode identificar como políticas sociais mais setorializadas. (Borelli, 2006, p. 4)

A fala de Regina Novaes (apud TOMMASI, 2004), afirma o lugar de projetos sociais realizados com jovens enquanto um espaço político, indicando o papel desses projetos enquanto espaços de intervenção política.

Se a gente aumenta o campo de possibilidade dos jovens ou dos lugares, fazemos uma grande transformação política. Se os jovens participando de um projeto de uma ONG ampliam seu campo de possibilidades, muda o espaço público. Fazer com que o jovem consiga projetar seu futuro: isso é trabalho político. Você cria uma alternativa. (NOVAES apud TOMMASI, 2004, p. 4)

A partir das contribuições de Borelli e Novaes, os projetos sociais com jovens podem ser considerados políticas sociais de âmbito local, como uma das possibilidades para a atuação juvenil.

Outra importante discussão, que segue sendo feita por diferentes áreas, está relacionada ao fato de muitos especialistas afirmarem que existem juventudes, considerando, por exemplo, a identidade e representação social. Esta pesquisa considera a relevância dessa afirmação, pois o grupo de jovens participantes deste estudo é identificado por características sociais bastantes específicas, porém considera-se também a dimensão do jovem enquanto um sujeito com características universais, de acordo com a sua dimensão humana, com capacidades e limitações que não os diferem em nenhum aspecto.

Considerando as ideias de Borelli, ser jovem inclui certas características que configuram alguns padrões comuns a jovens em diferentes condições sociais, entre eles:

Conflitos geracionais, linguagens, rebeldia, heroísmo e aventura, adesão ao movimento e ao jogo, ligação ao presente e rejeição ao passado, recusa da experiência, autorrealização e exaltação da vida privada, ideal de beleza, amor e felicidade, entre outros. (BORELLI e FILHO, 2008, p. 69)

No que se refere ao uso das categorias unidade e diversidade, nos estudos sobre os jovens, Borelli aponta as duas vertentes em que a juventude tem sido tratada:

Juventude tem sido concebida, do ponto de vista teórico, de forma parcial e excludente, ora como categoria universal, constitutiva do imaginário contemporâneo, ora como um problema particular dessa ou daquela classe social, de uma ou outra etnia, desse ou daquele gênero. (BORELLI e FILHO, 2008, p. 69)

Esta pesquisa analisou as trajetórias dos jovens egressos dos projetos sociais, considerando a possibilidade de complementaridade entre essas vertentes, considerando as ideias de Morin (2011). O desafio dessa possibilidade foi descrito por Borelli:

Ainda que conflitantes em muitos pontos, essas vertentes não poderiam ser encaradas de forma polarizada e excludente, mas como referências complementares de um mesmo contexto analítico (Borelli, 2000). É fundamental a perspectiva histórica e universal; é ainda imprescindível a compreensão das diferenças, dos segmentos, variáveis de classe, etnia, gênero, nível de escolaridade, capazes de mapear com mais densidade, a especificidade dos jovens em diferentes momentos e lugares da história, e também de contribuir na constituição da juventude como categoria universal. (BORELLI e FILHO, 2008, p. 69)

Não se tem a intenção de utilizar aqui a ideia de homogeneização dos jovens, ideia criada pelo senso comum, mas sim de considerar anseios, necessidades específicas e potencialidades comuns. Nesta pesquisa, uma das unidades identificada é a relação do jovem com a tecnologia. Borelli, Rocha e Oliveira afirmam essa concepção de unidade.

Com presença marcante no contexto das sociedades midiáticas, os jovens de diferentes inserções sociais e classes sociais mantêm um íntimo relacionamento com as novas tecnologias da informação – mídia e suportes como aparelhos de televisão, microcomputadores, celulares, ipods, iPhones, MP3, Internet, entre

outros –, que fazem parte do cotidiano juvenil. (BORELLI; OLIVEIRA e ROCHA, 2008, p. 56)

Esse grupo de entrevistados é formado por seis jovens, sendo três homens e três mulheres. Participaram, no início dos anos 2000, dos projetos sociais *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*, quando aprenderam a produzir seus próprios vídeos e, ainda, compartilhar com suas comunidades. No período em que participaram das atividades tinham idades entre 16 e 19 anos, eram moradores de bairros periféricos, localizados nos municípios de Belford Roxo, Nova Iguaçu e Queimados, cidades da Baixada Fluminense.

A maioria era estudante de escola pública, somente um dos jovens estudava em escola privada. Moravam com suas famílias formadas, geralmente, por pai/padrasto, mãe, irmãos e irmãs. Suas famílias tinham renda entre dois e três salários mínimos. A bolsa-auxílio que esses jovens ganhavam, na maioria dos casos, era para consumo pessoal. Nenhum desses jovens estava em situação de conflito com a lei. A seguir, a apresentação de cada uma das seis trajetórias de vida.

2.2. Jovens da Baixada Fluminense em foco: seis histórias editadas

2.2.1. Carla e sua busca por seus objetivos profissionais

Eu sempre fui muito pesquisadora de tudo, sempre gostei de fazer tudo e minha mãe trabalhava no colégio, onde tinha o projeto. Ai ela conseguiu uma vaga para mim no projeto e eu participei, foi por intermédio da minha mãe total.

Depois do projeto eu trabalhei, eu tive alguns empregos, mas não foram de carteira assinada, nunca trabalhei com o que eu aprendi (no projeto), nunca empreguei o que eu aprendi, nem hoje, mas eu trabalhei numa empresa de logística de móveis, depois eu saí e entrei na faculdade e fazia gestão de recursos humanos, é o que eu gosto, mas infelizmente não deu para eu prosseguir e hoje eu trabalho numa empresa de logística farmacêutica.

Carla se define assim, como alguém que busca as oportunidades, uma pessoa com iniciativa e que acredita que é importante fazer aquilo que gostamos, mas que, para isso, é preciso *correr atrás*, como ela mesma disse. Em seus depoimentos, falou dos aprendizados adquiridos a partir da técnica do vídeo, mas destaca que a produção audiovisual não foi a sua opção

profissional. Faz-se importante compreender o conjunto de motivos pelos quais Carla não ingressou na área de produção audiovisual.

Na verdade eu trabalhei mais com telemarketing, que era o que dava mais oportunidade para a minha idade. Os empregos que dão hoje para os jovens é para telemarketing, eu trabalhei na Claro, que foi uma experiência árdua, foi a mais difícil para mim, foi duro, você ser xingado é complicado.

A entrada de Carla no mercado de trabalho não se difere da grande maioria dos jovens, que se depara com a total falta de possibilidade de escolha. O telemarketing, atendimento telefônico, nos chamados *call-centers*, é um dos postos de trabalho que mais tem crescido no país e que mais emprega jovens. Na sua maioria, não exige experiência profissional e tem uma certa flexibilidade nos horários. Carla aponta para o possível aspecto positivo dessa função.

O telemarketing ele não é muito bem visto, mas é um trabalho bem dinâmico, que te dá a chance de estudar, porque hoje em dia conseguir um trabalho que te dê chance de você estudar é complicado, às vezes dá para conciliar dois empregos, dá uma mobilidade maior para você.

Carla aponta as dificuldades em ser uma operadora de teleatendimento, mas ainda assim reproduz a ideia de que é uma oportunidade para, ao mesmo tempo, trabalhar e buscar meios para se desenvolver, na busca pela realização dos projetos individuais. Novaes (2006) aponta o teleatendimento como um trabalho simplificado, que não exige criatividade e não estimula a autonomia. A partir dessa reflexão, podemos considerar que o projeto, do qual Carla fez parte, não contribuiu para a ampliação de sua inserção profissional.

Carla experimentou diferentes atividades remuneradas, na tentativa de encontrar a que melhor possibilitasse a realização de seus projetos individuais, entre eles, voltar à faculdade, que teve de parar por falta de dinheiro, e continuar o curso de inglês, sinalizando que acredita que a educação é uma maneira de ter acesso ao melhor emprego e à melhor condição de vida, mas que faltam oportunidades.

[...] Infelizmente hoje a gente não tem muitas oportunidades das coisas serem gratuitas, eu precisava estudar, eu preciso estudar, eu faço meu curso, eu tenho que pagar, então se hoje eu não tenho emprego eu não tenho muito como focar naquilo que eu quero, se eu não tenho emprego, realmente o primeiro que me oferecerem e der pra suprir a minha necessidade momentânea eu vou ter que

correr pra isso, hoje na empresa em que eu estou, lá eles realmente me dão uma oportunidade de crescimento, eu to lá há pouco tempo, mas eu consigo ver que lá eu vou conseguir chegar aonde eu quero, acho que agora é o momento de eu parar né, eu tô com 25 anos já, já ta na hora de eu terminar minha faculdade e começar a agitar para aquilo que eu tanto almejo para que o meu futuro comece a acontecer, eu dei voltinha (vários trabalhos), porque eu me vejo, eu sou muito batalhadora mesmo eu acho que se eu ficar parada as coisas não vem, a pessoa parada esperando cair do céu não rola.

[...] Meu foco é terminar minha faculdade, quero fazer MBA em gestão de pessoas e espero que antes de ter isso eu consiga crescer na empresa onde eu estou, porque eu quero trabalhar com RH e lá tem como eu fazer isso, e lá eu vejo que eu tenho chance de conseguir esse meu crescimento profissional. Meu crescimento pessoal acho que já está preenchido, eu não quero essas coisas de constituir família não, quero mais mesmo é crescer profissionalmente, acho que isso já me preenche. O que eu quero mesmo como família é ver meus pais bem eu estando junto com eles.

Em sua fala, fica evidente o foco e a busca por seus objetivos, sem desconsiderar as inúmeras dificuldades de acesso e permanência dos jovens ao mercado de trabalho, exercendo atividades com remuneração e carga horária satisfatórias. Existe uma valorização de si, quando indica que as transformações em sua vida só ocorrerão por meio do seu esforço individual. Se, por um lado, essa fala representa a valorização de si, por outro, coloca sobre ela toda a responsabilidade em alcançar seus objetivos profissionais, sem considerar que existe uma desestrutura social, com uma retração nas oportunidades de acesso dos jovens ao mercado de trabalho e à educação.

Ao ser perguntada sobre como o projeto contribuiu para as suas experiências profissionais e sobre os vários cursos que já fez, Carla faz as suas considerações:

Eu acho que o que eu trouxe para a minha vida hoje é isso, que na hora certa eu consegui ver que estudando é que a gente consegue alguma coisa, é que correndo atrás dos nossos objetivos que a gente consegue realmente alguma coisa e se você almeja alguma coisa, você tem que fazer com que aquela coisa aconteça, não adianta ficar: 'eu poderia ter feito uma faculdade'.

Eu quero conseguir terminar o inglês e a faculdade porque hoje em dia, antigamente era: eu tenho faculdade, isso te levava a algum lugar, hoje em dia não, eu tenho faculdade e pós-graduação, isso já te leva em algum lugar, se você tem faculdade, pós-graduação e o inglês isso já te dá um diferencial a mais e é isso que eu quero ter um diferencial sempre.

Carla tem o desejo de trabalhar com gestão de pessoas, quando perguntada se essa escolha tinha alguma relação com a vivência no projeto, Carla responde:

Tem porque, sempre voltado para o contato com a pessoa, sempre voltado para o contato com o ser humano, eu tenho mais essa coisa com o ser humano do que com máquina, eu não consigo lidar muito bem com máquina e eu vejo que veio do projeto porque o projeto me ensinou realmente a ter o cuidado, quando eu digo que a gente conseguiu passar pra outros também, conseguiu mostrar pra eles que nós conseguíamos, sem pensar em drogas, sem pensar em outras coisas, estudando nós conseguíamos aprender, empregar e também tirar proveito disso.

A entrevistada dá ênfase aos aprendizados adquiridos, ao longo do projeto, que estão relacionados à melhora da relação interpessoal, do contato e valorização do ser humano. Ela ainda destaca a habilidade para a troca de saberes, no sentido de que todos têm o que aprender e todos têm o que ensinar, indicando uma ressignificação do lugar do saber, pois reconhece em si e no outro o poder de ensinar algo e aprender algo.

O que eu posso tirar paralelo é isso que (no projeto) sempre a gente foi voltado pra ensinar e sempre ter o cuidado com as pessoas, ter aquela coisa de conseguir realmente passar alguma coisa, ter sempre felling de saber o que a pessoa tem pra passar e o que você tem pra aprender, que a gente não só aprendeu, mas conseguiu ensinar e tem sempre esse retorno, tem sempre um retorno, porque tudo o que você é na vida você já aprendeu com alguém e você nunca ta isento de aprender, ta sempre aprendendo a vida é um aprendizado, eu aprendo com você, como eu aprendi, eu aprendo com quem eu vou conhecer na rua, no ponto de ônibus, quem eu vou sentar do lado no ônibus, a gente está sempre em contato com coisas novas, a gente nunca ta pronto pra tudo, a gente tem sempre uma coisa nova pra aprender.

Carla demonstra dinamismo e sensibilidade na busca por seus objetivos e segue destacando a educação como um passaporte para *conseguir alguma coisa*, que pode ser traduzido como acesso a melhor inserção no mercado de trabalho. Novaes (2006) chama essa ideia de *mito da escolaridade*, considerando que essa relação entre escola e emprego não é uma garantia. Visto que existe uma lacuna entre as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e os anos de estudo. A entrevistada transita entre o ideal do aumento da escolaridade e a consciência em relação à escassez de oportunidades.

A correlação entre presente e passado, na elaboração de planos futuros, aparece nas falas de Carla, ela projeta para si e para sua família condições de vida melhores, na busca pela

realização profissional, afirmando não ter interesse em constituir uma família e querer continuar vivendo com os pais. Ela não demonstra medo das imprevisibilidades e incertezas que o futuro apresenta. Ao longo de sua trajetória, ela agregou valores – “*eu aprendi isso a perseverança, busca pelos ideais e não desistir dos sonhos, a vontade de crescer*” – que estão contribuindo para esse posicionamento positivo diante da vida.

Carla Modesto, 25 anos, participou do projeto *Essa Tv é Nossa*, é auxiliar de Tecnologia da Informação. Mora com os pais, duas irmãs e dois sobrinhos, em Belford Roxo – Baixada Fluminense, mesma casa da época do projeto. Não é casada, não tem filhos e pretende morar sempre com os pais. Teve vários trabalhos na área de telemarketing, trabalhou de manicure e de vendedora de roupas. Faz curso de inglês e iniciou faculdade de Gestão de Recursos Humanos, mas teve de interromper por falta de recursos financeiros. Pretende voltar à faculdade em 2012.

2.2.2. Carlos André e o seu olhar através da câmera

Eu? É até curioso isso aí, porque quando eu comecei a fazer o projeto eu sempre via como uma coisa mais profissional também, eu nunca consegui muito ver só como ali, então assim eu me comportava, desde muito novo, eu pensava que aquilo ali poderia ser um trabalho, nunca fui de me iludir com as coisas, não é meu perfil, mas eu ficava sempre no meu íntimo pensando que aquilo ali podia ser um trabalho e acabou virando um trabalho porque logo depois do projeto eu fui contratado pelo CECIP, tô até hoje aqui, tô muito feliz aqui a princípio, não tenho o que reclamar.

Carlos André teve a sua entrada no mercado de trabalho de uma maneira bastante particular, pois, após o encerramento do projeto, foi contratado para fazer parte da equipe do CECIP. Fica clara a sua preocupação em ocupar um espaço no mercado de trabalho e essa preocupação parece ter orientado a sua participação no projeto, que logo foi entendido como uma possibilidade de escolha profissional. Mas de qual escolha profissional se está falando?

A primeira experiência de trabalho do Carlos André foi anterior ao projeto, quando tinha idade entre 14 e 15 anos. Ele foi garçom, no turno da noite, em um restaurante que servia refeições. Anteriormente, o jovem já havia feito outros *trabalhinhos*, como disse ele, para definir os trabalhos que fazia para o pai e para mãe, em troca de pouco dinheiro. Essa experiência está de acordo com a realidade dos jovens brasileiros, que acessam o mercado de trabalho cada vez mais

cedo por diferentes razões, e vale ressaltar que o trabalho não fez com que ele abandonasse os estudos.

Ao saber do projeto, Carlos André precisou fazer uma escolha entre o trabalho e o projeto, optou pelo projeto, opção esta que, segundo ele, não foi tão difícil, visto que o fato de trabalhar não era uma obrigação imposta pela família. Essa experiência de trabalho deu ao jovem condições de fazer certas comparações, de acordo com a fala a seguir.

Eu acho que isso também é uma diferença que se tem né você vê que eu estava saindo, por exemplo, de um trabalho, que eu tinha um patrão, para vir trabalhar com coordenadores, com educadores, uma coisa totalmente diferente, claro não era um trabalho pesado em si e tal, mas eu pelo menos, já via como um compromisso e eu acho que isso mostrou para mim onde eu queria estar, com que tipo de relação que eu queria estar [...] porque você descobre com que tipo de pessoa você quer se relacionar, você aprende a valorizar as pessoas, podia cobrar nesse sentido, mas não cobra, cobra em outro, cobra de outra forma.

Ao entrar no projeto, Carlos André teve a possibilidade de comparar as diferenças entre estar no mercado de trabalho e estar num processo de formação, e também de ser um trabalhador e de ser um estudante, abrindo, assim, um diferente leque de opções sobre como, onde e com quem gostaria de se inserir no mundo do trabalho, o que certamente deu a ele acesso diferenciado às oportunidades de trabalho. Essa foi uma alternativa profissional que ultrapassa a aptidão para o uso das tecnologias, mas que valoriza a relação humana. Carlos André descreve como foi o processo de trabalho no CECIP.

No início eu lembro que eu fazia mais lanche né, lanche para os jovens né, e uma vez ou outra que eu assumia algum compromisso até porque eu tinha uma série de dificuldades, uma grande dificuldade de falar no meio deles, mas eu fotografava, a parte de fotografia e de câmera eu sempre gostava de fazer e sempre fiz, eu até uma vez me surpreendi quanto tem de registro daquele projeto na rede do CECIP, foto, vídeo, muita coisa, acho que eu só fotografava no projeto Jovens em Ação, mas ai fazia o lanche.

[...] hoje por exemplo eu tenho carteira assinada, eu fiquei um ano, dois anos nesse projeto né e depois apareceu um curso para fazer edição de vídeo, na Darcy³⁹, eu fiz a edição e aí o CECIP resolveu me contratar como editor, depois do curso fui contratado como editor, to até hoje, trabalho na edição aqui,

³⁹ Escola de Cinema Darcy Ribeiro, localizada no Rio de Janeiro, é referência na formação de profissionais na área de produção audiovisual/cinema. O CECIP tinha uma parceria com a escola que concedia bolsas de estudos aos jovens dos projetos sociais e para a equipe técnica da ONG.

fazendo assistência também de alguns projetos que às vezes vem para ser editado aqui

O jovem experimentou o desenvolvimento do gosto e da habilidade técnica para trabalhar na área de produção audiovisual, o que possibilitou a abertura de novas alternativas, campos de trabalho, visto que mantém trabalhos fora do CECIP.

Eu tenho filmado casamento para uma pessoa específica, que tem uma casa de festa em Santa Tereza então ela está sempre contando comigo, vira e mexe final de semana, então sábado e domingo. Sábado agora eu vou filmar um outro, mas é lá na Barra, para uma outra pessoa, até tem alguns vídeos na Internet assim, dos que eu fiz, tem um site lá que você vai, dá para ver isso. E também faço muito trabalho de edição também, esse ano está mais fraco edição, mas os últimos quatro anos eu sempre tenho pegado edição fora, enfim faço, aí converso aqui com o CECIP, o pessoal sempre libera, ou chego mais tarde ou vou mais cedo para lá ou venho mais cedo para cá e aí faço esse trabalho.

[...] Eu gosto de filmar assim também, além da edição eu gosto de filmar, então quando eu vou fazer o casamento é legal, eu trabalho sempre com um câmera, a gente combina os planos, fazemos os enquadramentos, depois a gente vê a edição e fica legal, então eu gosto disso assim.

A inserção produtiva de Carlos André se deu de maneira diferenciada da grande maioria dos jovens. A participação no projeto e a sua relação com o projeto lhe renderam melhores condições de trabalho e possivelmente de vida, considerando que está em um local de trabalho que gosta, exercendo uma função, para qual foi capacitado, e que tem prazer e interesse em desenvolver.

Os depoimentos dele contribuem para a reflexão acerca das diferentes formas como os projetos sociais podem influenciar na inserção social dos jovens. De acordo com Novaes (2006), as possibilidades de inclusão e exclusão social de um jovem, atualmente, são mensuradas, considerando o gênero, local onde vive, sua etnia, entre outros, incluindo a participação ou não desse jovem em projetos sociais. Carlos André faz um longo relato sobre uma experiência que teve e as suas reflexões sobre o que ele chama de *uma coisa social*, como resultado do projeto social.

[...] é historinha eu não sei se te interessa, mas eu vou contar. Quando eu era criança eu estudei no colégio que é em frente a um Salão (de festas), lá é um salão muito bonito, depois você vê na Internet, é gramadinho, uma piscina, é

uma casa muito bonita e a gente quando era criança, a gente jogava bola em frente o muro desse lugar, dessa área e aí assim, eles abriam às vezes o portão e a gente queria ficar vendo o que tinha ali, é um salão muito antigo, a gente ficava tentando ver, mas fechava muito rápido o portão, jogava a bola e às vezes caía lá e a gente não podia pedir, porque era um lugar muito, era um muro mesmo que você não tinha contato com nada entendeu [...] aí assim eu ficava pensando que deve ser difícilimo entrar aí, uma coisa absurda você entrar aí, a gente sempre via com aquela cara assim meio estranha eu e meus colegas também, nisso eu tinha, eu estava na quarta série, eu estudei lá até a quarta série, então eu era muito criança e daí depois desse tempo todo eu fui surpreendido para gravar lá, aí entrei e tal aí falei pros meus colegas, até encontrei alguns e aí eles “ah você conseguiu entrar lá, ah eu consegui, ah legal, pô danado, o que tem lá, sabe”, assim alguns ainda se perguntam, ah é um lugar normal, mas isso assim eu achei muito interessante porque querendo ou não aí tem uma coisa do projeto social, porque ali é uma família de classe média alta e que a gente pô de colégio público tem uma barreira, uma dificuldade imensa de entrar em contato com esse tipo de sociedade né e você que depois disso tudo, muitos anos depois eu voltei lá, entrei e fui aceito é uma coisa, é estranho mesmo. Aí tem uma coisa da coisa social é porque eu imagino que se não fosse o meu trabalho de produção de vídeo, nem que agora adulto quisesse entrar, talvez eu não me interessasse mais em entrar, mas é um racha da sociedade né, você jamais entraria, então daí você vê que mesmo que em longo prazo as coisas acontecem entendeu, porque o único interesse que eles tiveram para que eu entrasse lá, foi porque eu tenho uma formação em câmera né já de tempos e consegui na primeira vez que eu fui, ela quis me testar, quis saber se eu era capaz, eu fiz a filmagem e fui chamado, hoje já fiz várias filmagens, então sabe isso foi o CECIP, foi a ação do CECIP que me colocou ali indiretamente ou não, entendeu? [...]

A fala do Carlos André resgata a discussão sobre as relações e fronteiras existentes entre as diferentes classes sociais. A experiência vivida pelo Carlos André serviu como uma espécie de intersecção entre essas fronteiras, estabelecida pela relação de trabalho. A câmera de vídeo fez o que ele chama de *racha*, que lhe deu a oportunidade de negociar com as realidades, a dos seus amigos de infância e a do que ele chama de *classe média alta*. Para Novaes (2006), o acesso aos projetos sociais pode eliminar certas marcas de exclusão através, por exemplo, da capacitação profissional.

Os projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão. (Ibid., p. 114)

A ideia de criação de novas/diferentes maneiras de se integrar socialmente faz parte da trajetória de Carlos André, que reconhece ter um percurso de vida diferenciado, o que está expresso no relato a seguir.

Não é todo mundo que passa pelos ensinamentos que eu passei, eu me sinto um privilegiado e tal, mas também me sinto com uma responsabilidade de correr mais atrás, eu me cobro, eu fico pensando caramba não posso parar aqui.

O que Carlos André chama de privilégio são as oportunidades de escolha e formação, que deveria ser oferecida a todo e qualquer jovem, as quais ele teve acesso. Ele encarou o projeto social como uma possibilidade profissional, ao se identificar com a técnica audiovisual, encontrou caminhos para dar continuidade a sua formação na área, assim, ele pode se inserir no mercado de trabalho de maneira mais cuidada, visto que, segundo o relatório anual Tendências Mundiais de Emprego 2012, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), é elevada a taxa de jovens fora do mercado de trabalho. Sobre os jovens empregados, está o desafio em relação à qualidade nos postos de trabalho ocupados por eles ainda, o que é bastante variada.

Carlos André Holanda, 25 anos, participou do projeto *Essa Tv é Nossa* e de outro projeto do CECIP, é editor de vídeo e assistente de editor no CECIP e faz trabalhos de *cameraman* e editor como *freelancer*. Mora com uma irmã, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no mesmo bairro em que morava na época do projeto. Não é casado e não tem filhos. Fez curso de cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. Tem a intenção de fazer faculdade de cinema ou de história. No momento, está priorizando o trabalho.

2.2.3. Diego Bion, tecendo redes e relações

[...] teve uma época que eu fiquei assim meio pulando de galho em galho, tem um projeto aqui eu vou nesse, ta acabando aí eu vou num outro, então, eu estudei assim em muitos lugares essa coisa da linguagem audiovisual, estudei em várias instituições assim, várias ONGs.

[...] eu nunca me senti refém ou sendo devedor de algum lugar ou de alguma pessoa eu sempre me senti livre, pra a partir daquela experiência tocar a minha vida, a partir de outros processos também.

Diego descreve sua trajetória com bastante clareza no que se refere às suas escolhas de vida. Para dar continuidade ao seu desenvolvimento pessoal e profissional, optou por uma educação não formal de acordo com o seu relato.

[...] aí acabei não concluindo o ensino médio e aí fiquei muito tempo assim, aí a minha conclusão do meu ensino médio foi uma dessas provas que abrem assim, acho que todo ano, fui lá fiz a prova, passei e aí só pra dizer assim que isso não me faz a menor falta assim, porque eu fui lá abri o “lance”, não estudei nada, fui lá fiz a prova, passei e nem peguei o diploma até agora também, sim isso realmente é uma coisa que não faz falta. Eu dou muito mais valor pra essa educação não formal assim, as pessoas com quem eu tive contato, foi meu professor tal [...]

Diego descreve as suas impressões sobre a época em que estudou na Faetec⁴⁰, no curso de produção audiovisual, indicando que sua experiência com o ensino formal não foi de sucesso. A análise feita por ele tem como referência para comparação os projetos sociais dos quais fez parte, considerando a metodologia de ensino e os equipamentos os quais teve acesso. A experiência em projetos sociais deu ao Diego condições e repertório para fazer essa análise, assim como para fazer a escolha por uma formação informal.

[...] a Faetec tava defasada nesse sentido, assim tecnologicamente e na verdade em outros sentidos assim. Tinha um estúdio lá no último andar do prédio que não era usado porque tinha um monte de pombo dentro do duto do ar condicionado, com pombos mortos assim, então não tinha condições de usar o estúdio e tal enfim é uma época bem “trash” do governo do Rio.

[...] então teve um dado momento que eu senti que ali não atendia mais as minhas necessidades e aí eu larguei a Faetec e fui pra Kabum que era uma escola que dava um super suporte técnico e tecnológico.

Essa vivência do Diego indica para um dos grandes desafios da juventude brasileira que é o abandono escolar. Tal situação se dá por diferentes motivos e motivações, e a desestrutura dessas instituições de ensino é, também, uma das razões para essa evasão, para além das razões socioeconômicas. A análise do Diego não faz uma relação direta entre escola e inserção no mercado, considerando o que Novaes (2006) chama de “mito da escolaridade”. A análise dele se refere à necessidade de se ter uma estrutura adequada para acesso e produção de conhecimento.

⁴⁰ Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro.

Diego conta a sua trajetória de forma bastante madura e consciente, e descreve claramente como a experiência no projeto possibilitou a ampliação das suas possibilidades de vida. Ele compreende a produção audiovisual enquanto uma ferramenta poderosa de expressão, mas também como forma de garantir seu sustento, de acordo com o relato a seguir.

Nesse período que tive contato com o fazer audiovisual, que além de durante muito tempo ter vivido mesmo assim de grana de oficina de audiovisual em outros projetos e tal eu também me sirvo muito dessa linguagem, não só no Buraco⁴¹, mas também para realizar os meus filmes. Os meus poucos filmes são geralmente, o audiovisual me ajuda como válvula de escape assim mesmo, tem alguma coisa que está assim ali me incomodando, tem gente que escreve tal, eu penso muito sobre aquilo e vez ou outra rola um curta e tal, talvez essas sejam as coisas mais básicas assim e mais importantes ao mesmo tempo, porque a linguagem me deu sustento durante muito tempo.

Ele descreve que a consciência de si e a ampliação de possibilidades de vida foram alguns dos aprendizados importantes adquiridos com o projeto e, em seu relato de vida, descreve como vem colocando em prática esses saberes. A entrada de Diego no mercado de trabalho se deu através do CECIP, que o contratou ao término do projeto do qual fazia parte.

[...] uma coisa que sem dúvida marcou, que eu vou levar para o resto da vida é que assim, dentro desse período que eu passei lá e tal eu vi que eu podia ser e fazer da minha vida o que eu quisesse e não só aquilo que talvez as pessoas digam que determinadas pessoas possam fazer, foi nesse contato que eu descobri que eu podia fazer, ser da minha vida o que eu quisesse [...]

[...] o primeiro trabalho que eu tive foi no próprio CECIP [...] aí enfim continuei no CECIP durante um tempo e tal e aí teve um dia que eu falei pô não quero mais, quero conhecer outras pessoas também, outras maneiras de trabalhar, trabalhar em outros lugares e tal aí eu recebi uma proposta para trabalhar aqui em Nova Iguaçu e aí foi muito legal essa época.

O CECIP, como local do primeiro emprego, é uma característica semelhante nas trajetórias do Diego e do Carlos André, o que indica uma forma bastante específica de acessar o mundo do trabalho. Além disso, os dois jovens indicam o CECIP como um lugar de relações de

⁴¹ Diego faz referência ao cineclube Buraco do Getúlio, fundado por ele e mais três amigos, em 2006. O cineclube funciona em Nova Iguaçu. Exibe, semanalmente, filmes nacionais, no Centro Cultural Sílvio Monteiro, único espaço cultural da cidade e mensalmente realiza sessões seguidas de apresentações de teatro, poesia e música, em um bar. O nome do cineclube faz referência ao nome de uma rua famosa de Nova Iguaçu, Rua Getúlio Vargas e a um túnel da estação de trem, popularmente chamado pelos usuários de “buraco da estação”.

trabalho bastante respeitosa. No caso do Diego, os aprendizados que obtive com o projeto o impulsionaram a buscar outras experiências profissionais.

Conscientemente eu percebi que existiam outras possibilidades no mundo pra mim e que o CECIP não era a única, apesar de ser um lugar maravilhoso enfim, pessoas super queridas trabalhando lá, eu decidi ir pra outros lugares também viver outras coisas, com outras pessoas, conhecer outras maneiras de trabalho e eu acho também que foi bacana porque, uma coisa que talvez eu tenha aprendido lá, talvez eu tenha aprendido lá não, que com certeza me ajudou muito lá no início, foi essa coisa de lidar com a pessoa mesmo, então eu soube sair do CECIP de uma maneira muito tranquila, saí de lá de uma maneira muito tranquila.

Diego descreve um grande exercício de liberdade e autonomia ao fazer escolhas ao longo do projeto e depois de sua finalização. Ele coloca em prática a negociação entre a dependência e a independência, uma das características que contribuiu para a compreensão dessa transição para a vida adulta. Essa liberdade e autonomia possibilitaram que ele, em sua trajetória, circulasse por diferentes espaços e relações, assim, Diego indica que a sua habilidade para tecer redes foi também um ganho vindo do projeto.

Eu faço parte de muitas redes assim e eu acho que é uma coisa que eu aprendi lá. Conseguir identificar as redes e valorizar isso enfim, essas redes que a gente vai formando ao longo da nossa trajetória assim, então eu passei por muitas instituições e tenho redes de cada uma dessas instituições que eu participei assim e isso trazendo um pouco pro Buraco que é a coisa que eu mais gosto de fazer é assim, todo mundo trabalha de graça desde a banda que vai lá se apresentar ao cara que coloca o som e tal, então essa questão colaborativa da rede foi uma coisa que eu acho que tem dentro de mim e tem origem nesse período do Credicard.

As suas experiências, em diferentes organizações, participando de projetos e/ou trabalhando, deu a ele condições de refletir criticamente sobre a relação entre os jovens participantes dos projetos e as organizações realizadoras.

[...] eu acho que assim pra minha trajetória eu acho que tiveram algumas coisas que foram fundamentais principalmente pela quantidade de coisas que eu fiz ao longo do tempo assim eu acho que uma coisa, que outras pessoas egressas de projetos sociais, talvez tenham uma dificuldade que eu nunca tive, e eu falo isso a partir de relatos de amigos, é porque pra gente que saiu, que fez parte ali de um processo e às vezes pra instituição que ofereceu de alguma maneira, existe uma sensação assim de como se fosse uma dívida assim porque geralmente.

(Autora pergunta: Você acha que das duas partes?) Não, acho que das duas partes, mas de maneiras diferentes, porque tem pessoas que passam por esses processos e que modificam as suas vidas de alguma maneira tal, mas existem outras pessoas, e eu acho que eu sou uma dessas pessoas, que a passagem por uma situação como essa modifica radicalmente a trajetória da vida, eu acho que eu faço parte desse grupo, que foi modificado e se modificou a partir desse encontro, com as pessoas, com a linguagem, com a experiência enfim com uma série de coisas, eu faço parte dessas pessoas que a vida mudou radicalmente, que eu também modifiquei a vida radicalmente a partir disso. Então, pra essas pessoas que tem a vida modificada a partir de uma experiência como essa às vezes fica uma sensação de dívida entre quem passou por esse processo e quem ofereceu de alguma maneira esse processo e aí isso acaba gerando em alguns casos de você não conseguir se desvencilhar daquela instituição, você ter uma "vibe" de ser eternamente grato de ta só pra li, às vezes dá as costas para um mundo que te oferece uma série de outros processos bacanas também, com instituições, com grupos de pessoas, enfim de outras maneiras. Eu nunca me senti dessa maneira ou na verdade quando talvez eu estivesse começando a me sentir, eu decidi que esse não era um caminho bom.

Essa fala de Diego indica sua habilidade de fazer uma análise crítica entre os objetivos a que se propõem os projetos sociais e as possibilidades reais de impacto dessas ações na vida dos jovens. Indica ainda que os projetos sociais são capazes de estimular transformações, no caso do Diego, uma transformação individual, seguindo um modelo criado e recriado por ele, com autonomia, independência e criticidade. Nesse discurso, está colocada a reflexão sobre a ideia de gratidão, fidelidade e compensação que podem ser inerentes nessas relações entre beneficiador e beneficiário, ofuscando a ideia de que ações de formação e desenvolvimento juvenis são de direito do jovem e não um favor que recebem.

Diego Bion, 26 anos, participou do projeto *Essa Tv é Nossa* e de outro projeto do CECIP, é assistente de articulação de rede no Programa Cine Mais Cultura, do Ministério da Cultura. Mora com sua esposa e seu filho de um ano, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em um bairro diferente do que morava na época do projeto. Trabalhou nos projetos com jovens do CECIP, durante dois anos. Participou de projetos na área de comunicação e trabalhou como educador em diferentes ONGs. Iniciou o curso de Audiovisual, de nível médio na Faetec, deu aula para crianças e adultos na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, fez trabalhos para a Fundação Roberto Marinho e iniciou na Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia. Terminou o ensino médio á distância e pretendia iniciar a faculdade em 2012.

2.2.4. Fábio Breves, o ser e o conviver

Aceitar as diferenças é difícil, tanto as diferenças às vezes sociais, as diferenças locais, a diferença de hábito, que embora todos nós sabemos falar português, nós não sabemos nos comunicar. Então, assim no caso, como eu tinha um problema muito grande de me comunicar com as pessoas, eu tinha, todo mundo falava e até mesmo eu não sei muito identificar até hoje, que eu tinha um jeito muito autoritário de falar com as pessoas, então muitas das vezes machucava e aí nisso o projeto me fez ver algumas coisas e aprender a lidar com as diferenças.

Fábio, ao longo de toda a sua entrevista, faz relação aos desafios de aprender a conviver e respeitar o diferente, essas falas indicam a contribuição dos projetos, nos quais participou, para o desenvolvimento da habilidade de se relacionar com pessoas. De acordo com Fábio, os jovens do projeto eram muito diferentes um do outro, mas que a integração do grupo facilitava a convivência. O estímulo dos educadores a experimentar essa integração está colocada no depoimento a seguir.

Nós não nos conhecíamos, então a integração que foi colocada pelos monitores foi de grande valia, eles trocavam, você que é da escola tal, fica com fulano de tal, nós nunca estávamos só entre aquele grupinho, sempre nós estávamos rodando entre os amigos, entre os colegas de sala, então, por isso que teve uma integração maior, e dali eu acho que foi o grupo mais unido que nós tivemos porque, todo mundo se conhecia, todo mundo se falava, a gente chorava junto, brincava junto, ria junto, acho que isso era o mais bacana e com mais de 20 cabeças, ou seja, muito difícil você controlar 20 pessoas tão diferentes e a gente conseguia ter esse time entre nós.

Os trabalhos e atividades em grupo, realizadas no âmbito do projeto, foram espaços de experimentações de relações, baseadas no afeto, espaço seguro para que Fábio, com confiança em si mesmo, fortalecesse a sua identidade, no sentido da heterogeneidade, conforme Borelli (2004), no exercício da compreensão e respeito a si e ao outro.

É muito engraçado falar disso agora, que assim no projeto, quando eu falo você aprender a lidar com as pessoas é aprender a lidar com todos os tipos. Eu tinha muito preconceito com gay, etc. É porque eu passava por um processo de aceitação muito grande, tinha namorada como todo mundo, mas foi muito difícil me aceitar do jeito que eu sou, até porque eu vejo que a maioria das pessoas quando olham para um gay acha que o gay é aquele estereotipo do homem vestido de mulher, ou então vamos dizer, sem preconceito, da bichinha né, que anda rebolando, falando, gritando e o gay em si, eu não sabia na verdade o que

era um gay. Que gay não precisa ser bichinha, que gay não precisa ser travesti e gay não precisa mudar de sexo e pode ser um homem normal, pode ser eu, pode ser você, pode ser quem for, que muitas das vezes você tem um colega gay e você não sabe. Eu fazendo o projeto etc., eu fui indo eu fui indo, eu falei assim: “sabe se aceitar é o primeiro passo”.

Nesse processo de compreensão, Fábio, no âmbito do projeto, iniciou um processo de ampliação do seu olhar para mundo, abrindo alguma possibilidade de se ver e ver o outro para além das relações de gênero e de discutir e debater o tema, contribuindo para a criação de alternativas à discriminação e ao preconceito. De acordo com Morin (2011), “é a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão”. Ainda, considerando Morin, os relatos de Fábio, indicam que a vivência no projeto instaurou uma *ética da compreensão humana*.

Eu achava um fato engraçado que assim as diferenças eram assim tratadas com igualdade, então conforme ia surgindo, às vezes, as polêmicas iam sendo tratadas essas polêmicas em si. O fato dos gays, em si, que também era tratado com todo carinho e atenção, porque realmente é um assunto delicado, mas na verdade é uma questão cultural, tã muito implícito na nossa sociedade que nós não somos tão liberais e tolerantes como nós queríamos, então sempre surge alguma coisa que, alguma diferença, etc., que a gente tem que trabalhar diariamente sobre isso.

Os projetos despertaram no Fábio o interesse pelas artes e lhe possibilitaram uma formação básica. Ele encontrou na produção audiovisual uma de suas possibilidades profissionais, mas se deparou com as dificuldades de seguir carreira nessa área, visto que a formação, assim como o acesso ao mercado profissional das artes, de forma geral, apesar de toda a democratização, ainda é restrito.

Eu tive um sonho de ser ator e eu gostava mesmo da parte da câmera, de por trás das câmeras, fazer o roteiro e assim para uma pessoa que era leiga no assunto conseguir chegar ao ponto de fazer um roteiro, detalhar uma imagem, ver os quadros, fazer uma boa fotografia e isso que era o mais legal de tudo, essa é a grande coisa que eu aprendi, que eu vou levar comigo

Ele iniciou no mercado de trabalho como professor e depois trabalhou por certo tempo como operador de teleatendimento, que, segundo ele, era o que possibilitava tempo para o estudo. Ele descreve as suas experiências no mercado de trabalho:

[...] eu trabalhei para a Prefeitura do Rio, como professor, trabalhei em uma comunidade carente chamada Morro da Coroa, eu dava aula de alfabetização, subia a noite o morro todo santo dia para dar aula.

[...] depois que eu saí eu fui fazer um filme, um curta pela UFF, chamado Jonas e a Baleia e eu fiz a produção do filme [...] também trabalhei numa produtora que a gente estava fazendo um projeto de um programa de TV e aí eu desisti, eu falei assim: no Brasil a gente não tem ainda a cultura de valorizar a arte, um ator hoje e um produtor hoje virou pedinte.

Diante da realidade que encontrou no mundo da arte, Fábio trilhou outros caminhos para construir sua vida profissional e relata o quanto a sua vivência familiar interferiu em sua escolha.

Mas assim eu acho engraçado que às vezes o que você passou na sua vida, influencia um pouco na sua decisão, porque na minha família a maioria das pessoas trabalhavam com obra e eu falava: “Deus me livre cimento, odeio cimento, odeio ficar com a pele toda manchada de cinza, carregar tijolo, etc.” e aí nisso meu tio ele fazia, eu lembrei muito do meu tio nessa hora, ele fazia casinha de brinquedo com pedaços de tijolos e cimento, então ficava aquela casinha muito bonitinha, parecia uma casa mesmo normal e aí nisso quando eu fui prestar o vestibular né que primeiro eu prestei vestibular para história, aí depois eu prestei para educação física, que minha mãe queria que eu fosse professor de educação física, aí eu falei assim: “eu vou dar um tempo e ver o que eu quero”. Aí um dia eu passando na faculdade eu olhei a parte de engenharia, falei assim: “Cara, engenharia?”, aí peguei assim e entrei e falei assim: “vou tentar, ah vou tentar”.

Mesmo não tendo seguido na área das artes, Fábio atribui ao projeto a ampliação de suas possibilidades profissionais. De fato, o projeto não tinha como objetivo a profissionalização e tão pouco a entrada no mercado de trabalho, mas tinha como objetivo oferecer uma formação pessoal.

Depois que aconteceu o projeto, você acender uma luz para uma pessoa é muito recompensador, porque assim eu nunca me imaginei, eu sempre tive o sonho de fazer faculdade, mas eu nunca me imaginei fazendo faculdade de engenharia que é considerada uma faculdade de elite, a faculdade considerada somente para pessoas que tem dinheiro e assim, mesmo aos trancos e barrancos, trabalhando em dois empregos, fazendo sabe às vezes bico que surgia, trabalhava quase que um dia inteiro para ganhar cinquenta reais, vai ajudar no meu material da escola, vai me ajudar na passagem, assim vale o esforço. Hoje em dia ainda sinto falta, por não ter certas condições, sinto falta do inglês né porque muitos livros de engenharia são em inglês, são em francês. Com isso o projeto me ensinou a lutar muito.

Esse relato descreve a busca de Fábio para alcançar seus objetivos, construindo a sua trajetória baseada em tentativas e experimentações, atento às oportunidades para acessar “lugares” diferentes, indicando certa mobilidade. Seu relato demonstra um grande entrelaçamento entre a sua história familiar e as experiências vividas no projeto, na construção de sua trajetória até aqui.

Fábio Breves, 30 anos, é estudante de engenharia civil e faz estágio na Cedae – Empresa de abastecimento do Rio de Janeiro. Participou dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*. É casado, não tem filhos e mora no Centro do Rio de Janeiro. Ministrou aula de alfabetização em uma comunidade carente do Rio, fez a produção de um filme e trabalhou como atendente de telemarketing por muitos anos. Fez curso de espanhol e diz sentir falta do curso de inglês. Fez vestibular para história e educação física, mas iniciou vários cursos de graduação na área de engenharia. Planeja terminar a faculdade, fazer mestrado e doutorado na área de estrutura, construção de túneis.

2.2.5. Jô Medeiros, com arte e ousadia

Eu me via ligada a arte de várias formas, porque eu gostava de desenhar, gostava de brincar, de atuar de fazer um monte de coisas e isso tudo estava ligado ao meu desejo, do que eu queria ser como profissional, isso ajudou até na minha formação mesmo, que eu queria fazer futuramente.

Jô descreve em sua entrevista os caminhos que percorreu para fazer da arte a sua forma de viver. Assim, relata a sua trajetória, depois de ter participado do projeto, marcada por um momento que ela define como o de *mudança*.

Depois que eu sai do projeto, eu estava saindo ainda foi quando a minha vida teve uma mudança, no próprio projeto que eu descobri a minha opções sexual [...] logo depois eu terminei o Segundo Grau, aí eu sai da casa dos meus pais e fui viver com a Raquel [...] a gente passou por várias coisas, eu fiquei sem trabalho a gente estudava durante o dia e teve uma hora que não tinha aonde a gente estudar mais, já tinha passado o curso e não tinha aonde trabalhar, foi quando a gente começou a trabalhar numa produtora de um professor amigo, onde a gente ficou dois anos, de lá a gente foi trabalhar na produção do Mercado São José, em Laranjeiras, numa boate e nas feiras de artesanato que tinham lá, de lá a gente teve vários problemas que a gente saiu. Voltamos para Nova Iguaçu, que foi aí que a gente teve a ideia de começar uma marca de camiseta a gente comprou 10 camisetas, começamos a customizar as 10

camisetas, era botão, era linha e a gente achava que tinha que ter uma coisa diferente.

Jô conta a sua trajetória, assumindo o lugar de protagonista, iniciando uma dinâmica nova de vida de uma forma geral, mas principalmente instaurando mudanças muito significativas no que se refere à constituição de uma nova família e a sua realização profissional. Ela segue descrevendo a sua trajetória.

Então a gente ali, como tinha voltado para Nova Iguaçu depois de tudo que tinha passado a gente abriu um buraco no muro e começamos com uma lojinha ali pelo buraco e começou com as camisetas e a gente começou a fotografar e colocar na Internet, depois do buraco a gente abriu uma porta inteira e começou a montar a estrutura de uma loja e aí a gente foi buscando coisas diferentes, além da linha e do botão a gente tinha a pintura e aí a gente começou a se identificar com a nossa infância, então a gente começou a fazer coisas, desenhos totalmente anos 80, então a gente viu que ali tinha uma marca que falava de anos 80 e precisa de um nome, o nome veio da música do Lulu Santos, Toda Forma de Amor, porque a letra da música é a nossa história e aí a gente começou a fazer tênis também, sapatilha e o negócio começou a crescer.

Esse é o relato de uma possibilidade de reconfiguração na forma de acessar o mercado de trabalho, que não está baseada na relação estudo-trabalho, mas na habilidade e oportunidade. Nessa trajetória, Jô destaca as contribuições do projeto.

Eu acho que os projetos ajudaram nisso, na minha cabeça foi na questão da orientação sexual e foi na questão do que eu queria ser, que eu ainda estava naquela onde, não sei se eu quero fazer artes cênicas, não sei se eu quero fazer jornalismo eu não sei se eu fizer moda vai ser o que vai me dar grana, mas aí um dia eu falei, acho que é isso que eu vou estar fazendo tudo ao mesmo tempo, então eu vou fazer de um jeito diferente, eu vou sair de Nova Iguaçu, vou fazer moda.

Para além de fazer da moda uma maneira de ganhar dinheiro, a moda, para Jô, transformou-se também numa expressão de si e de sua realidade, dando a essa moda um significado mais amplo. De forma corajosa, ela fugiu a muitas “regras” estéticas, incluindo a sua aparência física, que incluem inúmeras tatuagens, cabelo raspado de um lado só e o uso de acessórios e maquiagens diferentes.

Eu tenho certeza que quando eu passo na rua as pessoas pensam queria ser igual a ela e não tem coragem de assumir essa opção por ter um cabelo diferente, usar uma roupa mais colorida sem ser chamado de grupos que estão por aí e isso também é um tipo de preconceito porque quando eu passo na rua falam olha lá Restart⁴², nada contra o grupo, mas é aquilo, não é questão de ser parecido com o grupo é questão de ter a sua opinião sobre o tipo de roupa que você veste e sobre a profissão que você quer seguir.

Jô segue descrevendo a sua história na consolidação de sua marca de roupas, indicando a necessidade de ampliar seus espaços de atuação, para o seu próprio crescimento, assim como o da marca.

A gente começou a vender pela Internet demais, demais, foi quando a gente decidiu novamente sair de Nova Iguaçu e vir para o Centro do Rio, aí a nossa marca foi crescendo e foi aparecendo em outros lugares, hoje a gente não pinta mais a mão a não ser os tênis que são customizados, nossas camisetas a gente corta, algumas a gente faz o silk e algumas a gente trabalha com a estampa digital que também fez a nossa marca ter um ar de mais chique, porque a gente vendia muito para gente que queria uma t-shirt para sair, agora a gente vê as meninas saindo com saia cintura alta, sapato alto e uma camiseta nossa, então isso pra gente é ótimo também e a gente foi crescendo e hoje a gente está alcançando outros lugares também, que as pessoas buscam, compram da gente pra levar para minisséries, alguns trabalhos na televisão.

A expansão da marca incluiu a mudança de endereço de Jô, que se mudou da cidade de Nova Iguaçu, onde nasceu e cresceu, para o centro do município do Rio de Janeiro. Foi uma mudança com objetivo de ampliar os acessos e alcance da sua marca, mas também de sua identidade. O local onde nasceu, talvez, não estivesse preparado para perceber a maneira de Jô se expressar, através de sua imagem e de sua marca, uma mudança de endereço se apresenta como um indicador de liberdade e crescimento.

Então a gente tinha uma marca que era super diferente, em Nova Iguaçu, que pra gente não tinha retorno porque ali as pessoas ainda não estavam habituadas, a ver gente de tênis pintado ou de camiseta pintada diferente.

Eu sempre me achei muito diferente, o jeito de vestir, as coisas diferentes que eu sempre gostava de usar e isso pra mim não estava lá em Nova Iguaçu eu falei gente, mas aqui não tem pessoas assim, mas tem que ter alguém que faça isso aqui. Ali em Nova Iguaçu, muitas pessoas pensam que é cidadezinha que não tem que crescer, que tem que ter jovens que vão pra escola que se formam em direito, que se formam em medicina e eu acho que não, acho que ali é lugar que

⁴² Banda Teen Pop, criada em 2008, em São Paulo. É conhecida por usar sempre roupas bastante coloridas em seus shows e apresentações na televisão.

tem que ter coisas diferentes e eu acho que eu fui uma dessas pessoas diferentes, que decidi sair de lá. Não sei porque a gente sai do lugar, mas o lugar não sai da gente e eu decidi sair porque eu sempre tive vontade de fazer isso, não é porque eu sou de Nova Iguaçu que eu vou deixar de fazer moda ou de expressar a minha opinião de uma forma diferente.

Eu não sei se eu voltaria, acho que se de repente Nova Iguaçu tivesse o lance de tudo que eu faço aqui e ter lá, de uma certa forma eu acho que sim. Porque lá é o lugar que eu nasci, lá que eu queria que as pessoas me vissem na rua andando com esse cabelo, andando com as minhas roupas e achassem normal como as pessoas daqui acham, então espero que isso não demore, difícil mas ...

Jô fez a opção por ter seu próprio negócio, colocando em prática as suas habilidades empreendedoras. Sua trajetória foi marcada por decisões e escolhas, que segundo a jovem, foram estimuladas pelos aprendizados adquiridos nos projetos. Com iniciativa, criou condições e oportunidades para a sua inserção social de forma diferenciada, com consciência de si e de sua realidade.

Jô Medeiros, 27 anos, é estilista e proprietária da grife Toda Forma de Amor. Participou dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa*. É casada, não tem filho e mora no Centro do Rio de Janeiro. Fez um curso de produção na Escola de Artes Técnicas no Rio de Janeiro, trabalhou como produtora no mercado São José e depois iniciou o trabalho de customização de roupas, trabalho que originou a sua grife. Além da grife, trabalha para uma marca de óculos estilizados, Loucos por Óculos. Iniciou faculdade na área de jornalismo, mas trancou por falta de recursos financeiros e por ter mudado de cidade.

2.2.6. Poliana Tavares, da realidade ao sonho

Eu terminei o segundo grau, me casei tive meu filho, depois eu voltei a estudar, fiz um pré-vestibular comunitário, passei estou estudando pedagogia pelo Prouni e por enquanto é isso, tem mais para vir aí.

De forma sucinta e direta, Poliana descreve a sua trajetória depois de ter participado do projeto. Afirma que seu interesse por cursos superiores na área de humanas não tem nenhuma relação com as experiências vividas no projeto, relatando que, cursar pedagogia, tem a ver com fato de gostar da área social.

[...] não tem nenhuma influência relativa ao projeto, mas é que é uma coisa que eu gosto, gosto de criança, eu gosto da área social, gosto dessas coisas assim, eu gosto muito de psicologia, que era meu principal objetivo, mas não alcancei a minha meta, na pontuação para conseguir a bolsa de psicologia, pedagogia era uma segunda opção que eu também gosto, então eu peguei essa segunda opção, depois pretendo fazer uma pós, uma especialização ou na área de psicologia ou na área de antropologia.

Ao mesmo tempo que, de forma até distanciada, relata sobre suas escolhas, diz que socializar foi o que aprendeu no projeto. Cabe refletir até que ponto o projeto, de fato, não influenciou e até que ponto os aprendizados do projeto se deram de uma forma bastante subliminar. O aspecto técnico do projeto, no relato de Poliana, tomou quase que um lugar central na sua descrição.

A parte de socializar, a parte de você poder conhecer pessoas diferentes, fazer alguma coisa diferente, ter uma estrutura, ainda que não seja exatamente sair de lá profissional ajudou, com certeza ajudou porque tudo o que você faz te acrescenta alguma coisa entendeu, porque você está gostando, está demonstrando interesse e está tendo aquele convívio. Mas assim, eu não sai formada, não estou atuando na área, não saí um editor, não saí um roteirista formado entendeu, porque aquilo ali foi uma coisa micro, foi para mim um projeto micro, depois eu poderia me aprofundar, mas não, terminou ali.

É bastante claro que Poliana não criou grandes expectativas em relação ao projeto do qual fez parte e, nesse sentido, faz o relato da sua entrada no mercado de trabalho, experiência que ela considerou relativamente fácil.

Foi assim, assim que a gente termina de estudar a gente não tem experiência em nada, então é difícil você arrumar um emprego, então você sai colocando currículo procurando qualquer coisa que aparecer. A oportunidade que aparecesse para mim estava bom, então eu coloquei currículo em lojas, farmácias, a maioria dos lugares que estava aceitando eu fui colocando, ao receber esse telefonema entrei na área de farmácia comecei a trabalhar, o processo seletivo era simples, era uma entrevista, passei na entrevista e comecei a trabalhar, três meses de experiência para você aprender a ler receita, receituário médico é complicadíssimo para você ler, então eu me dei bem ali. Aí eu comecei a me dar bem na área e fiquei dois anos e meio nessa empresa, depois fui para uma empresa um pouquinho melhor, consegui colocando currículo nessa empresa, depois fui para uma outra empresa, eu passei por mais duas empresas, média de dois a três anos em cada empresa e aí agora eu estou em drogaria.

Mesmo considerando fácil seu acesso a um posto de trabalho, Poliana indica uma das características da condição juvenil, a falta de experiência, que dificulta e até impede a entrada do jovem no mundo do trabalho. De forma bastante consciente, ela faz seu projeto de carreira profissional, considerando suas possibilidades e necessidades.

Porque é assim, nem sempre a gente pode trabalhar naquilo que a gente gosta, primeiro você tem que se especializar, principalmente em coisas sérias, como trabalhar com crianças, tem que ter uma especialização melhor né, então o que que acontece, primeiro a gente trabalha no que a gente tem oportunidade e depois a gente trabalha naquilo que a gente gosta independente da remuneração ser melhor ou não.

A jovem demonstra compromisso e responsabilidade em se formar academicamente, para desempenhar de forma adequada as funções inerentes a sua escolha profissional, e, ao mesmo tempo, demonstra os mesmos valores ao se dedicar a sua ocupação atual em farmácias.

É complicado nem todo mundo que entra para trabalhar numa farmácia, principalmente de manipulação, consegue identificar os medicamentos que estão ali. Você tem que ter certeza porque é uma coisa perigosa, um medicamento manipulado, uma fórmula, então você tem que ter certeza, você tem que saber o que está fazendo entendeu e eu consegui me dar bem nisso, eu consegui identificar os medicamentos rápido, conhecer os diversos medicamentos que têm, consegui atender bem o cliente, então eu consegui essa parte de trabalhar com o público, eu me dei bem entendeu, principalmente na parte de farmácia que eu consegui identificar essas dificuldades que a gente tem com isso eu consegui me dar bem.

Ela afirma que as experiências vividas no projeto não influenciaram diretamente as suas escolhas, ao mesmo tempo, com pouca clareza, relata a importância dessa experiência. Ao longo de sua entrevista, fica claro uma divisão entre o tempo do projeto, dedicado à formação para se tornar adulto, onde ocupou seu tempo de adolescente, e o tempo profissional, pós-projeto, onde acessou o mercado de trabalho.

Poliana descreve habilidades importantes, como responsabilidade, sociabilidade, criatividade que podem ter sido desenvolvidas ao longo do projeto e acessadas posteriormente para, por exemplo, inserir-se no mercado e fazer a escolha de sua carreira. Mesmo não fazendo, de forma direta, o link entre o tempo do projeto e o tempo pós-projeto, ela não deixa de demonstrar seu agradecimento por essa experiência, da qual guarda boas lembranças.

Eu gostaria de agradecer não sei se todas as pessoas que participaram vão ter acesso e assistir, saber, eu só gostaria de agradecer a oportunidade que o CECIP deu e também a essas organizações que ajudam muitos jovens e muitas pessoas e contribui para a vida dessas pessoas, com certeza isso é uma contribuição que a pessoa leva, ainda que não seja a área que ela vai trabalhar, com certeza a pessoa leva com carinho e é uma parte que foi fundamental na vida da pessoa.

Poliana Tavares, 27 anos, é recepcionista. Cursa pedagogia. Participou do projeto *Botando a Mão na Mídia*. Mora com seu esposo e com seu filho de 2 anos, em Belford Roxo, no mesmo bairro dá época do projeto. Sempre trabalhou em farmácias de manipulação e atualmente trabalha na drogaria do seu tio. Pretende fazer especialização na área de psicologia ou na área de antropologia, mestrado e doutorado, e trabalhar nessas áreas. Para concluir seu curso de pedagogia, tem a intenção de fazer estágio na mesma escola onde estudou e participou do projeto.

3. A PRODUÇÃO JUVENIL: JOVENS EGRESSOS ATRAVÉS DA IMAGEM

Nos projetos *Essa Tv é Nossa* e *Botando a Mão na Mídia*, os jovens puderam experimentar o uso da ferramenta audiovisual para produzir seus próprios programas e exibi-los, divulgando uma informação produzida por pessoas comuns, em ambientes comuns e sobre temas comuns. Nas entrevistas concedidas pelos jovens egressos para este estudo, os vídeos que produziram é uma das memórias importantes das experiências vividas nos projetos, assim como as suas exibições.

Ao longo dos projetos, foram produzidos dezenas de vídeos de curta duração, com formatos e temas diferenciados, como resultados de exercícios e como produtos de todo o processo de formação dos jovens. Esses vídeos, produto final, eram exibidos publicamente nas escolas ou em praças da comunidade. A seguir, a apresentação dos sete vídeos que formam a produção dos jovens entrevistados nesta pesquisa.

3.1. Bairro Botafogo: passado e presente

Documentário e ficção, de quase 10 minutos, realizado no âmbito do projeto *Essa Tv é Nossa*, que contam a história do Bairro Botafogo, bairro localizado na Baixada Fluminense, região periférica do Rio de Janeiro, fazendo uma relação com o bairro, também chamado Botafogo, mas que está localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro há quase 50 km de distância. Os dois bairros possuem os nomes de ruas iguais e os jovens tentam descobrir o porquê dessa semelhança, assim contam o surgimento do Bairro Botafogo.

Para contar essa história, os jovens utilizaram a memória oral, entrevistando moradores antigos e pessoas que cresceram na localidade e que contam histórias vividas ali, além de fazerem imagens nos dois bairros de nomes iguais, fazendo uma comparação entre eles. É um vídeo que contribui para a preservação da história local, pois está repleto de informações históricas e culturais. Carlos André faz referência a esse vídeo em sua entrevista.

O documentário do Bairro Botafogo eu acho ele muito interessante assim, eu acho que é um documentário que poderia até ter saído mais, se tivesse sido mais divulgado e era bacana e talvez ele não tenha uma importância assim ainda, mas ele ainda vai ter muita para o Bairro, para a história um pouco de Nova Iguaçu né.⁴³

O vídeo é iniciado com uma arte gráfica, feita a mão, um mapa do Brasil que dá a dimensão de onde o Bairro Botafogo está localizado. Logo é feita a apresentação do bairro com um texto e fotografias com efeitos, que dão a impressão de serem fotos antigas. Essa apresentação é feita por Fábio Breves. O vídeo segue com depoimentos. Ao entrevistarem o morador mais antigo do bairro, Sr. Manoel, descobrem que aquele local era uma grande chácara de laranja, que tinha o nome de Fazenda Botafogo. A fazenda foi vendida e, para entender como este local se transformou em bairro, conversam com Sr. Rubens, um dos compradores, que diz:

Era muito difícil arranjar nome para loteamento nessa época, porque existiam muitas áreas que estavam sendo loteadas e tinha muitos nomes com loteamento repetido, aí eu opinei para colocar o nome do loteamento de Bairro Botafogo, por causa da chácara que já existia.

Para contar a história mais recente do Bairro, os jovens utilizam os depoimentos de três amigos, Carlos, Alexandre e Ronaldo, que cresceram ali e foram, ao longo do tempo, fazendo fotografias do grupo no mesmo local desde a infância. Assim, descobrem que foi um bairro ocupado por militares e, ainda, abordam os problemas de infraestrutura e serviços da localidade que foi aumentando ao longo do tempo. A seguir algumas falas dos amigos.

Poder estar fazendo essa montagem da história sobre o Bairro Botafogo para mim é muito interessante, é muito importante, ainda mais que eu tenho amigos que estiveram comigo desde pequenininhos, pudemos tirar fotos juntos, que vão ser apresentadas, eu tenho esse registro e com vocês fazendo esse trabalho para mim vai ficar muito mais belo ainda porque a gente vai poder documentar daqui para frente até com os nossos filhos. (Carlos)

Mudança mesmo, desde a nossa época foi poucas, tem muitas coisa pra ser mudada, entra vereador sai vereador, nós ainda não colocamos uma pessoa da comunidade, entendeu? Pra a gente poder chegar pra ele e, poxa, você não fez isso pelo nosso bairro. Tem um valão que desde a nossa época tá aberto. Mudança que houve só a área de lazer, só a praça que fizeram e não terminaram, quer dizer mudança só nas nossas vidas mesmo, foram nossos filhos, porque em

⁴³ Entrevista realizada pela autora, em 27/07/2011.

geral mesmo no bairro, se você vê o bairro há vinte anos atrás mudou poucas coisas. (Alexandre)

O que eu tenho a dizer é que eu gosto muito do Bairro Botafogo, gosto muito de morar aqui e as pessoas que moram aqui também, meus vizinhos, enfim, eu gosto do Bairro Botafogo, pretendo envelhecer aqui e criar meus filhos aqui. (Ronaldo)

Essas falas demonstram a importância desse vídeo como um instrumento de registro da história do bairro, mas também a história de vida das pessoas nesse bairro. Foi um espaço de desabafo em relação às indignações sobre a realidade, mas também de celebração da amizade e do amor que sentem pelo local onde vivem, numa perspectiva de valorização do local e das pessoas. Esse bloco é encerrado por um *clip* com as fotos antigas, em preto e branco, dos amigos, e das fotos atuais, em cores, feitas pela equipe de jovens, que registraram também, os filhos dos três amigos no mesmo local. O *clip* é embalado pela música Aquarela do Brasil, de Ary Barroso.

Para abordar o fato de as ruas dos dois bairros Botafogo terem os nomes iguais, os jovens se utilizam da ficção, que dá movimento e humor ao vídeo. Uma moça, ao longo de todo o vídeo, interrompe a todo tempo a gravação do vídeo pelo bairro, querendo saber onde fica a Rua Voluntários da Pátria, nome de rua que se repete nos dois bairros. Esse formato faz uma mistura agradável entre ficção e realidade, visto que, a cada abordagem da jovem, é mostrado o *making of* da gravação. A ficção continua com um clipe, que se utiliza da tela dividida, mostrando ruas dos dois bairros, ficando nítida a diferença de infraestrutura, como saneamento básico, pavimentação, entre os dois locais. Enfim, a jovem encontra o endereço e o amigo que estava procurando, concluindo que as ruas têm nomes iguais, o que pode causar inúmeras confusões.

3.2. O que é ser jovem

Debate, de aproximadamente 15 minutos de duração, entre estudantes sobre o tema jovem e o futuro, jovem e família, jovem e suas influências. Realizado no âmbito do projeto *Botando a Mão na Mídia*. Em uma sala de aula, com os alunos sentados no chão, um dos jovens faz a mediação do debate. Eles começam dando suas opiniões sobre a importância e a má qualidade da educação oferecida aos jovens, logo a partir da pergunta: “Vocês acham que as drogas estão mais presentes hoje no Brasil?”, feita pelo mediador e passam a dar suas opiniões sobre o tema

proposto. Um jovem⁴⁴ concorda com o aumento da presença das drogas e dá uma sugestão de como lidar com essa questão.

Eu acho que deveria haver ainda mais conscientização através da mídia para nós jovens e tal, até um diálogo entre os pais e os filhos para nós termos assim, mais acesso à informação sobre isso para não sermos levados a praticar atos criminosos e não nos envolvermos com esse tipo de coisa.

Essa opinião faz com que o mediador lance uma nova pergunta sobre o diálogo entre pais e filhos. Tema que mobilizou mais pessoas a darem suas opiniões, que, na sua maioria, indicavam que os pais dificilmente procuram os jovens para conversar e que isso também se dá pela falta de tempo por estarem trabalhando. Uma das jovens fala do medo que os pais têm de conversar, indicando que essa é uma situação cultural, que se reproduz nas relações entre pais e filhos.

Minha mãe mesmo sempre falou pra mim que a minha avó sempre teve medo de conversar certos assuntos, por exemplo, sobre sexo, sobre drogas, minha avó sempre foi muito fechada pra falar. Aí ela falou que quando ela casasse, tivesse filhos isso não ia acontecer, ela ia ter um diálogo mais aberto, só que isso não acontece muito. Ela tenta falar, só que certas coisas ela fica com medo de falar pra mim, pensando que pode ser muito avançado pra falar isso na minha idade ou pensando que isso eu já posso saber, ela fica com certo pudor, esperando que eu vá falar com ela e às vezes eu também fico com medo de chegar lá e falar né, se ela não chega.

Logo depois desse depoimento, um jovem acrescenta, defendendo a importância de os jovens chegarem aos seus pais para conversar, ideia que logo é descartada por uma jovem que diz ter tentado falar sobre sexo com sua mãe, mas que ela tomou um susto tão grande que fez a jovem desistir. Outra jovem acrescenta que isso é muito comum e que os jovens procuram informação fora de casa. Outro diz que os problemas muitas vezes não são com os pais, mas sim com os próprios filhos que não se sentem a vontade para conversar, o tema se encerra com um jovem defendendo que, se querem ter um espaço, os jovens devem lutar por ele, que só assim poderão transformar suas realidades.

O debate segue a partir da complexa pergunta: “O que vocês acham que os jovens deveriam fazer para melhorar o Brasil?”, um jovem prontamente responde.

⁴⁴ Utilizarei os termos a jovem, o jovem, pois ao longo do debate os participantes não são identificados pelo nome. Os créditos só aparecem ao final do programa.

Os jovens estão sendo vistos por todos, pelo mundo todo, como o problema, quando eles falam do jovem é o problema, o jovem o drogado, o maconheiro, o tudo, o problema, e a mídia com o seu trabalho divulga isso e faz com que o jovem perca totalmente o patamar que ele tem, entendeu? Ela não está tendo um certo espaço, porque a mídia vem com seu trabalho e a mídia é muito maior do que os jovens e está expandindo a notícia de que o jovem é um problema.

Essa fala abre o debate sobre a influência que os jovens sofrem da mídia, de amigos e também dos pais. A pergunta o que vocês esperam do futuro, dos jovens assim?, é lançada, e começa a ser respondida na terceira pessoa, uma jovem diz:

Eu acho que o jovem de hoje ele espera uma abertura maior tanto na política, quanto na sociedade, maior respeito. Hoje em dia o jovem não é muito bem respeitado, hoje em dia para ele conseguir um emprego ele precisa ter experiência, mas como ter experiência se ele nunca tentou, se ninguém nunca deixou. Ele espera uma abertura maior para ele poder fazer as coisas que ele deseja.

Depois, um jovem, logo conclui:

E sem oportunidade os jovens procuram o quê? O pior caminho, o da violência. E é isso que causa muita violência no nosso país também, a falta de oportunidades para o jovem.

Com o formato de debate, com pouco movimento de câmera, poucos cortes e sem efeitos visuais, pouco preocupado com a estética, o vídeo tratou de temas bastante complexos, como questões políticas, sociais e culturais, relacionadas à juventude. A fala dos jovens é o eixo central desse vídeo. Suas ideias foram colocadas sem sofrerem julgamentos e a edição não buscou uma resposta correta, mas sim mostrar diversidades e similaridades de opiniões.

3.3. Telejornal Asa Branca

Vídeo, de aproximadamente 8 minutos, gravado em um CIEP, o programa é parte do Projeto *Botando a Mão na Mídia*, a partir de entrevistas com professores da escola, discutem a guerra no Afeganistão, o ataque de 11 de setembro às Torres Gêmeas, nos EUA, e a sua relação com o Brasil.

O vídeo começa com um *clip* com fotografias das consequências do ataque às Torres Gêmeas, prédios incendiados, pessoas chorando, bombeiros trabalhando, nuvens de poeira. Essas imagens são mostradas ao som da música *Amanhã*, de Guilherme Arantes, que dá um tom de esperança de dias melhores depois do ocorrido.

No formato de telejornal, a apresentadora, em um fundo todo azul, anuncia as matérias e entrevistas que serão mostradas, seguindo o formato utilizado nas TVs abertas, o que diferencia é que a própria apresentadora faz questionamentos sobre os temas e um breve comentário. A seguir uma de suas chamadas:

O terror em Nova York deixa uma pergunta na cabeça de todos, haverá ou não a terceira Guerra Mundial? Essa pergunta só quem pode responder é o tempo, mas se acontecer? O Brasil estando tão longe poderá ser afetado? Vejamos uma entrevista com o professor Edson.

Edson é o professor de história, que é entrevistado por uma jovem repórter, que está em quadro. O professor responde sobre se o Brasil deveria ou não ajudar os EUA na guerra contra os terroristas. Edson assume o lugar de especialista/consultor no assunto, mas não faz o desdobramento da questão.

Na verdade eu acho que essa guerra deve ser analisada de uma forma mais profunda, o Brasil se envolver numa guerra que tem interesses muito particulares dos americanos eu acho muito complicado, mesmo porque é uma guerra que a gente percebe que há um envolvimento político e geográfico e econômico, de interesse muito maior dos americanos do que dos outros países tanto da América Latina, como também da Europa.

A fala é seguida de um povo-fala, realizado nas ruas do centro comercial de Nova Iguaçu, com os populares, sobre a mesma questão. A participação dos entrevistados é muito interessante, pois de forma simples, analisam e falam das suas dúvidas, suas certezas e conselhos sobre o tema internacional, que parece estar tão distante daquela realidade. A seguir duas dessas entrevistas:

Repórter: Você acha que o Brasil deve se aliar aos EUA nesta guerra contra o terrorismo?

Mulher: Tá parecendo uma guerra de religião né? Afetando o poder dos EUA. Eu acho que não afetando o Brasil diretamente eu acho que não tem que se envolver né? Na minha opinião, não.

Homem 1: Eu acho que o Brasil deve se por de uma forma neutra, porque a guerra é com eles lá. Tá certo que há um acordo entre a ONU, EUA e Brasil, mas eu acho que não é a hora do Brasil entrar nessa guerra. A nossa guerra é interna, devemos ser um pouco parciais nisso daí.

Homem 2: Não, em hipótese alguma. O Brasil é um país livre, democrático, tem uma concepção e ideologia religiosa de uma forma totalmente diferente e que os EUA na realidade é metido como xerife do mundo, o dono do mundo, se mete em briga dos outros e na realidade ela tá tendo uma resposta, talvez, de mexer com as pessoas que não deveria ter mexido.

O telejornal segue levantando questões sobre as consequências da guerra, em relação a economia e as possíveis epidemias. Preocupados com isso, os jovens fazem uma entrevista com o professor de matemática que afirma que a grande epidemia do mundo é a pobreza. O telejornal é encerrado e logo entram entrevistas, feitas pelos educadores do projeto, com os jovens que realizaram o vídeo, investigando o porquê da escolha do tema. Os jovens respondem que é pelo fato de ser um tema muito discutido na época e porque as pessoas precisavam ter acesso a informação sobre a questão. Nas entrevistas, fica claro que realizar esse vídeo foi uma maneira de os próprios jovens aprenderem sobre o tema.

3.4. Telejornal ligado na juventude

Vídeo realizado no âmbito do projeto *Botando a Mão na Mídia*, com 9 minutos de duração. Nesse vídeo, Jô Medeiros atua como câmera, a função que disse ter escolhido desde o início do projeto.

Por meio de uma ficção, de entrevistas e um telejornal, discutem o tema da música. O vídeo começa mostrando seis jovens sentados numa sala, que provavelmente é a casa de um deles, na qual conversam sobre a influência da música na vida dos jovens. Com falas ensaiadas, os jovens decidem fazer um vídeo sobre o tema para ser apresentado na escola, assim começam a planejar como será o vídeo, onde será gravado e a função que cada um terá: câmera, repórter, apresentador, áudio, som e luz. Definem que será um telejornal com entrevistas.

O telejornal começa com uma vinheta com o nome *Telejornal Ligado na Juventude*, com o áudio da vinheta de abertura do Jornal Nacional, telejornal apresentado, à noite, na Rede Globo. Indicando mais uma vez o quanto o que os jovens assistem, na televisão, influenciam a decisão pelo formato de vídeo que colocarão em prática.

Uma estante cheia de livros faz o fundo para a apresentação do telejornal, feita por uma jovem, que fala um pouco sobre o tema da música e chama outra repórter que está no pátio da escola para entrevistar alunos e funcionários. A repórter responde a apresentadora, dando uma impressão de ser uma ação ao vivo. As entrevistas são a partir da pergunta: “Você acha que a música influencia os jovens? Por quê?”. O tema da influência da mídia também é abordado em algumas entrevistas. A seguir é entrevista com a diretora da escola.

Repórter: *Essa é a diretora geral do Colégio Estadual Arruda Negreiros, Dona Eni. Dona Eni a senhora acha que os jovens hoje em dia são influenciados pela música?*

Dona Eni: *Muito. Muito influenciado pela música, por isso eu acho que o jovem deve escolher bem o que ouvir. O que escolher para dançar. O que escolher para fazer. A música influencia em todos os sentidos, todas as pessoas, não só os jovens.*

Repórter: *E a senhora acha que a mídia contribui para isso?*

Dona Eni: *Contribui, positivamente e negativamente. Eu acho que sim. E acho que é necessário a mídia. A gente tem que ter opção para saber o que é bom e o que é ruim pra gente*

A variedade de entrevistados nesse vídeo demonstra que a produção do material possibilitou a equipe de jovens transitar por toda a comunidade escolar. Participam alunos, diretores, outros funcionários da escola e até o Milton Cunha, famoso carnavalesco do Rio de Janeiro, que estava realizando uma palestra na escola.

Nesse vídeo, os jovens produziram os créditos finais de forma criativa e com detalhes. Para apresentar a equipe, utilizaram uma foto de cada um, em plano bem próximo, e montaram um *clip*. As fotos eram mostradas, seguida pelo primeiro nome de quem aparecia na imagem, ao som de uma romântica música internacional. Uma foto com toda a equipe encerra o *clip*. Depois, os créditos foram mostrados de forma mais usual, fundo preto, letras brancas, com nome e

sobrenome e a função. Esse cuidado demonstra a vontade de mostrar, de fato, quem era o responsável pela obra, valorizando cada um dos jovens e as suas funções na produção audiovisual.

3.5. O que é ser jovem?

Ficção e debate sobre o dia a dia dos jovens, com 13 minutos de duração. Realizado no âmbito do projeto *Essa Tv é Nossa*, o vídeo recebe o mesmo título de um vídeo que foi produzido no projeto BMM, exceto o fato de esse estar no formato de uma pergunta, porém os dois programas são a oportunidade de os jovens falarem de si mesmos, compartilhando seus conflitos, possibilidades, desafios e questões. Existe um grande interesse de falarem sobre jovens, nessas gravações, parecem ter exercitado não só o olhar para si mesmos, como também para o outro, descobrindo semelhanças e diferenças.

O vídeo começa com imagens de jovens praticando diferentes tipos de esportes e atividades, a música que acompanha as imagens é um rock instrumental. A pergunta título do vídeo, “O que é ser Jovem?” aparece sobreposta a uma dessas imagens.

No debate, que deram o nome de *Desenrolando*, acontece em uma sala de aula, onde criaram um fundo bastante colorido que se harmoniza com as roupas, de diferentes cores, utilizadas pelos alunos que participam da conversa. O debate é mediado por Jô Medeiros, que aqui assume diferente função, saindo de trás das câmeras.

O debate é iniciado com a pergunta “O que é ser jovem?”, os participantes falam sobre a disponibilidade de tempo dos jovens, o início das responsabilidades, as escolhas para o futuro, além do prazer de viver. A conversa continua a partir da pergunta “Vocês têm muitos amigos?”, em que consideram as possíveis influências que os amigos podem exercer na vida de cada um deles. A pergunta sobre o papel do jovem na família faz com que o grupo fale sobre a dificuldade de dialogar com os pais e familiares, assim como foi apontado no vídeo analisado anteriormente (p. 83), que recebe o mesmo título, mas na forma afirmativa. A seguir o depoimento de uma jovem.

Pra mim é um pouco constrangedor, porque às vezes você tem muitas dúvidas, aí você quer buscar um pouco de conhecimento com a família, e dependendo da situação, a família já vem com sete pedras na mão pra te tacar, então às vezes você vai buscar conhecimentos fora, com os amigos né, você confia mais nos

amigos no que na família né, e tem muitas decisões, às vezes, que você quer tomar e a família não apoia. Então, pra mim é um pouco constrangedor.

O debate é interrompido pela ficção, *O dia a dia*, que tem como objetivo mostrar a rotina de uma jovem. A primeira cena mostra a jovem dormindo, seguida pela cena dela escovando os dentes, arrumando o quarto, penteando-se, mas que deixa a torneira aberta, trazendo a ideia do desperdício como parte da prática dos jovens. As imagens receberam o efeito de aceleração e ao som de uma música nacional no estilo rock, recursos que dão a ficção um ritmo muito agradável de assistir.

A conversa continua com o tema o jovem na sociedade, em que o grupo fala sobre a busca dos jovens por um espaço na sociedade e ainda sobre a imagem dos jovens que é veiculada nas grandes mídias, que, na maioria das vezes, não representa as suas realidades. A seguir, dois depoimentos nos quais fazem uma análise crítica do que eles assistem na televisão.

A: A mídia manipula as coisas de uma tal forma que o jovem da classe média que passa na TV, passa na Malhação⁴⁵, o jovem que tá passando pô, é um jovem que tá de carro, é o jovem que tá com cento e cinquenta reais no bolso. Quando pô pai me dá um dinheiro para mim comprar um cachorro quente é uma nota de cinquenta. Quando você vai pedir em casa seu pai dá muito mal um real e chorando. Meu filho me dá o troco.

B: A maioria dos jovens né tudo fazem sexo e tal e nenhuma menina engravida que é bem diferente da nossa realidade, a gente tem visto quantas e quantas meninas grávidas e eu acredito que a televisão incentiva muito os jovens a ter essa posição, eles acham que fazer ah não vai engravidar, porque na novela não engravidou porque que eu vou engravidar, então a televisão manipula bastante a pessoa dessa forma, ilude a cabeça dos jovens

Para encerrar o debate, a mediadora, Jô Medeiros, pede que cada jovem participante diga duas palavras que representem o que é ser jovem. Por último, Jô, de forma enfática fala suas ideias sobre o que é ser jovem.

A: Ser jovem para se sentir vivo

B: Ser jovem é curtir a vida

⁴⁵ Novela jovem veiculada, diariamente, pela Rede Globo de televisão.

C: Ser jovem é um momento único

D: Ser jovem é vencer todos os obstáculos que surgem

E: Ser jovem é viver o mundo com responsabilidade

F: Ser jovem é aproveitar o seu tempo

G: Ser jovem pra mim é descobrir a vida

Mediadora: *Pra mim, ser jovem é ser feliz, ser dedicado e acima de tudo aproveitar ao máximo a vida, que ela é pra ser vivida e vivida da forma correta e só isso.*

O grupo apresenta em suas respostas a grande dificuldade que é definir o que ser jovem, considerando as diversidades inerentes a esse grupo social. De forma complementar, indicam dúvidas e certezas, sonho e realidade, preocupação com as ações e suas consequências, questões e conflitos que estão presentes na vida de qualquer jovem, independentemente de sua origem ou classe social.

Após o debate, é apresentada a continuidade da ficção *O dia a dia*, que mostra a dúvida e a dificuldade da jovem em escolher uma roupa para vestir, mas que, enfim, escolhe, veste-se, pega seu celular, apaga a luz do quarto e sai. Essa ficção é seguida de um povo-fala, entrevista realizada na rua com pessoas de diferentes idades, com objetivo de fazer uma comparação entre a juventude de décadas anteriores e a juventude da época atual do vídeo. Segue a descrição de alguns depoimentos das pessoas que passavam pela rua.

A: No meu tempo eu gostava de fazer coisas boas, passear, namorar, sair, muita coisa e agora não, os jovens perde tudo tempo com drogas, coisa que não tem sentido.

B: Eu era mais envolvido em baile, sem a briga, sem a procura de drogas sem o atrito que tem hoje da juventude, ficar na rua até tarde, virar a noite, discutir com pais e mães, na época não existia muito isso não.

C: Eu não tinha brinquedo, eu não tinha vídeo game, se trabalhava mais. Nós trabalhava mais e vocês não trabalha nada (risos).

D: O essencial é a liberdade de expressão, os jovens de hoje tem mais liberdade de expressão do que os de antigamente.

E: Quando eu terminei o Segundo Grau, era o Científico, você tinha um encaminhamento pro seu emprego, pro seu trabalho. Hoje em dia não, a pessoa se forma e não tem emprego.

A ideia de fazer uma troca intergeracional enriquece e amplia o debate sobre o tema da juventude. Nessas entrevistas, existe certa generalização e a descrição de diferentes estereótipos, apresenta o quanto o reconhecimento do ser jovem como um seguimento social diferenciou as suas possibilidades na sociedade e, ainda, indica a falta de políticas de inserção desse grupo. A equipe encerra o vídeo com um poema que defini o ser jovem. O poema é narrado e ao mesmo tempo escrito numa folha de caderno, por diferentes mãos, conseqüentemente, por diferentes letras, passando a ideia de construção coletiva.

Ser jovem é se assumir jovem

Ser jovem é olhar para dentro de si mesmo e dizer: eu quero

É viver intensamente e viver a vida no verso e reverso

É a maior e única experiência na vida

Ser jovem é se reconhecer como tal

Sendo julgados incapazes de tomar nossas próprias decisões

Por que vivemos de uma forma louca, mas totalmente verdadeira

Dizem que vivemos de forma como se hoje fosse o último dia, mas planejamos como se ele nunca tivesse fim

Afinal de contas somos jovens e o que nos importa é viver a vida e aproveitar ao máximo.

3.6. Jornal das comunidades

Vídeo com 12 minutos de duração, realizado pelos jovens do projeto *Essa Tv é Nossa*, em um tempo curto, demonstra preocupação com diferentes temas e questões sociais do local onde vivem. Com entrevistas, pequenas ficções e vinhetas com frases de impacto, os jovens debatem temas como lazer, transporte, violência, educação e arte. O nome do programa é bastante

adequado, pois mostra uma variedade de locais, personagens e ideias que representam bem os bairros.

O vídeo é iniciado pelos créditos de apresentação ao som de uma música pop internacional, a seguir, ao fundo de um painel de grafite, o jovem apresentador, de pé, discorre sobre o primeiro tema do programa que é lazer nos bairros Botafogo, Corumbá e Santa Rita, localizados no município de Nova Iguaçu, no entorno da escola onde acontecia o projeto. O repórter Carlos André, faz uma apresentação do local onde inicia suas entrevistas com os moradores.

Ao perguntar sobre as áreas de lazer na comunidade, todos entrevistados são unânimes em dizer que elas não existem e as que existem estão em péssimo estado de conservação. A entrevista segue perguntando aos moradores o que eles podem fazer para mudar a situação e muitos dizem que devem reivindicar na prefeitura ou então que esse é um problema dos políticos. É uma tentativa de sensibilizar as pessoas para os problemas da localidade, assim como um estímulo para que se comprometam e se organizem para resolver suas questões.

A seguir, são apresentadas pílulas, microvídeos, que têm como objetivo orientar o público sobre como agir em dois diferentes contextos em que a violência pode ocorrer. A primeira trata da violência doméstica. Um jovem e uma jovem representam marido e mulher em uma situação de violência física. A pequena ficção é seguida de uma entrevista com uma advogada da área criminal que fala sobre as consequências jurídicas para quem pratica esse tipo de violência.

A segunda pílula trata da violência no espaço escolar, em que uma professora agride verbalmente seus alunos. Uma advogada da área cível fala sobre como essa violação de direito está prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e apresenta os procedimentos que devem ser tomados pela escola em uma situação como essa.

A terceira pílula representa uma situação de roubo. Um jovem caminha pela rua, quando é abordado por dois jovens que pegam seus pertences. Nessa ficção os jovens utilizaram diferentes recursos de música e efeitos visuais, além da boa atuação dos participantes, o que dá grande veracidade a ação. A advogada criminal apresenta as possíveis condenações para o crime de roubo e seus agravantes.

Para marcar a mudança de tema no vídeo, são apresentadas duas vinhetas, a primeira mostra imagens de pichações e grafites, ao som de uma música com sirenes policiais, e depois a frase de incentivo: *Não pixe, pois pixar é crime, grafite, pois grafitar é arte.* A segunda mostra a

imagem de uma pessoa em um ponto de ônibus e depois pessoas dentro de um ônibus, ao som do texto: *se o seu ônibus está demorando ou se você pegou aquele engarrafamento, leia para tornar a viagem mais agradável.*

O tema seguinte trata dos transportes coletivos, os jovens fazem entrevistas com os moradores sobre o que acham da situação dos ônibus que circulam pelo bairro. A maioria dos moradores apontam os problemas em relação ao serviço que era oferecido, má conservação dos veículos, grande intervalo de tempo entre um ônibus e outro e o péssimo tratamento que recebem dos motoristas e trocadores. O tema é ampliado, quando os entrevistados são convidados para falar sobre a questão do passe livre e o desrespeito ao direito dos idosos e dos estudantes, e o uso dos transportes alternativos, considerando a falta de segurança.

O tema anterior é interrompido por mais uma vinheta sobre a importância da leitura. Com as imagens de um adolescente em uma biblioteca escolar, é dito: *Para o seu talento brilhar e acontecer, desenvolva o seu saber leia para crescer e acontecer.* O próximo tema do programa é a arte, que tem como objetivo valorizar os talentos da Baixada Fluminense. Diego Bion faz a apresentação do quadro, dizendo que o programa descobre os talentos dos bairros e os apresenta a comunidade. O vídeo segue com a apresentação de uma escola de karatê, equipe Zanshin, com a entrevista do mestre, que dá os serviços da escola, e com imagens de uma aula. A seguir, é apresentado um grupo de dança pop, *Boys of Pop*, que demonstra suas habilidades artísticas, fazendo passos ao som de uma música em inglês. A banda de rock *Aloha* canta uma música romântica, composta pelo próprio vocalista da banda. O programa é encerrado com mais uma vinheta de incentivo a leitura, seguida dos créditos finais ao som de uma música pop internacional.

3.7. A Escolinha do Professor Moderninho

Vídeo sobre o tema depressão, realizado no âmbito do projeto BMM, com 8 minutos de duração. O programa é uma paródia do programa de TV “*A Escolinha do Professor Raimundo*”, abordando o tema da depressão. Esse vídeo foi citado por Poliana em sua entrevista.

A gente fez um vídeo que foi o que eu mais gostei, tiveram dois que eu mais gostei, um se tratava da depressão na fase da adolescência, então esse vídeo foi muito legal porque a gente ensinava que a pessoa triste no colégio às vezes

*sofria bullying, esse tema assim. E o outro vídeo que a gente fez sobre a Escolinha do Professor Raimundo, a gente adaptou e fez esse vídeo que ficou legal também, eu gostei.*⁴⁶

O vídeo é iniciado com a imagem de mulheres jovens aparentemente deprimidas, ao som de uma música triste, e da leitura da definição do tema depressão, segundo o dicionário e um médico da região. Logo depois, inicia-se a paródia *Escolinha do Professor Moderninho*.

Em uma sala de aula, os jovens participantes do projeto imitam personagens que fazem parte da *Escolinha do Professor Raimundo*, que respondem perguntas de forma cômica, utilizando os nomes e bordões dos personagens do programa. O professor pergunta a cada aluno o que é depressão? As respostas são diversas, como por exemplo, depressão é uma cratera no solo, depressão são os brincos de pressão, até que uma das alunas, representada pela Poliana, participante desta pesquisa, interpretando a personagem Taty, responde o que considera correta a definição para depressão, que diz:

Tipo assim, depressão é quando a pessoa não consegue fazer as coisas normais do dia a dia nem para namorar rola aquela climéria. Então essas pessoas ficam muito tristes, muito mal mesmo. O que elas tem que fazer? Elas têm que pedir ajuda da família, dos amigos. E se o lance persistir procurar um profissional especializado. Por que tipo assim, cara, depressão ninguém merece, ninguém mesmo cara.

O professor dá os parabéns e a nota dez, indicando que essa é a resposta correta. A ficção termina com todos os participantes cantando a música tema do programa. A seguir, é apresentado um povo-fala, gravado no centro da cidade de Nova Iguaçu, tendo como repórter a Poliana, onde os populares respondem o que é depressão. Muitos respondem que não sabem, mas alguns arriscam definir. A seguir, um trecho das entrevistas.

A: Para mim depressão é um fato que ocorre devido a várias coisas assim do lado sentimental, assim perda de pessoas, ou por dinheiro, ou por amor, coisas assim parecidas, se sente deprimido.

Repórter Poliana: *Na sua opinião há alguma diferença entre tristeza e depressão?*

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora, 23/07/2011.

A: Ah eu acho que depressão é uma coisa ruim que atinge as pessoas num certo momento difícil que elas passam durante a vida.

Repórter Poliana: *Na sua opinião há alguma diferença entre tristeza e depressão?*

B: A depressão é uma doença e a tristeza é uma coisa passageira

C: Depressão é uma coisa mais longa, tristeza é passageiro

D: Você só fica deprimido quando você está triste pô, quando você está alegre a depressão passa.

Para encerrar o vídeo, os jovens montaram um *clip* com os erros de gravação, dando continuidade ao bom humor do vídeo mesmo se tratando de um tema complexo. Os créditos mostram uma foto de cada jovem participante e seu primeiro nome, ao som de uma música pop internacional, finalizando com uma foto de toda a equipe.

Essa produção de vídeos, feita pelos jovens sobre a sua própria realidade, pode trazer reflexões acerca de seu próprio contexto, sua identidade e o seu lugar, seja ele na escola, na comunidade e no mundo. Abre portas para o diálogo, assim como desenvolve o olhar mais crítico sobre si e sobre os meios de comunicação e elenca novas possibilidades para o uso dos recursos tecnológicos.

As exposições desses programas eram momentos de encontro para a apresentação das suas produções, disseminação das suas ideias e concepções sobre si e sobre o local onde vivem, e pode ser considerado como um dos principais espaços de interação e reflexão conjunta. Carla fala sobre o que era a exibição dos vídeos e como se sentia nesse momento de apresentação dos resultados.

As exposições era o que eu mais gostava, era onde eu podia levar as minhas amigas para ver o que eu fazia, o que eu criei, era bem legal. Lembro de uma que foi na praça, que hoje não tem mais praça, lá em Santa Rita, que foi aquele vídeo Bairro Botafogo: Presente e Passado, que foi sobre a história do Bairro Botafogo, que nós fizemos uma ligação entre o bairro Botafogo de Nova Iguaçu e o Bairro Botafogo do Rio, aí passou pessoas conhecidas do bairro, foi bem legal. Eu levei minhas amigas (e elas disseram) “caramba foi você que fez

*aquilo lá”, aí eu falava: fui eu tá vendo. E era legal porque a gente mostrava que tinha aprendido alguma coisa.*⁴⁷

Esses vídeos, feitos por jovens, contribuem para o melhor entendimento sobre o universo juvenil, pois, em seus vídeos, falam de suas realidades e essas produções de conhecimento estão no campo dos estudos culturais contemporâneos. Para Setton (2009), a produção midiática feita por jovens estimula sujeitos politicamente participativos e conscientes de sua condição de vida.

Os jovens utilizavam o vídeo como uma maneira de produzir nova informação e até de impor uma nova cultura na maneira de perceber e refletir sobre os temas cotidianos, assim como utilizavam essa mesma ferramenta para reproduzir conteúdos e formatos já trabalhados na mídia. De uma forma ou de outra, pode-se considerar que a topologia da participação social e política estão sendo modificadas pelas inovações tecnológicas, fazendo certa descentralização, dotando tanto os indivíduos quanto os grupos de uma capacidade de resposta, empurrando a interação e a possibilidade de refletir sobre temas de sua vida cotidiana e, assim, intervir nas tomadas de decisão, trazendo novos ares para a sociedade civil e estimulando a participação democrática.

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo é o resultado do exercício de estabelecer um diálogo entre o campo prático dos projetos sociais com jovens e o campo da teoria. O objetivo foi produzir algum conhecimento que possa contribuir para o aperfeiçoamento e reflexão para essas duas vertentes e que essas possam se potencializar uma através da outra. Nesse contexto, seguem algumas considerações finais, com observações que se fizeram importantes nesse processo de reflexão.

O Centro de Criação de Imagem Popular iniciou suas atividades em uma década marcada por mudanças social, tecnológica e cultural. Não fugiu aos anseios e responsabilidades da sociedade civil da época, que acreditava estar em suas mãos o poder de transformar a sociedade. Para o CECIP, a transformação se daria por meio da comunicação, através da produção de informação clara e de qualidade para as camadas populares, que, dotadas de conhecimentos, poderiam intervir de forma política na sociedade, tendo consciência e reivindicando os seus direitos, cumprindo, de acordo com Acanda (2006), o seu papel na trama da sociedade civil, na difusão de valores e ideologias, e na expressão da vontade coletiva.

Ao analisar os documentos da organização, percebe-se que seus objetivos não mudaram, porém sua atuação sofreu as consequências dos conflitos inerentes à atuação do terceiro setor no Brasil e das transformações políticas ocorridas no país. Se no primeiro momento de ação da organização, com a *Tv Maxambomba*, um dos objetivos era fortalecer os grupos populares organizados, em suas iniciativas de cobrança e reivindicação, posteriormente essa ação da organização ganhava novos ares com a valorização da produção cultural, suavizando o caráter combativo da organização e dos grupos colaboradores. Importante retomar Gramsci (in ACANDA, 2006, p. 160), quando defende que o poder da classe se define no campo da cultura.

No que se refere à produção de mídia como um instrumento pedagógico, essa característica se manteve nos projetos analisados e se tornou a principal metodologia de trabalho com os jovens. Setton descreve seu olhar para mídia, olhar este que reflete adequadamente as ideias trabalhadas pelo CECIP em seus projetos:

[...] as mídias serão vistas aqui como espaços educativos na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias. Auxiliam, também, a formar

opinião sobre as coisas, ajudam todos nós a organizar uma forma de compreender e de se adaptar ao mundo. Parto do pressuposto de que toda a prática midiática é um ato de troca, um ato que exige a negociação de informação. (SETTON, 2010, p. 9)

O uso das mídias, fundamentalmente o audiovisual, e o estímulo à autonomia integram a metodologia de trabalho do CECIP com a juventude. No período em que os dois projetos, analisados nesta pesquisa, foram realizados, o CECIP se propunha a formar jovens no que se refere à produção de valores e à produção de conhecimento, para interferir nas políticas públicas para a juventude.

Ao longo do tempo, considerando a demanda juvenil, o CECIP vem inserindo em seus projetos o objetivo de profissionalização para inserção no mercado de trabalho. Esse novo objetivo deve seguir atrelado à formação humana, visto que é o diferencial dessa ação. Com o seu acúmulo de experiência e sistematização, a organização segue potencializando seu Estatuto, uma vez que o conhecimento acumulado vem pautando políticas públicas para a juventude, soma-se a isso o fato de o CECIP estar fazendo também a gestão dessas políticas, aumentando a dimensão de seu trabalho.

Essa mudança na atuação do CECIP é reflexo também das transformações e reformulações no papel do terceiro setor, conforme aponta Wanderley (2010), esse processo de parcerias entre governos, conselhos de governos e ONGs, para atuarem em projetos e programas sociais constituem em espaços públicos não estatais. Nesse panorama, os movimentos sociais e ONGs passam a fazer a gestão de políticas e não mais a oposição política, indicando que a sociedade civil assuma um caráter menos combativo. A contraposição feita pela sociedade civil passa a se dar “de dentro” de uma política e não de fora.

No âmbito de tantas transformações, o trabalho de organizações não governamentais segue sendo realizado na tentativa de eliminar as desigualdades e instaurar cidadania. Tais iniciativas, apesar de suas limitações, têm produzido resultados sociais que devem ser considerados, principalmente no âmbito do estímulo ao desenvolvimento da capacidade humana.

Voltando ao tema da juventude, no âmbito da ampliação da ação do CECIP, o que, de fato, representa ganho para a juventude da periferia carioca? Fundamentalmente, abre-se a possibilidade de ser mais assertivo no que se refere às necessidades e demandas da juventude, uma vez que a organização coloca o jovem no centro de sua formação, em segundo lugar, amplia-se a abrangência da ação, possibilitando que o maior número de jovens possa acessar essa

oportunidade, já que, á princípio, tornou-se uma ação permanente, sem tempo determinado para ser encerrado, pois se transformou em uma política de Estado.

Ao analisar as entrevistas dos jovens egressos, percebe-se grande satisfação em terem participado dos dois projetos. De maneira geral, os entrevistados expressam valores morais aprendidos, assim como grande capacidade intelectual. Expressaram eficiente habilidade para se relacionarem com o outro, compreensão do sentido da solidariedade e também explicitaram grande capacidade pessoal para gerir e administrar suas vidas. Ao relatarem a busca por seus objetivos, não se apresentou de forma nítida o desejo dos jovens de conquistarem seus objetivos coletivos, ou conquistarem seus objetivos de maneira coletiva e organizada. Os projetos não fortaleceram a organização juvenil e também a participação nos espaços formais de decisão e debate político.

Talvez esse seja um dos reflexos da mudança no próprio papel da sociedade civil, apresentada na primeira parte desse capítulo, que passa a fazer contraposição de dentro da estrutura do Estado e não de fora dele, atendendo ao projeto político hegemônico, que diminui o Estado, responsabiliza a sociedade civil e estimula a ação individual empreendedora.

O duplo sentido da sociedade civil e conseqüentemente das organizações que a compõem, expressam-se nesses projetos com jovens. Se por um lado, contribui para que os jovens tenham entendimento dos seus direitos enquanto cidadãos, fortalecendo suas consciências e aumentando suas capacidades de intervenção, por outro lado, estimula uma ação individualizada, onde cada um é responsável por si.

Certamente não se quer nesta pesquisa atribuir a sociedade civil o papel de únicos agentes na transformação da sociedade, na eliminação da desigualdade e na instauração da cidadania, pois se sabe que os espaços de participação e intervenção que se instauram são resultado de uma relação complexa de diferentes forças e de diferentes projetos políticos. O que se quer aqui é valorizar o fato de que o poder de transformação da realidade juvenil brasileira está no ato de cada jovem se instrumentalizar para pautar, interferir e monitorar as políticas públicas, que essa responsabilidade não seja, exclusivamente, das ONGs que legitimamente vêm representando diferentes grupos sociais.

Este estudo possibilitou a identificação de aprendizados e experiências comuns e também a existência de similaridade na trajetória de vida dos seis jovens entrevistados. No período dos projetos, esses jovens eram estudantes, o que já os diferenciava de uma parcela de jovens, pois

estes, junto com suas famílias, reconheciam a importância da escola, como espaço do aprender, para o seu desenvolvimento intelectual e profissional. Todos os jovens destacam aprendizados importantes. Para alguns, o projeto representou um momento decisivo e, para outros, uma fase importante da vida. Os aprendizados destacados pelos jovens estão ancorados na aquisição de valores, reconhecimento da identidade, vivência da sociabilidade e ampliação de projetos pessoais de vida. O desenvolvimento da formação moral. A participação nos projetos, possibilitaram o desenvolvimento de habilidades emancipatórias, fazendo com que criassem alternativas de inserção social, que contribuíssem para que se colocassem em um lugar de menor vulnerabilidade.

Todos os jovens destacam que aprenderam a partir das experiências vividas por outros jovens e pela interação entre os participantes. Citam os passeios e intervalos de “lanche” como um momento feliz de troca entre os iguais, onde eram estimulados a fazer “coisas” que não tinham hábito de fazer como, por exemplo, jogar futebol e desbravar locais da cidade do Rio de Janeiro. A companhia dos educadores, com trajetórias de vida muito semelhantes a dos outros jovens participantes, ficou marcada na memória dos jovens entrevistados e conseqüentemente reverberou em suas trajetórias. Os projetos representavam um espaço de construção da subjetividade, experiências que contribuíssem para a socialização juvenil.

Esses jovens, que durante os projetos, aprenderam a fazer uso da linguagem audiovisual, como um instrumento de expressão, assim como qualquer outro grupo de jovens que tem acesso à tecnologia e que são estimulados a fazer uso dela na sua vida cotidiana. A produção audiovisual continua fazendo parte da vida profissional de alguns dos entrevistados, enquanto que, para outros, não foi uma escolha profissional ou, então, não foi possível continuar na área. Em suas falas, não indicam que a capacitação técnica da qual participaram não tenha sido suficiente, a capacitação técnica profissional não era uma expectativa desses jovens. Os que tinham interesse em continuar na área foram em busca de outras possibilidades de formação.

Os seis demonstram ter objetivos de vida muito claros, objetivos estes que passam por escolhas profissionais, maneira de se relacionar com as pessoas, formação de família, assim como consciência sobre o lugar que querem ocupar na sociedade. A dimensão da formação do ser humano é o principal efeito dos projetos *Botando a Mão na Mídia* e *Essa Tv é Nossa* na vida dos jovens, o que possibilitou que estes criassem projetos de vida e, de maneira autônoma, criassem

diferentes estratégias para realizá-los e se inserirem socialmente, indicando uma diferença no modelo da trajetória de vida de seus pais e gerações anteriores.

Apesar desse crescimento pessoal, assim como grande parcela dos jovens moradores de periferia urbana, esses jovens, egressos desses projetos sociais, também seguem encontrando dificuldades no acesso à formação educacional de qualidade, na permanência em instituições de ensino e no mercado de trabalho, ocupando cargos com melhor remuneração. De fato, a inserção no mercado de trabalho, por exemplo, não era um dos objetivos dos projetos, mas essa realidade aponta para o vazio de políticas públicas que garantam a inserção juvenil. Essa integração do CECIP às políticas públicas pode contribuir para que os resultados dos novos projetos nessa dimensão sejam positivos.

Esses dados confirmam que a formação oferecida aos jovens pelo CECIP tem como principal objetivo a formação do ser humano e sua preparação para a vida. Ao refletir sobre a ação dos projetos sociais estudados, foi possível ampliar a compreensão sobre o sentido dessa formação. O conceito *ensino educativo*, de acordo com Morin, expressa adequadamente esse sentido.

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. (MORIN, 2011, p. 11),

Os projetos sociais contribuíram para que os jovens reorganizassem suas trajetórias de vida, a partir do acesso a uma tecnologia de informação, onde tiveram diferentes capacidades, mas faz-se importante realizar uma análise crítica, considerando um panorama mais geral da sociedade em que estamos inseridos. Wanderley aponta riscos na centralidade dos termos capacidade e oportunidades no processo de melhora de condição de vida pessoal.

[...] centrar a análise sobre os indivíduos em sua particularidade, de qualificá-los para o bom desempenho de funções requeridas pelo sistema, ajustando-os à normalidade existente; e por consequência, minimizar quer a atuação dos coletivos quer as possibilidades de mudanças básicas. [...] as escolhas pessoais certamente serão mais valiosas e virtuosas se atreladas às estratégias gerais. (WANDERLEY, 2010, p. 196)

Martín-Barbero utiliza as ideias de Hoppenhayan (2004) para expressar a tensão que existe no que se refere à condição juvenil, no sentido de equacionar as condições individuais dos jovens e as condições coletivas:

[...] estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidades de alcançar a educação e a informação, porém, muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada de maior aptidão para as mudanças produtivas, mas que acaba sendo, no entanto, a mais excluída desse processo; com maior afluência ao consumo simbólico, mas com forte restrição ao consumo material; com grande senso de protagonismo e senso de autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 12)

Essa análise contribui para a ideia de que, apesar de projetos sociais com grupos de jovens com identidades individuais, produzirem resultados satisfatórios, faz-se necessária uma análise estrutural, apontando a potencialidade da ação combinada entre governo, mercado e sociedade civil, na garantia dos direitos juvenis, fundamentalmente, nas ações que possibilitem aos jovens serem atores de mudanças nas suas realidades.

Esta pesquisa compreende que é recente a relação que vem sendo estabelecida entre juventude e sociedade civil no Brasil, daí a importância crescente desse tema, tendo em vista práticas políticas e os debates teóricos. No caso deste estudo, entendemos que o CECIP tem contribuições muito positivas para os necessários processos de criação de modelos de políticas públicas para a juventude, pois, acima de tudo, consegue estimular o desenvolvimento de valores que potencializam os jovens.

Essa inserção do CECIP se faz no interior de um eixo no qual a política pública deve se produzir valorizando o jovem como cidadão, numa linha emancipatória, que almeja um indivíduo protagonista de sua trajetória. A questão que se fez presente nesta pesquisa está no fato de que a atuação do CECIP, como se colocou anteriormente, está baseada em uma especificidade que pode se caracterizar como um limite, uma vez que a ONG está relacionada a financiadores originados do capital privado, mesmo considerando que, na atualidade, a ONG vem desenvolvendo projetos em parceria com setores governamentais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ACANDA, Jorge Luis. **Sociedade Civil e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: _____. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000, cap.7, pp. 147-178.

BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BÓGUS, Lucia; WOLF, Simone; CHAIA, Vera. **Pensamento e teoria nas Ciências Sociais**. Referências clássicas e contemporâneas. São Paulo: Educ, 2011.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Concepções de juventude, experimentação da violência, consumo cultural, vida e morte**, 2002/2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetojovensurbanos/downloads/primeira_etapa.pdf>. Acessado em 24 Jul. 2012.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Juventude e Políticas Públicas: via de mão duplan. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0251-3.pdf>>. Acessado em 30 Jan 2012

_____; FILHO, João Freire (Org.). **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

_____; LARA, M. R.; OLIVEIRA, R. A.; RANGEL, L. H. V.; ROCHA, R. M. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960-2000). In: ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo A. (org). **Jóvenes, cultura y política en América Latina: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960-2000)**.

Buenos Aires: Homo Sapiens/CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2010, cap. 10, p. 293.

_____; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves; ROCHA, Rose de Melo. Jovens urbanos: trajetórias partilhadas de pesquisa (2002/2008). *Urbane young people: shared trajectories of research* (2002/2008). **Revista Ponto-e-vírgula**, n. 4, pp. 231-253, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2004, pp. 1-29 (Texto para discussão, 1.038).

_____. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CASAL, Joaquim; GARCIA, Maribel; MERINO, Rafael; QUESADA, Miguel. Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva de la transición. **Paper Revista de Sociologia**, Universitat Autònoma de Barcelona, n. 79, pp. 21-48, 2006.

CECCON, Claudius; *A gramática simbólica*. In: **Revista Onda Jovem** – ano 3 – número 8. Instituto Votorantim. Julho/outubro 2007, pp. 33-35.

_____; ALDÈ, Lorenzo. Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) – Rio de Janeiro. In: VOLPI, Mário, PALAZZO, Ludimila (org.). **Mudando a sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo: sistematização da experiência**. Brasília: UNICEF, 2010, pp. 31-37.

_____; PAIVA, Jane (org.). **Bem pra lá do Fim do Mundo – Histórias de uma Experiência em Rancho Fundo, Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: CECIP, 2000.

ESTEVEES, Sílvia (org.). **Jovens escolhas em rede com o futuro**. São Paulo: Umbigo do Mundo, 2005.

FILÉ, Valter (org.). **Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 64-89.

GOUVEIA, Eliane Hojaij; BALTAR, Ronaldo; BERNARDO, Teresinha (Org.). **Ciências Sociais na atualidade: temáticas contemporâneas**. São Paulo, Educ, 2011.

GUERREIROS, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **RBCS**, v. 20, n. 58, jun/2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n58/25633.pdf>>. Acessado em 13 Mai/2010.

LECCARD, Carmen. Por um novo significado de futuro – mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, pp. 35-57, nov/2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educacion desde la comunicacion**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2003.

_____, **Ofício do Cartógrafo - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MIRANDA, Luciana Lobo. **Criadores de imagens, produtores de subjetividade: a experiência da TV Pínel e da Tv Maxambomba**. Rio de Janeiro: PUC RJ, Departamento de Psicologia, 2002.

MOMBERGER, Christine Delory. A história de vida: um cruzamento intercultural. **Educação & Linguagem**, ano 7, n. 9, pp. 55-72, 2004.

MORIN, Edgar. As três culturas; A crise da cultura cultivada; Cultura de massa. In: **Sociologia: do microsocial ao macroplanetário**. Portugal: Publicações Europa-América. pp. 263-300, s/d.

_____. **Cultura de massas no século XX: necrose**. Tradução de Agenor Soares Santos. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; Tradução de Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. **Além da imagem: experiências e memórias populares através da Tv Maxambomba**. Rio de Janeiro: UFF, Departamento de História, 2009.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um Estado para a Sociedade Civil – temas éticos e políticos da gestão democrática**. Cortez: São Paulo, 2004.

NOVAES, Regina Reys. “Prefácio”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp 105-120.

NOVAES, Regina Reys. Prefácio. In CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

_____; RIBEIRO, Eliane. **Livro das Juventudes Sul-americanas**. Rio de Janeiro, Ibase, 2010.

OSTROWER, Noni. **Botando a mão na mídia: um curso teórico-prático para educadores interessados em comunicação**. Rio de Janeiro: CECIP, 2006.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV (105-106), pp. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates – Jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2001.

PEIXOTO, Fernanda; ANDRADE, Luciana T. (Orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. São Paulo: Edusp/ Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2006.

PENIDO, Anna. Futuros possíveis. **Revista Onda Jovem** – Comunicação A contribuições das mídias à educação juvenil, Instituto Votorantim, pp. 36-39, 2007.

RIBEIRO, Eliane; LÂNES, Patrícia. **Diálogo Nacional para uma Política de Juventude**. Rio de Janeiro: Ibase e Pólis, 2006.

ROCHE, Chris. **Avaliação de impacto dos trabalhos de ONGs: aprendendo a valorizar as mudanças**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SETTON, Maria Graça Jacintho. Um novo capital cultural: predisposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 90, pp.77-105, jan/abr. 2005.

_____. Juventude, Mídia e TIC's. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999 – 2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, cap. 7, pp. 63-86, 2009, vol. 2.

_____. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010

SILVA, Enid Rocha; ANDRADE, Carla Coelho de. A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, cap. 4, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES, E. Filho (Org.). **Sociologia Simmel**. São Paulo, Ed. Ática, 1983, pp. 165-181 (Coleção Grandes Cientistas)

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo M. (Org.).

Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, pp. 87-128, 2005.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (Orgs.), **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios.** São Paulo: Humanitas, 2006.

TOKMAAN E, Victor; CORROCHANO, Maria Carla; GOUVÊA, Jorge Luiz. **Desemprego Juvenil no Cone Sul: uma análise de década.** São Paulo: Opções Prosur, 2003.

TOMMASI, Livia de. **Abordagens e práticas de trabalho com jovens das ONGs brasileiras.** Julho, 2004. Disponível em:
<http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Textosartigos/texto_livia.pdf>. Acessado em 08 Nov. 2012

TORO, Bernardo. Futuros possíveis. **Revista Onda Jovem** – Comunicação A contribuições das mídias à educação juvenil, Instituto Votorantim, 2007.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In: WANDERLEY, Mariângela Belfiore; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita. **Desigualdade e a questão social.** 3. ed. São Paulo: Educ, 2010.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva.** 3. ed. Brasília: UnB.

Sites Consultados

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em:
<<http://bdtb.ibict.br/>>. Acessado em: 21 a 23 Out. 2011.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior. Disponível em:
<<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acessado em: 21 a 23 Out. 2011.

CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular. Disponível em: <www.cecip.org.br>. Acessado em: 11 Nov. 2010.

Roda Viva – Entrevista com Edgar Morin em Out/2009. Disponível em: <<http://historica.me/profiles/blogs/entrevista-com-edgar-morin-um>>. Acessado em: 06 Mar. 2012

Scielo Brasil – Tempo Social, São Paulo, v. 7, n.2. Nov/2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200020>. Acessado em: 24 Out. 2011.

UNESC. Disponível em: <http://www.gedest.unesc.net/seilacs/botandoamao_noneostrower.pdf>. Acessado em: 17 Mar. 2012.